



Tatiana de Mello Pereira

**A doutrina da iluminação divina: a
investigação de Agostinho de
Hipona a verdade transmitida à
intelectualidade do homem por
intermédio da luz divina**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento
de Filosofia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho

Rio de Janeiro
Maio de 2020



Tatiana de Mello Pereira

A doutrina da iluminação divina: a investigação de Agostinho de Hipona a verdade transmitida à intelectualidade do homem por intermédio da luz divina.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho
Orientador
Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof. Paulo Sérgio Faitanin
Departamento de Filosofia — UFF

Prof. Renato Matoso Ribeiro Gomes Brandão
Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Tatiana de Mello Pereira

Graduou-se em Pedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira. Graduou-se em Filosofia (Bacharelado) pela UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2017. Lecionou em escolas privadas nos Municípios de São Gonçalo e Niterói, atualmente é Professora Docente II da Secretaria de Educação de Maricá.

Ficha Catalográfica

Pereira, Tatiana de Mello

A doutrina da iluminação divina: a investigação de Agostinho de Hipona a verdade transmitida à intelectualidade do homem por intermédio da luz divina / Tatiana de Mello Pereira ; orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho. – 2020.

134 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Agostinho de Hipona. 3. Epistemologia. 4. Sabedoria. 5. Subjetividade. 6. Iluminação Divina. I. Souza Filho, Danilo Marcondes de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Dedico aos meus pais, Fátima e Marilson, meus irmãos Bruno e Fabiana, com todo amor.

Ao Professor Danilo Marcondes pelo incentivo.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus. Aquele que revigora as minhas forças todos os dias, que tudo pode e sem Ele nada sou.

Ao querido professor Danilo Marcondes, agradeço por acreditar na minha pesquisa, pelo incentivo, orientação e carinho. Por compreender a minha ausência e a difícil tarefa de conciliar trabalho e estudo. Não existem palavras suficientes que expressem o meu carinho e gratidão. Muito Obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por isso, destaco o meu agradecimento pela bolsa concedida no segundo ano do mestrado.

Meus sinceros agradecimentos aos professores Paulo Faitanin e Renato Matoso pela participação da banca de defesa, pelas sutilezas nas palavras, pelos comentários, sugestões e conselhos.

Destaco aqui, em especial, a minha gratidão ao professor Paulo Faitanin pela generosidade e disposição da leitura atenta da minha dissertação e pelas valiosas observações.

Gratidão também a todos os professores do Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio que colaboraram para a minha formação acadêmica.

Não posso deixar de agradecer à PUC-Rio, aos funcionários eficientes de todos os setores que mantém o bom funcionamento da Instituição, em particular, agradeço à Edna, secretária do Departamento de Pós-Graduação em Filosofia, pela paciência e disposição em responder as minhas dúvidas e Nilton (CCPG) pela ajuda na formatação da dissertação.

Agradeço aos colegas da turma Raíssa que estive comigo no meu pior momento de mestranda, nunca me esquecerei do seu apoio, e ao colega Marcelo pelas conversas filosóficas.

Às queridas amigas Gabriela, Cláudia e Emilene pela amizade e torcida.

Por fim, mas não menos importante, sou imensamente grata a minha família, aos que estiveram por perto nesse caminho árduo, em especial, aos meus pais, Fátima e Marilson. Mesmo sem entenderem direito o processo no qual me encontrava agradeço pelo apoio constante e por estarem sempre próximos nesse período de experiência tão marcante na minha vida.

À minha querida irmã e amiga Fabiana, pela amizade, por me encorajar, pelas críticas, pelas palavras motivadoras que acalentaram o meu coração.

Com carinho, agradeço ao meu irmão Bruno pela amizade e incentivo.

Durante os dois anos de mestrado eu vivenciei muitos obstáculos, alegrias, angústias, medos, tristezas, decepções, mas todas as experiências me fortaleceram e contribuíram para o meu amadurecimento. Ao lembrar-me desse período, percebo Deus sobre a minha vida, pessoas que caminharam comigo e ergueram a mão em meu auxílio quando precisei. Em cada momento, tive a certeza de nunca estar sozinha. Por isso, sou eternamente grata às pessoas que fizeram desse período motivos para eu não desistir. Expresso meus sinceros agradecimentos a todos! Muito obrigada!

Resumo

Pereira, Tatiana de Mello; Souza Filho, Danilo Marcondes de. **A doutrina da iluminação divina: a investigação de Agostinho de Hipona a verdade transmitida à intelectualidade do homem por intermédio da luz divina.** Rio de Janeiro, 2020. 131p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Agostinho de Hipona em sua juventude investigou a aquisição de uma verdade dogmática. Durante o percurso tentou desvendar os segredos que envolvem o mundo, as fontes da sabedoria e as complexidades da natureza humana, especialmente, a parte que abrange a subjetividade. O pensamento agostiniano marca uma filosofia centralizada na racionalidade. A razão é uma força interior, o movimento oculto que o homem produz, capaz de discernir os conhecimentos apreendidos. Ao considerar a epistemologia, o bispo de Hipona enfatiza dois tipos de conhecimentos: os sensíveis e os inteligíveis. Os conhecimentos sensíveis são adquiridos pelos sentidos, através dos sentidos os homens comprovam a existência de um mundo tangível. O conhecimento inteligível, no que lhe concerne, é denominado verdade ou sabedoria. Esse conhecimento é compreendido como o conhecimento ontológico, é adquirido pela iluminação divina na intelectualidade. No entanto, para o homem alcançar esse saber é necessário a autoconscientização de si, fé e a elevação gradativa da alma em sete graus: animação, sensação, arte, virtude, tranquilidade, ingresso e sabedoria. As reflexões de Agostinho o levaram a acreditar que embora o ser racional seja de natureza temporal e contingente, recebe uma iluminação concedida pelo Mestre interior, um ser atemporal, o qual ensina os homens dispostos a aprender. No agostianismo, Deus é a única substância imutável, não é susceptível de acidentes, por isso, é a verdade. Como criador do homem, Deus inseriu na mente humana centelhas da mente divina, local em que ilumina com a luz inarrável, penetra e propaga o conhecimento indubitável através de um processo de interioridade. O filósofo identifica a verdade incorporada na

subjetividade dos homens. Em síntese, Agostinho caracteriza a sabedoria como operações intelectivas e espirituais, o maior grau do conhecimento.

Palavra-chave

Agostinho de Hipona; epistemologia; sabedoria; subjetividade; iluminação divina.

Abstract

Pereira, Tatiana de Mello; Souza Filho, Danilo Marcondes de. The doctrine of divine enlightenment: the investigation of Augustine of Hippo the truth transmitted to the intellectuality of man through the divine light. Rio de Janeiro, 2020. 131p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Augustine of Hippo in his youth investigated the acquisition of a dogmatic truth. Along the way, he tried to unravel the secrets that surround the world, the sources of wisdom and the complexities of human nature, especially the part that covers subjectivity. Augustinian thought marks a philosophy centered on rationality. The reason is an inner force, the hidden movement that man produces, capable of discerning the learned knowledge. When considering epistemology, the Bishop of Hippo emphasizes two types of knowledge: the sensitive and the intelligible. Sensitive knowledge is acquired by the senses, through the senses men prove the existence of a tangible world. Intelligible knowledge, as far as it is concerned, is called truth or wisdom. This knowledge is understood as ontological knowledge, it is acquired by divine enlightenment in intellectuality. However, for man to achieve this knowledge, self-awareness, faith and the gradual elevation of the soul in seven degrees are necessary: animation, sensation, art, virtue, tranquility, admission and wisdom. Augustine's reflections led him to believe that although the rational being is of a temporal and contingent nature, he receives an enlightenment granted by the inner Master, a timeless being, who teaches men willing to learn. In Augustinianism, God is the only immutable substance, it is not susceptible to accidents, so it is the truth. As the creator of man, God inserted in the human mind sparks of the divine mind, a place where he illuminates, with the unspeakable light, penetrates and propagates undoubted knowledge through a process of interiority. The philosopher identifies the truth embodied in the subjectivity of men. In short, Augustine characterizes wisdom as intellectual and spiritual operations, the highest degree of knowledge.

Keyword

Augustine of Hippo; epistemology; wisdom; subjectivity; divine enlightenment.

Sumário

1. Introdução	16
2. O percurso agostiniano na investigação da sabedoria	19
2.1. Agostinho e o amor filosófico	20
2.2. A busca da sabedoria no maniqueísmo	21
2.3. Uma hermenêutica do maniqueísmo: a seita gnóstica cristã	22
2.4. O princípio da cosmologia no maniqueísmo	24
2.4.1. Primeiro tempo da existência - o início do princípio cosmológico	24
2.4.2. O tempo médio da existência	25
2.4.3. O terceiro tempo (o final da luta entre a luz e as trevas)	29
2.5. A desilusão agostiniana com os fundamentos maniqueístas	30
2.6. Agostinho e a filosofia cética acadêmica	36
3. A refutação aos cétricos acadêmicos	40
3.1. Verdades incontestáveis no agostianismo	43
3.2. Agostinho e a investigação da verdade em outros princípios	46
3.3. O platonismo	48
3.4. A semelhança entre o platonismo e o cristianismo	53
3.5. Na perspectiva de Agostinho de Hipona, a obra <i>Timeu</i> equivale ao livro do <i>Gênesis</i> , o demiurgo platônico corresponde a Deus	56
3.6. Mundo sensível e mundo inteligível	58

4. O processo epistemológico no homem: conhecimento sensível versus conhecimento inteligível	60
4.1. A dessemelhança entre os dois tipos de conhecimentos	60
4.2. Conhecimento inteligível - as realidades eternas	62
4.3. Duas habilidades distintas no homem: sentir e entender	62
4.4. O processo aquisitivo da ciência	65
4.4.1. Vontade	66
4.4.2. Memória	68
4.4.3. Inteligência	71
4.5. O homem é a mais perfeita obra de Deus	72
4.6. A imagem e semelhança de Deus na criatura racional	74
4.7. A imagem da Trindade interiorizada no homem	75
4.8. Cristo: homem ou Deus?	76
4.9. Vestígios da Trindade no interior e exterior do ser racional	79
5. A doutrina da iluminação divina: a verdade revelada à razão humana por intermédio da ação divina	81
5.1. Deus é a sabedoria	83
5.2. Intelectualidade: a parte do homem que contempla a ciência eterna	84
5.3. Razão: fonte do conhecimento sobrenatural	85
5.4. A iluminação na alma pura	89
5.5. O processo aquisitivo da sabedoria	92
5.6. Para o homem conhecer a Deus primeiramente é imprescindível conhecer a si mesmo	93
5.7. Fé: o primeiro critério para a posse da verdade	95

6. Os graus de ascensão espiritual	99
6.1. Primeiro grau da potencialidade da alma: animação	100
6.2. Segundo grau: sensação	101
6.3. Terceiro grau: arte	101
6.4. Quarto grau: virtude	102
6.5. Quinto grau: tranquilidade	103
6.6. Sexto grau: início da iluminação	104
6.7. Sétimo grau: sabedoria	104
6.8. Os sete graus da alma e a relação com as sete bem-aventuranças e os sete dons do Espírito Santo	106
6.8.1. Primeira bem-aventurança: Temor de Deus	107
6.8.2. Segunda bem-aventurança: Piedade	108
6.8.3 Terceira bem-aventurança: Ciência	108
6.8.4. Quarta bem-aventurança: Fortaleza	109
6.8.5. Quinta bem-aventurança: Conselho	110
6.8.6. Sexta bem-aventurança: Inteligência	111
6.8.7. Sétima bem-aventurança: Sabedoria	113
6.8.8. Oitava bem-aventurança: é o retorno à primeiro	114
6.9. A semelhança entre os sete dons do Espírito Santo e as petições do Pai-nosso	115
6.9.1. Primeira petição: “Santificado seja o teu nome.”	117
6.9.2. Segunda petição: “Venha o teu reino.”	117
6.9.3. Terceira petição: “Seja realizada a tua vontade na terra como é realizada no céu.”	118
6.9.4. Quarta petição: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.”	119
6.9.5. Quinta petição: “E perdoai-nos as nossas dívidas como também perdoamos aos nossos devedores.”	119

6.9.6. Sexta petição: “Não nos deixeis cair em tentação.”	120
6.9.7. Sétima petição: “Mas livra-nos do mal.”	122
7. Considerações Finais	126
8. Referências Bibliográficas	133

A existência de Deus não é proclamada somente pela autoridade dos livros santos, mas toda a natureza que nos cerca e à qual pertencemos, proclama que reconhece a existência de um Criador excelso. Ele que nos deu a mente e a razão natural, a qual nos possibilita preferir o ser vivente ao não vivente; os dotados de sentidos aos não sensitivos; os inteligentes aos irracionais; o que é imortal ao mortal; a potência à impotência; a justiça à injustiça; a beleza à deformidade; o bem ao mal; o incorruptível ao corruptível; o imutável ao mutável; o invisível ao visível; o incorpóreo ao corpóreo; a felicidade à desgraça. E porque antepomos, sem qualquer sombra de dúvida, o Criador às coisas criadas, é preciso que confessemos que Deus é a própria vida em plenitude, que tudo percebe e entende; que não pode morrer, corromper-se ou mudar-se; que não é dotado de corpo, mas é espírito, sumamente poderoso, justo, belo, ótimo e o mais feliz entre todos os espíritos.

Agostinho de Hipona

1. Introdução

A presente dissertação tem como objetivo examinar a filosofia desenvolvida pelo bispo de Hipona, a partir de uma abordagem pouco explorada no agostianismo. A proposta do trabalho consiste na análise do trajeto em que Agostinho percorreu em busca de uma verdade dogmática e do desenvolvimento da teoria da iluminação divina em seu pensamento. Pretende-se interpretar as próprias obras filosóficas e teológicas do autor, a levar em conta o contexto histórico que é fundamental na perspectiva agostiniana.

Aurélio Augustinus conhecido popularmente como Santo Agostinho ou Agostinho de Hipona foi filósofo, teólogo, escritor e bispo da Igreja Católica. Filho de Patrício e de Mônica, nasceu no dia 13 de novembro de 354 em Tagaste, atual Argélia, na África, morreu em 28 de agosto de 430 em Hipona, aos 75 anos de idade. Patrício era pagão e Mônica cristã, ambos tiveram importância na formação de Agostinho e de seus dois irmãos, Navígio e Perpétua. Enquanto Patrício preocupa-se com a formação e o futuro do filho, Mônica (designada Santa pela Igreja Católica) desejava aos seus filhos uma vida dedicada à espiritualidade e as obras da Igreja.

Compenetrado e com personalidade decisiva, o filósofo Agostinho, viveu entre a transição da antiguidade tardia e o início da Idade Média, suas obras é uma ponte de ligação entre dois períodos históricos, é um legado de informações e cultura da antiguidade. Com grandes habilidades estudou gramática, aritmética, latim, grego e retórica. A ideologia e a originalidade de seus livros exerceram grande influência no pensamento medieval e na modernidade. Suas obras abordam questões filosóficas pertinentes que influenciou o ocidente e a história da filosofia. Entre os assuntos tratados nas obras agostinianas podemos citar: à vontade do homem, as paixões da alma, a natureza humana, o maniqueísmo, o ceticismo acadêmico, teoria do conhecimento e doutrina da iluminação divina.

Inicialmente, Agostinho apresentou dúvidas e inquietações em relação à origem do universo, a moral no homem e o conhecimento verdadeiro. Fez um grande itinerário até se converter ao catolicismo, primeiro, foi maniqueu, depois cético, em seguida, cristão. Com grande habilidade retórica, relata o caminho da

conversão no livro *Confissões*. O itinerário possibilitou uma força propulsora para alcançar a sabedoria almejada desde a juventude. A investigação da sabedoria leva Agostinho a formular a doutrina da iluminação divina.

A filosofia agostiniana é uma incansável busca da verdade, um amor inexplicável ao conhecimento das realidades sensíveis e inteligíveis. Nada o desanima a procurar a verdade, pelo contrário, cada incerteza experimentada foi um impulso, um combustível que o movimentou a continuar a investigação acerca da sabedoria. Diante de várias buscas e tentativas, experimentou várias crenças como verdadeiras, entretanto, nenhuma delas apresentava um critério satisfatório para a obtenção da sabedoria. Após a conversão ao cristianismo, à crença do filósofo era voltado para as causas divinas transmitidas por Deus, segundo ele, o conhecimento imutável era obtido exclusivamente pela ação divina.

A dissertação apresenta dois objetivos: relatar a dimensão da busca pelo conhecimento verdadeiro e apresentar o processo da aquisição da verdade transmitida à razão humana através da iluminação divina nas reflexões do filósofo Agostinho de Hipona. Para a concretização do referido trabalho foram utilizadas as próprias obras do autor como fontes primárias.

Para o desenvolvimento do trabalho faz-se necessário estabelecer uma linha de raciocínio que se desdobrará em duas partes. A primeira parte refere-se aos três primeiros capítulos que interpretará o itinerário que Agostinho percorreu em busca da verdade. A segunda parte consiste nos dois últimos capítulos que relatará o processo da doutrina da iluminação divina. Vale frisar que o desenvolvimento pleno dessa doutrina refere-se à elevação da alma em sete graus, em que a faculdade intelectual apresenta comunhão com Deus, uma vez que a razão é específica e autêntica parte subjetiva do homem. A doutrina da iluminação divina visa à defesa de um conhecimento sólido e imutável na natureza humana.

Há vista disso, a presente dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo introduzirá a juventude do bispo de Hipona, a evidenciar o ingresso ao maniqueísmo, às desilusões e a refutação à doutrina maniqueia. O segundo capítulo abordará o ceticismo acadêmico, a posição cética, seus fundamentos e a crítica dirigida por Agostinho a essa corrente filosófica derivada da impossibilidade do homem adquirir a certeza de algo. Também tratará da leitura feita pelo bispo de Hipona das obras de Platão, dos neoplatônicos e a cristianização da doutrina platônica. O terceiro capítulo evidenciará a distinção

entre os conhecimentos sensíveis e inteligíveis e a solução encontrada pelo bispo de Hipona ao problema epistemológico.

O quarto capítulo desenvolverá os critérios estabelecidos por Agostinho para que o homem seja iluminado pela luz divina. O último capítulo visa contribuir para o entendimento do processo da aquisição da verdade, discorrerá a potencialidade da alma e os sete graus de perfeição para que o espírito receba a iluminação divina. Por fim, a consideração final englobará os conteúdos expostos e a solução levantada por Agostinho na aquisição da sabedoria, na subjetividade do homem.

Nesse sentido, o presente trabalho demonstrará uma interpretação da condição epistemológica humana, com foco na racionalidade que permite o homem ser diferente dos demais seres. É preciso sublinhar os limites do homem e a ação ontológica que intervém para a transmissão da sabedoria. Através dos conceitos fundamentais de corpo e alma, fé e razão, é possível vislumbrar como é articulado o pensamento do bispo de Hipona. Deste modo, a dissertação introduz os aspectos centrais e relevantes da teoria da iluminação divina de forma interpretativa do pensamento de Agostinho, a buscar delinear as discussões referentes à obtenção de um conhecimento sólido na interioridade, isto é, na razão, a capacidade intelectual do homem.

2. O percurso agostiniano na investigação da sabedoria

Confissões é uma obra filosófica de Agostinho de Hipona na qual o próprio autor narra os sentimentos e frustrações em que sua alma vivenciou a procura do conhecimento sólido. O livro descreve a infância, a trajetória agostiniana iniciada na juventude até a conversão ao cristianismo, dos caminhos percorridos e das desilusões experimentadas em crenças supostamente falsas. O filósofo acredita que desde o seio de sua mãe ouvira falar da vida eterna, não duvida dos cuidados de Deus para com ele. No período de meninice, recebeu o sal divino e foi marcado pelo sinal da cruz.

Contudo, graças sejam dadas a ti, Senhor, Criador e Ordenador do universo, ainda que me houvesse destinado a ser apenas criança. Pois já então eu existia, vivia, usava dos sentidos, cuidava da minha conservação, imagem da tua unidade misteriosa, fonte do meu ser; já então vigiava com o sentido interior, para a preservação de todos os meus sentidos, e, até nas reflexões modestas sobre pequenas coisas eu me alegrava ao encontrar a verdade. Eu não aceitava em ser enganado, tinha boa memória, tinha facilidade para falar, era sensível a amizade; fugia da dor, da humilhação, da ignorância [...] Mas tudo isso são dons de meu Deus; não os recebi de mim mesmo; são coisas boas, e o conjunto deles constitui o meu eu.¹

Dotado de aptidão aos estudos, o pensador, durante a vida escolar, gostava de estudar latim, sobretudo os ensinados pelos gramáticos, repugnava o grego devido à obrigação imposta ao estudo das obras de Homero. Os deuses da mitologia grega, na sua ideologia, eram inaceitáveis, pelo fato de Homero atribuir qualidades divinas a homens viciosos.² Inconscientemente Agostinho, desde essa época, apresentava intelectualidade e inclinação à filosofia.

Na juventude, aos dezesseis anos de idade, trilhou um caminho profano, possuía uma vida repleta de prazeres, paixões e imoralidade, roubava coisas por puro prazer, gostava de praticar o mal e fazer o que era proibido. Durante essa fase de sua vida, os estudos foram interrompidos por motivos econômicos. Após

¹ AGOSTINHO, Santo. *Confissões* Tradução Maria Luzia Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984 (Coleção Patrística). I,20.

² *Ibidem*, I, 16.

sua conversão, reconhece que os vícios sedutores da juventude o satisfaziam ilusoriamente, visto que não compreendia a possibilidade de um ser divino saciar as exigências do espírito humano.

2.1. Agostinho e o amor filosófico

No ano de 373, Agostinho aos dezenove anos de idade, pela vaidade esforçava-se para ser o melhor aluno nas aulas de retórica, ao seguir o programa previsto pelo curso, leu o livro *Hortênsio* de Cícero. O pensador descreve o conteúdo da obra ciceriana como admirável, um elogio à filosofia como culto da sabedoria: “O livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hortênsio*. Devo dizer que ele mudou meus sentimentos [...] ele transformou as minhas aspirações e desejos.”³ Nos escritos, Cícero, censura e denuncia todos os filósofos, adverte para que ninguém seja escravizado e enganado pelas filosofias vã e sedutoras. Apesar de apresentar um conteúdo impecável, Agostinho, sentiu ausência do nome de Cristo no livro, analisa com perspicácia o assunto abordado e frisa que após a leitura da obra de Cícero passou a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria. Imediatamente, apaixonou-se pelo conteúdo contido no livro, que no grego tem o nome de filosofia e começou a se dedicar ao estudo do conhecimento verdadeiro. Iniciou a investigação nos escritos das Sagradas Escrituras, contudo, encontrou um livro misterioso, com interpretação árdua e indigna de ser comparada à majestade de Cícero.

Resolvi por isso dedicar-me ao estudo das Sagradas Escrituras, para combatê-las. E encontrei um livro que não se abre aos soberbos, e que também não se revela às crianças; humilde no começo, mas que nos leva aos píncaros e está envolto de mistério, à medida que se vai à frente. Eu era incapaz de nele penetrar ou de baixar a cabeça a sua entrada.⁴

³ Ibidem, III, 4.

⁴ Ibidem, III, 5.

A leitura da Divina Escritura não o apraz, pela incapacidade de compreendê-la e o doutor da Igreja Católica, tomado por uma curiosidade interior, resolve buscar a sabedoria em princípios compreensíveis.

2.2. A busca da sabedoria no maniqueísmo

Atraído pelo desejo de obter a sabedoria, aos vinte anos de idade, Agostinho de Hipona, ingressa no maniqueísmo pelo fato de fundamentar racionalmente a cosmologia e a moral. O maniqueísmo, fundado no século III, pelo líder religioso Mani ou Manés, possuía um conjunto de argumentos que, aparentemente, resolvia a questão do problema do mal nos gêneros humanos. Para os maniqueus, o mal ou pecado é natural no homem, é uma mistura ontológica das matérias do bem e do mal. Os seguidores de Mani confessavam que a alma em si é boa, em razão de ser criada por Deus, mas ao fundir-se com o corpo que tem substância do mal se torna perversa e má.

O profeta Mani, nasceu em 14 de abril de 216 d.C e morreu no ano de 277, aos 61 anos de idade, esfolado e crucificado pelos seus opositores. Por causa da crucificação, os maniqueus acreditam que a morte de seu líder assemelhava-se à morte de Cristo, por esse motivo Mani foi considerado o profeta anunciador, o enviado e escolhido por Jesus Cristo para transmitir o maniqueísmo, designado como a verdadeira religião.

Manés afirmava que o Espírito Santo habitava nele e considerava uma pessoa divina. Argumentava aos seus seguidores que, para serem salvos, deveriam professar apenas a religião revelada por ele, pois nenhuma outra apresentava a verdade. Reconhecia que era o paráclito, o enviado para libertar a humanidade, o último profeta enviado por Deus e escolhido para continuar a tradição iniciada por Adão até Jesus. Acreditava que seria o responsável pelo término da história, em outras palavras, o apocalipse, aquele que prepararia o mundo para a grande batalha final entre os princípios ontológicos do Reino da Luz e o das Trevas. O

líder dos maniqueus produziu sete livros nomeados como as *Escrituras Maniqueias ou Cânon oficial do maniqueísmo*.⁵

Seduzido por essa crença, o santo doutor da Igreja, adotou o maniqueísmo como a verdade, a única doutrina que revelava o conhecimento verdadeiro. A temporária adesão do bispo de Hipona ao maniqueísmo durou nove anos, levando-se em conta que na época o maniqueísmo era considerado uma religião cristã altamente difundida, fundamentada e com grandes números de adeptos.

2.3. Uma hermenêutica do maniqueísmo: a seita gnóstica cristã

O maniqueísmo começou a ser fundamentado quando Mani, aos doze anos de idade, recebeu a visita de um anjo, mensageiro do Reino da Luz, segundo ele, o mensageiro seria o próprio Cristo que desceu do céu para anunciar a Boa Nova e o preparar para uma grande missão. O anjo afirmou a Mani, em sua aparição, que Mani era irmão gêmeo de Cristo, amigo e conhecedor da verdade,⁶ o escolhido por Deus para dar prosseguimento aos ensinamentos de Jesus Cristo.

Doze anos após o ocorrido, quando Mani estava com vinte e quatro anos de idade, o mensageiro, isto é, Cristo apareceu-lhe novamente e revelou os mistérios insondáveis, ordenou a proclamar a verdade divina e a missão de anunciar o evangelho da verdade.⁷ Mani, aos vinte e seis anos de idade, acreditava que era o paráclito, o escolhido do Pai para anunciar a nova fé⁸ e revelar os três tempos: o início, o meio e o fim de uma ontologia cosmológica dualista. O líder dos maniqueus atende ao chamado e começou a proclamar a Boa Nova. Para alcançar fiéis, a nova religião foi anunciada em diversos países por meio de pregações e missões, a crença expandiu-se rapidamente na Ásia, Europa e na África. O maniqueísmo trata-se, portanto, de uma seita profética, uma nova fé revelada por Mani.

⁵ COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo: História, Filosofia e Religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 203. P. 119.

⁶ Ibidem, p. 32.

⁷ Ibidem, p.34.

⁸ Ibidem, p. 35.

Não há dúvida de que essa religião gnóstica cristã apresentava, supostamente, uma solução às questões que envolviam todos os males existentes no universo e na raça humana tais como: calamidades, epidemias, doenças, injustiças, ódios e maldades cometidas pelos homens. As temáticas evidenciadas na ideologia maniqueia foram solucionadas pelo dualismo. O dualismo consiste na existência de duas forças opostas no mundo em constante combate o bem e o mal. Mani empenhou-se em comprovar essa proposta religiosa dualista, propagou que a eterna luta entre o bem e a matéria do mal, ou seja, Deus e o demônio tem como resultado o universo e toda a história da humanidade. Para Marcos Roberto, a crença maniqueia é uma mistura de várias seitas e religiões, entretanto, de todas as combinações predomina o cristianismo.

[...] o maniqueísmo é, também, uma religião sincrética, que traz em seu bojo uma série de credos de várias seitas orientais e outras religiões, principalmente do cristianismo. Tudo condensado no Cânone de Mani. Tanto é assim, que os maniqueus davam uma ideia de continuidade entre o Novo Testamento e os escritos de Mani, da mesma forma como os cristãos concebiam a relação entre o Velho e o Novo Testamentos. E o próprio Mani tinha consciência de que era o enviado por Cristo para dar continuidade a seus ensinamentos [...]⁹

Dessemelhante dos autênticos cristãos, Mani rejeitava os escritos do Antigo Testamento, para ele, o Antigo Testamento era obra do Príncipe das Trevas, somente o Novo Testamento tinha Deus como autor, no entanto, questionava a composição dos livros do Novo Testamento. Esse religioso acrescentou textos apócrifos ¹⁰ à Escritura, negou a passagem referida ao nascimento de Jesus Cristo do ventre virginal de Maria,¹¹ assim como a morte e ressurreição de Cristo. Na doutrina maniqueia, Cristo procedido do Pai da Luz não nasceu e nem morreu corporalmente, pelo simples motivo de ser um espírito com aparência humana. Vale destacar que no maniqueísmo a salvação é dada por meio do intelecto, o *nous*.

⁹ Ibidem, p.130.

¹⁰ Texto que não possui o reconhecimento da autoridade canônica, ou seja, na concepção da Igreja Católica esses textos não foram propriamente inspirados por Deus.

¹¹ Op.cit, págs. 76 e 77.

2.4. O princípio da cosmologia no maniqueísmo

Os maniqueus fundamentavam a formação do mundo, tal como conhecemos atualmente, em três períodos ou tempos gnósticos: primeiro tempo; tempo médio e terceiro tempo.

2.4.1. Primeiro Tempo da existência - o início do princípio cosmológico

É notório acreditarmos que no ponto de vista maniqueísta o primeiro tempo constituía a origem ontológica de dois reinos, o Reino da Luz (bem ou Deus) e o Reino das Trevas (mal ou matéria). Esses dois reinos são incriados, eternos, infinitos e ilimitados,¹² opostos e vivem em constante dualismo radical entre as forças do bem e do mal. Os dois reinos são coeternos, possuem potências iguais e são independentes, apesar disso, na cosmologia maniqueia o Reino da Luz, no tempo final, estaria em nível superior ao Reino das Trevas. Trata-se, portanto, de dois reinos e fontes originárias do universo com substâncias diferentes, porém, com o mesmo nível de poder.

Nos dois princípios, o bem se refere ao reino repleto de brilho, paz e beleza dominado pelo Pai da Grandeza ou Pai da Luz. No reino da Luz existem cinco elementos: consciência (*nous*), razão, pensamento, visão e meditação.¹³ O Deus que habita nesse Reino, é um ser corpóreo, infinito, ilimitado e não possui uma forma humana.¹⁴ O mal, no que lhe concerne, é atribuído ao reino da escuridão, governado pelo Príncipe do Mal ou Príncipe das Trevas e os seus demônios arcontes. Os cinco mundos sobrepostos que constitui o Reino das Trevas são: fumaça, fogo, vento, água e escuridão¹⁵, o Príncipe do mal se diferencia do Pai da Grandeza pela essência.

¹² Ibidem, p. 50.

¹³ Ibidem, p.158.

¹⁴ Ibidem, p. 44.

¹⁵ Ibidem, p. 158.

2.4.2. O Tempo Médio da existência

No tempo médio, o universo, os seres humanos e as criaturas foram instituídos, todos os corpos existentes eram uma mescla da luz e das trevas. Esse período foi dividido em três momentos distintos¹⁶ cujos objetivos era libertar as partículas de luzes presas na matéria do mal.

Segundo o mito maniqueu, o Príncipe das Trevas dominado pela inveja da majestade do Pai da Grandeza, da sua paz, luz e poder, tinha a pretensão de se igualar a ele. Para isso, transformou os elementos da matéria: fumaça, trevas, fogo, água e vento em criaturas abomináveis com poderes malignos que se tornaram filhos das trevas, ou seja, os demônios. O Príncipe das Trevas junto com os demônios deslocou-se ao Reino da Luz, invadiram e lutaram para conquistar o local. A partir desse acontecimento, o primeiro momento ocorre quando o Pai da Grandeza, em defesa de seu Reino, emana de sua própria essência o Homem Primordial¹⁷, o primeiro enviado para salvar o Reino de Luz. Pelo fato de ser emanado de Deus, o Homem Primordial é parte do criador, possui a substância luminosa e a alma do Pai.

Em proteção ao Reino da Luz, o primeiro enviado, estabelece a retirada do demônio e de seus filhos do império. Ao lutar com as trevas perde a batalha, derrotado torna-se prisioneiro. É ingerido pela substância do mal, por isso, os demônios passam a terem partículas de luzes dentro de si. Em consequência desse ocorrido, as trevas ficam unidas à luz, no interior da matéria das trevas habita fragmentos luminosos de Deus. O Homem Primordial, ao se conscientizar que perdeu a luta, suplica ao seu pai. O Pai da Grandeza ouve o clamor e, faz um novo ato de salvação com o desejo de resgatar a parte ingerida pelas trevas. O Pai da Luz emana novamente de si o Espírito Vivificador¹⁸, nisto consiste o segundo momento do tempo médio.

¹⁶ Ibidem, págs. 50-87.

¹⁷ Segundo Costa (2003, p.52 et seq.) o Homem Primordial também é denominado de Homem Primeiro; Primeiro Enviado; Segunda Grandeza do Reino da Luz; Originário (no mandeísmo, *Ohrmizd*).

¹⁸ Para Costa (2003, págs 58-59) no maniqueísmo o Espírito Vivificador é conhecido também como Segundo Enviado; Terceira Grandeza do Reino da Luz; Amigo da Luz; Grande Arquiteto, demiurgo.

O Espírito Vivificador, dirige-se ao Reino das Trevas com seus cinco filhos: inteligência, ciência, reflexão, pensamento e consciência com o propósito de resgatar a luz ingerida pelas trevas. Ao chegar no Reino do mal, o Espírito Vivificador realiza um grito de libertação e retira o Homem Primordial do aprisionamento em que se encontrava. No entanto, o ato salvífico não tem um resultado eficaz e os cinco filhos da luz foram deixados no reino das Trevas. À vista disso, o Segundo Enviado cria o tempo cronológico:

E finalmente, libertou uma parte da luz que estava prisioneira na matéria e criou o sol, a lua, as estrelas e os cinco planetas (naves luminosas) e os colocou em movimento gerando os dias, as semanas, os meses e os anos.¹⁹

O terceiro momento do tempo médio começa quando o Pai da Grandeza, em uma nova tentativa para resgatar os cinco filhos da luz, faz a terceira emanção, o Terceiro Enviado²⁰. A Virgem da Luz, derivada da substância do próprio Deus, foi criada com a intenção de despertar os desejos carnis dos demônios.

O Terceiro Enviado, por sua vez, adota a bela e majestosa forma feminina de Virgem da Luz, ou Mãe da Vida, que, na sua desnudez radiante, excita os desejos carnis dos arcanjos do mal (demônios), que expelem seu esperma. Uma parte do esperma sobe em direção a Luz e outra cai sobre a terra úmida, fecundando-a, dando origem às árvores e aos animais, dentre eles a primeira dupla de seres humanos: Adão e Eva.²¹

Mediante a citação acima, os animais, Adão, Eva, e toda a humanidade nascem dos espermas dos demônios que caem na terra ao serem excitados pela Virgem da Luz. Isso remete que todas as matérias, árvores, plantas, animais e seres humanos são derivados da mistura da luz e das trevas, possuem em si as duas naturezas divergentes, o bem e o mal. Segundo os maniqueus a alma e toda matéria apresentam partículas da luz e das trevas. O mito narrado introduz as ideias maniqueias, principalmente o fato do mal está presente na essência do homem, uma vez que a raça humana é o resultado da mistura de duas substâncias.

¹⁹ Ibidem, p. 59.

²⁰ De acordo com Costa (2003, p. 59) o Terceiro Enviado também é designado, nesta obra, de Quarta Grandeza do Reino; Grande Espírito; Mãe da Vida; Virgem da Luz.

²¹ Ibidem, p. 59.

A doutrina maniqueísta assume a posição de que o mal é peculiar à natureza corpórea do homem.

Dando continuidade ao mito, o Pai da Grandeza com o objetivo de libertar a humanidade e salvá-la do mal existente na matéria do homem, emana pela quarta vez e cria Jesus Cristo²², o espírito da Luz, a Quinta Grandeza do Reino.

Para o maniqueísmo, Jesus é o responsável em transmitir a Adão e seus descendentes a grande mensagem ou grito de libertação – a *tôchme*, ou a gnose -, e que os maniqueus entendiam sob três figuras ou aspectos. Ou melhor, os maniqueus davam três nomes a Jesus, cada um refletindo uma dimensão ou função mas, no fundo, trata-se de uma só entidade: Jesus – uma emanção do Pai da Luz manchadas e aprisionadas na matéria desde a luta inicial entre o Bem e o Mal.²³

A Quinta Grandeza do Reino foi emanada para salvar a alma do homem. A salvação dar-se-á pelo conhecimento da consciência. O Quarto Enviado tinha como tarefa libertar a alma, isto é, conscientizar os homens das partículas da luz presa ao corpo. Desse modo, ao libertar a humanidade Jesus estaria libertando a si mesmo. A mensagem transmitida por Jesus faz o homem se conscientizar de sua salvação e da dualidade existente em sua natureza. A partir do grito de libertação do Rei da Luz, a raça humana adquire o conhecimento de si e de sua condição humana, libertar-se quando a alma percebe a parte divina em sua natureza, que é aterrorizada pela matéria do mal e da maldição dualista a qual o cerca.

E assim, ao adquirir consciência e conhecimento de si mesma, ao reencontrar-se a si mesma e em si mesma, a alma se aparta automaticamente do que não é ela, do que lhe é estranho, quer dizer, da matéria, ou da carne; ou há uma separação entre ela e o mal. A alma toma consciência de seus deveres e poderes.²⁴

Na seita gnóstica de Mani, Jesus Cristo é um profeta, assim como o profeta João preparou a vinda de Cristo para os católicos, Jesus Cristo para os maniqueus é o profeta incumbido de preparar a vinda do líder maniqueu. Mani considerava aquele que libertaria definitivamente o povo, o paráclito escolhido por Deus. Jesus era um profeta, como outros citados na Sagrada Escritura, pelo fato de ser emanado do Pai da Luz era considerado apenas a manifestação de Deus, similar a

²² Segundo Costa (2003, p. 64 et seq) Jesus Cristo é conhecido também no mito como Quinta Grandeza do Reino; o Quarto Enviado, o *Nous*, Esplendor ou Rei da Luz.

²³ Ibidem, p. 64.

²⁴ Ibidem, p. 95.

Buda e Zoroastro.²⁵ Segundo Marcos Roberto, no maniqueísmo todos os profetas incluindo Jesus prepararam a vinda do líder dos maniqueus, consagrado como o último profeta e a encarnação do Espírito Santo: “Todos esses enviados são uma réplica humana do Salvador- o *Nous*, enviados para preparar a vinda de Mani, o último dos profetas [...]”²⁶ Por essa razão, Mani se apresentava como o último apóstolo de Cristo, o mensageiro que iniciaria a última etapa da libertação, o Espírito Santo encarnado, aquele que direcionaria a humanidade a verdadeira religião e a salvação.

No terceiro tempo inicia a etapa final, a última luta entre os reinos da Luz e das Trevas, o retorno das substâncias do bem e do mal aos seus reinos. Mani acreditava que nesse tempo iniciaria uma guerra, o juízo final que libertaria definitivamente o bem aprisionado pelo mal.

Portanto, Mani não data o fim do mundo ou Último Dia, dia em que se encerram os 1468 anos do grande incêndio, quando acontecerá o juízo final; diz, apenas, que ocorrerá quando a grande maioria dos homens se converterem ao maniqueísmo e seguirem, fielmente, a moral ascética.²⁷

O bem se separaria do mal após o apocalipse, ocorreria à libertação das partículas de Luz na matéria e todos os eleitos, aqueles que se convertessem ao maniqueísmo, iriam para o Reino da Luz local em que habitaria eternamente. Ao passo que os demônios e os condenados não convertidos iriam para o Reino das Trevas. As matérias e o mundo físico se desmoronariam, aniquilando todos os corpos existentes.

E Mani tem consciência de que ele é o início desse terceiro estágio, ou que ele é o responsável por criar uma nova religião universal, a verdadeira Igreja, aquela que está destinada a suplantar a todas as demais antes do final dos tempos, já que, em virtude de sua evidência e sua certeza, estaria destinada a conquistar, para si, as demais religiões, convertendo-se, assim, na única religião. Para ele, as demais religiões que o antecederam não eram senão verdades incompletas.²⁸

²⁵ Buda e Zoroastro foram líderes religiosos fundadores de uma filosofia de vida e de suas próprias religiões. Buda fundou o budismo e Zoroastro o **zoroastrismo** ou masdeísmo uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia.

²⁶ Op.cit, p. 78.

²⁷ Ibidem, p. 84.

²⁸ Ibidem, p. 85.

Agostinho na juventude foi atraído ao maniqueísmo pelo motivo dessa seita gnóstico-cristã solucionar racionalmente o problema que envolve o mal moral no homem. Na concepção maniqueia, na alma do homem, simultaneamente, há duas naturezas distintas: uma boa e outra má. A parte boa é proveniente da luz e a parte má das trevas, a partir dessa ideologia explica a existência do mal no homem. Na convicção maniqueísta o mal é involuntário no ser humano, uma vez que faz parte da natureza humana, todo mal praticado pelo homem não é planejado, é inelutável, predeterminado e não corresponde a uma escolha. Na seita maniqueia era proibido matar animais, arrancar árvores e danificar a natureza visto que continha partículas luminosas. Ao realizar tais atos, o homem atrasaria a sua libertação. O sábio Agostinho questiona, no livro *Confissões*, a colocação dos maniqueus:

[...] me deixara induzir a crer em tolices, como por exemplo, que o figo chora lágrimas de leite ao ser colhido, como também sua mãe, a figueira. Mas se algum eleito comesse com naturalidade o figo, criminosamente colhido por outro e não por ele, desse figo macerado nas estranhas, através de orações, gemidos e soluções, sairiam anjos e até partículas de Deus, do soberano e verdadeiro Deus, que teria ficado prisioneiras nesse fruto, caso não tivessem sido liberadas pelos dentes e estomago dos eleitos.²⁹

2.4.3. O Terceiro tempo (o final da luta entre a luz e as trevas)

Sabe-se que o fim do mito cosmológico seria, na concepção de Mani, a separação entre o bem e o mal, o desprendimento da mescla entre a luz e as trevas. O terceiro tempo é o ponto final, o retorno ao dualismo radical, o término da batalha, onde o mal será derrotado e a luz triunfará como vitoriosa. As trevas não terão outra oportunidade de lutar com a luz.

²⁹AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. III, 10.

2.5. A desilusão agostiniana com os fundamentos maniqueístas

Ao conhecer os princípios do maniqueísmo, Agostinho começa a professar o dogma dos maniqueus, ignora outras realidades e apresenta a convicção de que adquiriu a verdade absoluta. No entanto, ao aprofundar seus estudos algumas questões referentes aos preceitos dessa seita o atormentam, especialmente, a moral maniqueia.

Eu ignorava a outra realidade, a verdadeira, é era levado a aceitar o que me parecia o penetrante raciocínio de estúpidos impostores, quando me faziam perguntas sobre a origem do mal, se Deus se circunscreve a uma forma corpórea, se tem unhas e cabelos, se devia considerar honesto quem tivesse ao mesmo tempo várias mulheres, quem assassinasse homens e quem sacrificasse animais. Na minha ignorância, ficava perturbado com tais perguntas, afastando-me da verdade enquanto acreditava aproximar-me dela. Pois eu não sabia que o mal é apenas a privação do bem, privação esta que chega ao nada absoluto.³⁰

O filósofo começa a questionar os erros dos maniqueus, reconhece que a doutrina maniqueia profanava Deus, dizia inverdades sobre a natureza do homem e da existência do mundo. De fato, o pensador, dos dezenove aos vinte e oito anos de idade, foi seduzido e enganado pelos eleitos do maniqueísmo, porém, ao mesmo tempo foi sedutor e enganador ao ensinar às pessoas a ciência liberal da seita maniqueia.

Durante essa fase, o filósofo, influenciado pelos maniqueus interessou-se pela astrologia, dedicou-se ao estudo dos livros de horóscopo. Ao aprofundar o saber a respeito da astrologia examina e adverte que os homens ao consultarem os astrólogos ficam escravos de fatos futuros e incertos. O movimento fixo dos astros serve para estabelecer o tempo, as estações do ano, o dia e a noite, não para fazer adivinhações relacionadas ao futuro.

Mas de qualquer forma que venham a ser designados, permanecem astros criados, ordenados e queridos por Deus, cujo movimento fixo serve para distinguir e determinar o tempo. É simples notar este movimento, no dia do nascimento de cada pessoa, estabelecendo a respectiva relação, segundo as

³⁰ Ibidem, III, 7.

regras que os astrólogos descobriram e transmitiram. Porém, a Escritura reprovou-o dizendo: “Se puderam chegar a tanta ciência para chegar a determinar o tempo, por que não descobriram o Senhor?” (Sb 13,9).³¹

O bispo de Hipona tece, nas *Confissões*, que não cessava de consultar os embusteiros denominados astrólogos para adivinhar o futuro, esses por sua vez, antecipavam os acontecimentos não por arte das observações dos astros, mas sim, por sorte. Fundamentam suas previsões futuras baseados na situação e nos atos da pessoa que o interroga.³² Os astrólogos são pessoas falaciosas e praticam predições falsas, para Agostinho é impossível prever o destino pelo movimento dos astros, devido não exercem influência direta sobre os seres humanos.

Agostinho, através de sua experiência, divergiu dos ensinamentos os quais os maniqueus faziam sobre predições do futuro, embora reconheça que eles acertaram algumas previsões de fenômenos no espaço celeste:

[...] fizeram muitas descobertas e predisseram com antecipação de muitos anos os eclipses do sol e da lua, precisando o dia, a hora e o modo de cada evento, sem erro de cálculo. Em tudo sucedeu conforme tinham previsto. De suas descobertas resultaram as leis até hoje consultadas e usadas para predizer o ano, o mês, o dia, a hora dos eclipses totais ou parciais do sol e da lua; e o fenômeno se realiza segundo as previsões.³³

Em suas investigações concluiu que ao nascer uma criança o astrólogo, por meio da astrologia, averigua a posição dos corpos celestes, com base nisso, faz predição por meio de uma tabela astrológica do futuro da criança. Para Agostinho essas observações são aberrações, é impossível prever futuros por meio dos astros. A arte de prever o futuro não existe, as constelações não interferem na vida humana e os fatos exatos extraídos da observação dos astros não procedem da arte, mas sim do acaso. As predições não são frutos do movimento celestes.

Mediante a necessidade de mudar-se em prol de recomeçar a sua vida e continuar a investigação da sabedoria, o pensador, deixa Tagaste e vai em direção a Cartago, ambos situados na África. Em Cartago continuou a estudar retórica, leu e compreendeu sozinho a obra *As dez categorias* de Aristóteles. O livro aborda que toda a realidade material apresenta categorias fundamentais, como as

³¹ Idem, *A Doutrina Cristã*. II, 22.32.

³² Idem, *Confissões*. IV. 3.

³³ Ibidem, V, 3.

substâncias e as propriedades. A leitura dessa obra foi de extrema importância no percurso em que Agostinho percorreu em busca ao conhecimento verídico. Como um verdadeiro maniqueísmo, esse autor, buscava a sabedoria nos elementos corpóreos, não percebia que a única verdade futuramente, em sua filosofia, seria sobrenatural e incorpórea.

Esperançoso em solucionar as questões as quais o importunava, Agostinho em Cartago, aos vinte e nove anos de idade, conhece pessoalmente Fausto, o famoso bispo maniqueu. O Santo Doutor da Igreja esperava com entusiasmo a chegada do ilustre Fausto, para fazê-lo as objeções que o inquietava. Ao conhecê-lo se deparou com um homem altamente intelectual, amável, simpático, com uma admirável dialética, e se expressava de forma atraente. Era capaz de convencer e enganar qualquer pessoa. Ao mesmo tempo em que Agostinho estava fascinado pelo discurso de Fausto o atormentava o fato de não conseguir, no meio da multidão, perguntar sobre determinados assuntos os quais angustiavam. Na ocasião em que obteve um momento oportuno, o pensador apresentou questões sobre a doutrina maniqueísta e constatou que o bispo maniqueu não era mestre da verdade.

[...] então lhe apresentei algumas dificuldades que me perturbavam. Descobri logo que ele nada entendia das disciplinas liberais, com exceção da gramática, da qual conhecia apenas corriqueiro. Tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimas obras de Sêneca, algumas obras de poetas, e muitas poucas, de seus correligionários, escritos em latim mais cuidado. E, como se exercitava diariamente na oratória, havia adquirido facilidade de falar, tornado ainda mais agradável e sedutora pelo emprego inteligente de seu talento e de certa graça natural.³⁴

Fausto foi incapaz de responder as indagações, distorcia as verdades de Deus e as passagens da Sagrada Escritura. Agostinho não se convence e percebe as falhas nos fundamentos maniqueístas. Depois do ocorrido tem início, progressivamente, à decepção agostiniana aos fundamentos da seita maniqueia, entretanto, o bispo de Hipona resolve manter vínculos com os maniqueus até encontrar o argumento seguro que o levasse a sabedoria. Não se afastou de vez

³⁴ Ibidem, V, 6.

dos maniqueus, pelo fato de ambos possuírem um interesse em comum: a literatura.

Posteriormente, Agostinho deixa a África rumo à Itália, com a finalidade de ensinar retórica em outro continente e dedicar-se com mais afinco ao estudo, pois em Roma os alunos eram determinados, possuíam disciplina e levavam a sério o estudo. A ida à Itália foi o começo do desligamento de Agostinho da seita maniqueia. Em Roma, o autor, analisa as teorias maniqueístas e elabora argumentos para combater a seita criada por Mani.

Um ponto específico e muito importante à crítica agostiniana aos maniqueus se refere ao problema da origem do bem e do mal, o autor aludi que fortemente acreditou que o mal era uma substância.

[...] ora massa escura e disforme, ora espessa, chamada terra, ora tênue e sutil, como o ar, que os maniqueus imaginavam como um espírito maligno rastejando sobre a terra. Mas certa religiosidade que possuía me obrigava a crer que um deus bom não podia ter criado uma natureza má. Concluía daí que devia haver duas substâncias opostas entre si, ambas infinitas, sendo porém a má em medida mais limitada, e a boa em medida mais ampla. E desse princípio peçonhento derivavam todas as outras ideias errôneas.³⁵

O ser humano, para ele, não pode ser fruto do cruzamento entre luz e treva, a mistura de duas matérias contrárias. O indivíduo não possui a matéria do mal dentro de si, a obra má cometida pelo homem é fruto de sua escolha. O mal moral não é inato no homem, a má conduta praticada é escolha do próprio indivíduo.

Agostinho recusa o pressuposto de que uma parte da substância de Deus se misturaria com a natureza de uma força oposta e necessitaria de ajuda para libertá-lo. O bem e o mal, não são duas forças antagônicas com poderes iguais e princípios coeternos: “Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância.”³⁶ Nessa perspectiva, Deus é infinitamente bom, poderoso, superior a tudo e a todos, é o Sumo bem. Pelo fato de ser bom criou somente coisas boas, o mal não procede Dele. De onde procede o mal se não vem de Deus?

³⁵ Ibidem, V, 10.

³⁶ Ibidem, VII, 12.

Ora, todo bem procede de Deus, Não há de fato, realidade alguma que não proceda de Deus. Considera, agora, de onde pode proceder aquele movimento de aversão que nós reconhecemos constituir o pecado – sendo ele movimento defeituoso, e todo defeito vindo do não ser, não duvides de afirmar, sem hesitação, que ele não procede de Deus.³⁷

A fim de refutar as heresias professadas pela seita de Mani, o bispo de Hipona confessa a natureza do mal como nossa culpa, o mal é um ato da vontade, uma escolha a qual o homem decide pela sua livre vontade. Podemos definir o mal, com base no autor, como a ausência e privação do bem³⁸. O mal é a desobediência, o afastamento do homem ao Ser supremo. Essa colocação surge como um marco na tradição agostiniana.

É impossível que a vontade própria não caia sobre o homem como uma ruína e um peso imenso, se, por orgulho, antepõe-na à vontade do superior. Isso o experimentou o homem menosprezando o preceito de Deus e, com esta experiência, aprendeu a diferença entre o bem e o mal, ou seja, o bem da obediência e o mal da desobediência, ou seja, da soberba e da obstinação, da inominável imitação de Deus e da liberdade nociva. [...] Com efeito, não perceberíamos o mal, senão experimentando-o, porque não existiria mal algum, se não o cometêssemos. Não existe natureza alguma que seja má, mas a ausência de bem recebe este nome. Deus é o bem incomutável, e o homem, pelo que diz respeito à sua natureza, em que Deus o criou, é certamente um bem, mas não incomutável como é Deus. Mas um bem mutável que, estando depois do bem incomutável, torna-se melhor ao aderir ao bem incomutável, amando-o e servindo-o com a vontade racional e própria. Por isso, a vontade é uma natureza que envolve um grande bem, porque o recebeu também para poder aderir à natureza do sumo bem.³⁹

Empenhado em mostrar os erros dos maniqueus, Agostinho ataca os argumentos de Mani. Revela que dentro do coração humano sai a aversão ao bem, às imoralidades e às más intenções, o pensamento do homem que dirige as suas ações. Assume a posição de que o mal é a alteração da natureza perfeita do homem. Deus não é o autor do mal, mas do livre-arbítrio que é um bem. As ações más praticadas pelo indivíduo correspondem à liberdade concedida pelo criador.

³⁷ Idem, *O livre-arbítrio*. II, 20.54.

³⁸ Idem, *A Cidade de Deus Contra os pagãos* - Parte II. XI, XXII.

³⁹ Idem, *Comentários aos Gênesis*. VIII, XIV.31.

O livre-arbítrio é inerente ao homem, é um bem que procede de Deus, mesmo sendo um bem é a origem do mal derivado da vontade humana.

O filósofo busca comprovar, por meio da Sagrada Escritura, a existência do livre-arbítrio. Algumas passagens na Bíblia referem à liberdade inata no homem⁴⁰. Na concepção agostiniana a vontade é neutra, podemos usar para o bem ou para o mal. Embora o homem seja livre, a vontade humana pode tender para o mal, isto é, o pecado. Em síntese, existem duas condições para o homem fazer o bem, o livre-arbítrio e a graça de Deus. A graça age sobre a vontade do homem, conduz o sujeito a agir retamente e faz com que se inclina para o bem.

A infusão da graça de Deus torna boa a ação humana. A recusa do bem supremo e da graça divina gera à vontade corrompida, o vício e o pecado. O querer e a graça cooperam para o resultado final, isto é, os frutos produzidos.

[...] Deus criou o homem com o livre-arbítrio da vontade e, mediante os preceitos, ensina-lhe como deve viver. Assim, Deus vem em sua ajuda, enquanto pelo ensinamento elimina a ignorância, a fim de o ser humano saber o que deve evitar em suas ações e o que desejar. Desse modo, mediante a liberdade, de que é dotado por natureza, adentrando o caminho indicado, venha a merecer a vida bem-aventurada e eterna pela sua vida santa e piedosa⁴¹

A graça é um refúgio humano, o auxílio que concede forças ao homem para afastar-se do mal e fazer o bem. A liberdade sem o auxílio da graça inclina-se para o pecado e o mal. É mister que na doutrina agostiniana a graça é um amparo, não é uma recompensa, e sim, um dom concedido gratuitamente por Deus. Não se pode rejeitar totalmente a ideia de que somente o livre-arbítrio é suficiente para o homem praticar a ação boa, devido ao pecado original, o homem é impulsionado a fazer o mal e necessita do auxílio da graça.

A nossa vontade é sempre livre, mas não é sempre boa. Ou é livre da justiça, quando se sujeita ao pecado, e então é má, ou é livre do pecado quando serve à justiça, e nesse caso é boa. A graça de Deus, porém, é sempre boa, e faz com que tenha boa vontade quem antes a tinha má. Com seu auxílio, a vontade que começou a ser boa, cresce em tanta bondade que chega a

⁴⁰Agostinho cita na obra *A graça e a liberdade* algumas passagens na Sagrada Escritura referentes ao livre-arbítrio, tais como, Jo 15, 22; Sl 1,2; Rm 12,21; Sl 31, 9; Pr 3,7.11.27.29; Sl 35,4; Pr 10, 28; 1 Cor 15,34; 2 Cor 8,11; 1 Tm 4, 14; Fm14; dentre outras.

⁴¹Idem, *O espírito e a letra*, II, 4

cumprir os mandamentos divinos que quiser, quando o desejar com decisão.⁴²

O conteúdo ideológico da obra antimaniqueia, *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, de Agostinho gira em torno das heresias profanadas pelos maniqueus em referência a Sagrada Escritura, sobretudo, do livro do Gênesis no Antigo Testamento, o qual narra à criação do universo e dos seres viventes. A Bíblia é um refúgio encontrado, pelo pensador, para responder suas inquietações.

Os maniqueus costumam criticar as Escrituras do Antigo Testamento, que não conhecem, e, com essa crítica, zombar de nossos irmãos débeis e infantis e enganá-los, não encontrando estes como lhes responder, pois não há Escritura alguma que não possa ser criticada facilmente por parte daqueles que não a compreendem. [...] Muitos são indolentes em procurar a verdade, se não forem despertados do sono pelos incômodos e afrontas por parte dos hereges, e, assim, se envergonhem de sua incapacidade e percebam estar em perigo devido a essa mesma incapacidade. As pessoas que estão firmes na fé não se dobram perante os hereges, mas investigam com afinco o que lhes possam responder.⁴³

2.6. Agostinho e a filosofia cética acadêmica

Em busca de um argumento convincente, Agostinho leciona em Roma (Milão) no período de 384 a 386, nessa época havia uma crise cética. Após ler as obras do filósofo Acadêmico, Cícero, cujo escreveu sobre essa temática, as reflexões o levaram a adotar o ceticismo como a sabedoria desejada. É preciso notar que nessa fase da vida, o autor, duvidando das convicções maniqueias, desperta do sono de nove anos em que viveu no maniqueísmo e encontra critérios confiáveis no ceticismo acadêmico.

As incertezas penetram na alma do bispo de Hipona e, por isso, aderi à filosofia cética acadêmica para combater aos maniqueus e torna-se um cético convicto. O argumento de que não poderia encontrar o caminho que conduziria a

⁴²Idem, *A graça e a liberdade*. XV, 31.

⁴³ Idem, *Sobre o Gênesis, Contra os Maniqueus*. I, I.2.

sabedoria o deslumbrava. Fica convencido pelas premissas de que o conhecimento verdadeiro é duvidoso. A sabedoria para Agostinho, assim como para os céticos, era inapreensível. Segundo os céticos, não existia uma verdade sólida e confiável, na alma dos céticos acadêmicos habita uma dúvida constante acerca de tudo. Os céticos são opostos aos dogmáticos, uma vez que sustenta a dúvida da verdade, negam a possibilidade do conhecimento e argumentam o fato de que o homem nada pode compreender.

Acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram os chamados Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, que o homem nada pode compreender da verdade. Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumente atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos.⁴⁴

O ceticismo é uma corrente filosófica a qual predomina o discurso de que o conhecimento da natureza e da realidade é impossível à razão humana. A certeza absoluta não existe e deve ser renunciada. Segundo Danilo Marcondes, na tradição cética, existe várias concepções diferentes, o ceticismo é uma tradição reconstruída com o tempo, não apresenta um momento inicial e a figura de um grande mestre.⁴⁵

Sabe-se que o ceticismo teve origem na antiguidade, pois Sexto Empírico registrou em suas *Hipotiposes pirrônicas* a distinção de três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética. A diferença primordial entre os acadêmicos e os céticos autênticos é que os primeiros afirmam a impossibilidade do homem encontrar a verdade, a certeza é algo impossível, enquanto os céticos seguem investigando (*skepsis*) a verdade. O ceticismo proveniente do pensamento de Pirro de Elis apresentava o propósito da constante investigação, na dúvida do conhecimento ser verdadeiro ou falso, continua a investigação. O objetivo da sua filosofia era anunciar a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*), em razão de que uma alma tranquila alcança a felicidade (*eudaimonia*). No entanto, não será necessário adentrarmos mais profundamente nesse assunto, a intenção era somente introduzir a dessemelhança entre o ceticismo acadêmico e o ceticismo

⁴⁴ Idem, *Confissões*. V,10.

⁴⁵ MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. p. 93.

pirrônico. O foco a partir de agora será o ceticismo acadêmico, o qual enfatiza a verdade como inacessível, o conhecimento para os acadêmicos é algo impossível.

O ceticismo acadêmico refere-se à fase cética da Academia de Platão⁴⁶ iniciada após sua morte. A Academia passou por várias fases durante os nove séculos de sua existência, entretanto, posterior à morte de Platão, a Academia liderada por Arcesilau e seus sucessores Carnéades, Clitômaco e Fílon de Larissa apresentou uma nova fase conhecida como Nova Academia. Ao assumir a liderança da Academia, Arcesilau, insere no platonismo, posições céticas derivadas de sua polêmica com os estóicos⁴⁷ em relação à epistemologia e ao critério de verdade.⁴⁸ E possivelmente, interpreta elementos céticos no pensamento de Platão.

De acordo com Danilo Marcondes, o sentido cético derivado de algumas obras platônicas corresponde a quatro elementos: 1) O modelo da dialética socrática; 2) o caráter aporético dos diálogos; 3) o reconhecimento da ignorância na célebre frase socrática “Só sei que nada sei” e 4) a discussão inserida no diálogo *Teeteto* acerca do conhecimento.⁴⁹ Na frase “Só sei que nada sei” é explícito que Sócrates admite a sua própria ignorância. Segundo Platão, quando Sócrates estava no Templo de Apolo em Delfos, afirmaram que ele era o homem mais sábio, ao ouvir essa sentença imediatamente responde com firmeza: "Só sei que nada sei". A resposta proferida por Sócrates apresenta raízes céticas, devido ao fato de enfatizar que a única certeza que possuía é que nada sabe. O diálogo *Teeteto* também contém raízes céticas, a obra apresenta uma discussão envolvendo a questão do conhecimento, os personagens do diálogo não encontram nenhuma definição aceitável para o assunto abordado.

Os argumentos dialéticos das obras de Platão fizeram os céticos acadêmicos elaborarem a formulação teórica de que nenhum conhecimento é possível, diante da impossibilidade de uma certeza, as informações obtidas pelos

⁴⁶ A Academia é o nome designado a escola filosófica fundada por Platão em Atenas no ano 387 a.C. e durou até 529 d.C. Durante o período de sua existência a Academia tinha como objetivo ensinar o pensamento filosófico de Platão.

⁴⁷ A escola estóica, fundado em Atenas por Zenão de Cítio em 300 a.C. compreende a filosofia sistematicamente e composta pela física, lógica e ética. Dentre as três a ética é a superior, devido a conduta ética garantir ao homem a felicidade.

⁴⁸ Marcondes, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. p. 96.

⁴⁹ *Ibidem*.

sentidos é apenas provável, razoável ou verossímil. Em linhas gerais, os cétricos acadêmicos afirmavam a incapacidade humana de apreender a realidade.

Após averiguar as premissas dos acadêmicos, Agostinho reconhece falhas, insiste na persuasão de que o homem pode atingir algumas verdades pelos sentidos e afirma que os acadêmicos eram inimigos do conhecimento humano, visto que contestavam a descoberta da verdade. É importante notar que na concepção agostiniana o ser racional, possuidor de faculdades, é capaz de atingir conhecimentos cognoscíveis e incognoscíveis, nisso consiste que todas as formas de conhecimento são possíveis.

O pensador não se cansa de investigar a verdade inalterável, a resposta convicta que satisfizesse as suas indagações. O erro dos cétricos acadêmicos não o desanimou, pelo contrário, foi um estímulo a não desistir de encontrar uma explicação plausível para as suas dúvidas, Agostinho não se aflige e nem se envergonha de errar: “Não me cansarei de procurar, se tiver alguma dúvida; e não me envergonharei de aprender, se cair em algum erro.”⁵⁰ A dúvida não é um obstáculo em sua vida, longe disso, é o que ocupa o seu pensar, é a fonte de toda a sua filosofia.

Todo aquele que ler estas explanações, quando tiver certeza do que afirmo, caminhe lado a lado comigo; quando duvidar como eu, investigue comigo; quando reconhecer que foi seu o erro, venha ter comigo; se o erro for o meu, chame minha atenção.⁵¹

Ao analisar as peculiaridades dos argumentos cétricos, Agostinho, discorda e considera que os acadêmicos interpretaram erradamente a suspensão do juízo ao declararem a inapreensibilidade universal. Em suma, os acadêmicos sustentam que tudo é incerto, põem em dúvida todas as doutrinas e conhecimentos existentes, o bispo de Hipona questiona essa corrente filosófica, reconhece a existência de conhecimentos apreensíveis.

⁵⁰ AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. I, 2.4

⁵¹ *Ibidem*, I, 3.5.

3. A refutação aos céticos acadêmicos

Agostinho de Hipona, no diálogo filosófico *Contra os acadêmicos*, refuta com argumentos persistentes as convicções dos filósofos Acadêmicos. O esforço agostiniano era de comprovar os erros dos céticos e enfatizar conhecimentos obtidos por meio dos sentidos. Não há dúvida, no agostianismo, de que o homem é apto a obter uma verdade, o ser humano pelas suas faculdades consegue adquirir o conhecimento. Na tentativa de provar a veracidade de certos conhecimentos assume a posição que a verdade somente Deus a conhece e talvez a alma humana. Em sua concepção é alicerçada a hipótese de que o sábio é aquele que possui a sabedoria, ou seja, “a ciência das coisas humanas e divinas”.⁵² O homem que compreende perfeitamente o seu espírito, as coisas dos homens e as de Deus é um sábio.

Para Agostinho os Acadêmicos compreenderam erroneamente os argumentos de Zenão⁵³, deduziram que nada pode ser percebido e a tarefa do sábio resume-se na busca da verdade. Não convinha ao sábio aprovar algo como certo, pois ao conceder o conhecimento como certo poderia errar.

Os Acadêmicos afirmavam que o homem não pode alcançar a ciência das coisas referentes à filosofia – Carnéades recusava ocupar-se de qualquer outra coisa - mas que pode ser sábio e que todo o dever do sábio [...] consiste na busca da verdade. Daqui resulta que o sábio não deve dar seu assentimento a nada, pois necessariamente erraria, o que para o sábio é um crime, se desse seu assentimento a coisas incertas. Não se limitavam a afirmar que tudo é incerto, mas também apoiavam sua tese com numerosos argumentos. Parece que tiraram sua doutrina de que a verdade é inacessível de uma definição do estoico Zenão [...]

54

⁵²Agostinho, na obra *Contra os Acadêmicos* I, VI, 16, define sabedoria como ciência das coisas humanas e divinas. Provavelmente essa definição foi derivada das obras de Cícero, embora, no livro *A Cidade de Deus*, o próprio autor comenta que Marco Terêncio Varrão foi um homem sábio, escreveu quarenta e um livros e dividiu-os em coisas humanas e divinas. Interpretou os mistérios das coisas do céu e da terra, nos livros dedicados as coisas divinas relatou o culto a um único Deus cujo governa o mundo com movimento e razão. Para Agostinho Varrão relatou um Deus idêntico dos cristãos, no entanto, não chegou ao conhecimento do Deus verdadeiro. *A Cidade de Deus – contra os pagãos*, IV, I / IV, XXXI / VI, II ao VI / VII, VI.

⁵³ O filósofo Zenão de Cítio (333-261 a.C.) fundou, na Grécia, o estoicismo. Zenão negava à metafísica e percebia a filosofia de forma assistemática, constituída de três partes: a física, a lógica e a ética. A ética em sua concepção era superior às demais, devido à conduta ética conduzir o homem a felicidade.

⁵⁴ AGOSTINHO, Santo. *Contra os Acadêmicos*. II, V, 11.

Ao examinar o posicionamento dos filósofos Acadêmicos, Agostinho concluiu que se originou da interpretação do pensamento de Zenão e da refutação aos estoicos. Zenão estabeleceu em sua filosofia “[...] que só se podia conhecer aquilo que de tal modo é verdadeiro que se distingue do falso por marcas de dessemelhança, e que o sábio não deve opinar”⁵⁵, acreditava que o verdadeiro é reconhecido por sinais que o falso não tem⁵⁶. Em conformidade com os Acadêmicos esses sinais, defendido por Zenão, nunca são encontrados, por esse motivo, tudo é duvidoso e incerto, sendo o homem incapaz de possuir o conhecimento de algo.

De acordo com Agostinho, Arcesilau analisou a colocação das palavras de Zenão e interpretou errado, assumiu a posição equivocada de que o homem jamais encontrará algo que distingue o verdadeiro do falso, portanto, o sábio não deve dar assentimento a nada. Assimilou do filósofo Zenão o fato de não existir nada mais desprezível que a opinião, deduziu que nada é cognoscível e o sábio nunca deve opinar um conhecimento como certo. O conhecimento é oculto, a verdade é apenas verossímil; razoável ou provável, a função do sábio era suspender o juízo acerca do conhecimento.

O sábio, conforme o doutor da Igreja afirma, pode chegar à verdade e não deve suspender o assentimento em conhecimentos confiáveis. O sábio é o indivíduo que procura a sabedoria, a encontra e se torna o conhecedor da verdade. A diferença específica entre os acadêmicos e Agostinho consiste em os céticos acadêmicos ressaltarem que a verdade não pode ser encontrada, enquanto para o filósofo cristão, o homem pode encontrar a sabedoria e tornar-se sábio⁵⁷. Mesmo sem a obtenção do conhecimento verdadeiro, os acadêmicos assumem a posição de que o homem pode ser sábio, essa premissa é incoerente na perspectiva de Agostinho de Hipona. O sábio apresentado pela corrente filosófica cética não pode ignorar a existência de um conhecimento verídico, se não existir a sabedoria, o sábio também é inexistente.

Agostinho elabora uma objeção para refutar completamente o pensamento dos Acadêmicos, declara que Carnéades nega que o próprio sábio conheça algo

⁵⁵ Ibidem, II, VI, 14.

⁵⁶ Ibidem, II, V, 11.

⁵⁷ Ibidem, II, IX, 23.

verdadeiro: “Este, porém, nega que o próprio sábio conhece alguma coisa como certo, nem mesmo a sabedoria, donde o sábio deriva o seu nome.”⁵⁸ questiona o fato dos Acadêmicos se considerarem sábios e rejeitarem que a palavra sábio procede da palavra sabedoria. Se a palavra sábio é derivado da palavra sabedoria, na teoria acadêmico houve um equívoco, pois acreditavam que o sábio não possuía a sabedoria, o que tornou contraditório o pensamento.

Se assim fosse, seria melhor dizer que o homem não pode alcançar a sabedoria que dizer que o sábio não sabe por que vive, como vive, nem se vive, enfim, o que ultrapassa tudo o que se pode dizer de absurdo, de extravagante e de insensato, que se pode ao mesmo tempo ser sábio e ignorar a sabedoria. Pois, o que é mais chocante: dizer que o homem não pode ser sábio ou dizer que o sábio ignora a sabedoria?⁵⁹

No raciocínio do bispo de Hipona não é pela definição de Zenão que os Acadêmicos se basearam para admitir a incompetência do homem na aquisição do conhecimento. A definição elaborada por Zenão, na lógica agostiniana, é aceitável, crê rigorosamente que o homem pode compreender e perceber algumas verdades, o sujeito nunca ficará sem saber nada.

Decidido responder para si mesmo de onde provém à fonte do conhecimento e fundamentar a possibilidade do conhecimento autêntico, Agostinho tenta desvendar a extensão que um conhecimento pode atingir e o grau de certeza que o homem pode ter relativo a uma verdade. Censura completamente a doutrina dos céticos acadêmicos e decide lutar contra dois argumentos defendidos pelos filósofos da nova Academia. O primeiro corresponde ao argumento “nada se pode conhecer”, e o outro “não se deve dar assentimento a nada.”⁶⁰ A realidade e as evidências das coisas são percebíveis, o fato de não conhecer nada equivale a dizer que Carnéades não sabe se ele mesmo é homem ou uma formiga⁶¹. As coisas são conhecíveis e algumas proposições não podem ser reduzidas a incertezas.

Efetivamente tenho por certo que o mundo é uno ou não é uno. Se não é uno, é de número finito ou infinito. Venha Carnéades

⁵⁸ Ibidem, III, VIII, 17.

⁵⁹ Ibidem, III, IX, 19.

⁶⁰ Ibidem, III, X, 22.

⁶¹ Ibidem, III, X, 22.

dizer que esta proposição é semelhante a uma proposição falsa! Sei igualmente que este nosso mundo está assim disposto ou pela natureza dos corpos ou por alguma providência, e que sempre existiu e sempre existirá, ou que, tendo começado, nunca terminará, ou, não tendo começado, terá um fim, ou que começou a existir e não permanecerá para sempre. Tenho ainda inúmeros outros conhecimentos físicos deste gênero referentes ao mundo. Estas proposições disjuntivas são verdadeiras e ninguém pode confundi-las com alguma semelhança com o falso.⁶²

3.1. Verdades incontestáveis no agostianismo

É preciso notar que no pensamento agostiniano não podemos suspender o assentimento a respeito de questões nas quais temos certeza. Alguns conhecimentos chegam à alma pelas experiências sensíveis. O mundo é perceptível e os sentidos captam o conhecimento da realidade concreta. Segundo o filósofo não podemos duvidar de algumas proposições quando estamos acordados, dormindo ou delirando, no último caso, quando deliramos dormindo, estamos delirando do mundo que conhecemos, logo não é uma coisa falsa. As falsas aparências produzidas quando se dorme ou no estado de alucinação pertencem ao domínio dos sentidos corporais. É inegável que tudo o que aparece aos sentidos é cognoscível.

As impressões das coisas que os sentidos fornecem são verdadeiras, mesmo quando não correspondem com a representação real do objeto. É incontestável as coisas que os olhos enxergam, do som que o ouvido ouve, do paladar dos alimentos e do odor que o olfato aspira. O homem conhece as coisas externas com os sentidos do corpo ao ver, cheirar, ouvir, saborear, tocar ou sentir.

Afirmo: quando um homem saboreia alguma coisa, pode jurar de boa-fé que sabe que tal coisa é suave ou não ao seu paladar e não há sofisma grego que possa retirar-lhe esse conhecimento. Quem teria o descaramento de dizer-me, quando estou saboreando alguma iguaria: talvez não estás saboreando, mas é

⁶² Ibidem, III, X, 23.

apenas um sonho? Por acaso estou dizendo o contrário? Pois mesmo em sonho isso me deleitaria.⁶³

Apesar de defender a tese em favor do conhecimento adquirido pelos sentidos, ao mesmo tempo em controvérsia, o próprio Agostinho evidencia que o homem não pode exigir dos sentidos a percepção de conhecimentos que estão fora de seu alcance. Embora seja raro, os sentidos podem falhar e colocar em dúvida a verdade. Pode ocorrer dos objetos perceptíveis aparecerem diferentes em comparação com a realidade. O falso pode aparecer aos sentidos como verdadeiro. Ilustra como exemplos uma pessoa que vê um remo imerso na água e tem a impressão de estar quebrado, ou os navegantes ao olharem para a torre tem a impressão de que se move.⁶⁴ No caso, o remo não aparece como realmente é, e a torre não se movimenta, porém essa representação não deixa de ser verdadeira.

O homem não é um ser ignorante de conhecimentos, a racionalidade obtém certezas através da percepção. A intuição sensível de que existimos é uma certeza indiscutível, o fato de duvidar das coisas é a prova de que o homem tem um raciocínio e, por esse motivo, vive. Os filósofos acadêmicos não apresentam argumentos contra os conhecimentos interiores como na proposição “Sei que vivo”⁶⁵.

É o que acontece com a filosofia acadêmica que de tal maneira tomou força que, duvidando de tudo, entregou-se a exageros com tanta maior infelicidade. Repito que, excetuadas as coisas que chegam a nós pelos sentidos, quantas outras restam que conhecemos com certeza, como, por exemplo, o fato de sabermos que estamos vivos. Neste pormenor, não tememos absolutamente ser enganados por falsa verossimilhança, pois aquele mesmo que se engana, vive, e também tem certeza disso. Nesta classe de percepção não acontece como se objeta das coisas exteriores, nas quais o olho pode errar, como realmente se engana, quando, por exemplo, vê na água o remo como que quebrado; e aos navegantes parece que as torres se movem na margem. Igualmente, acontece em outros múltiplos exemplos em que as coisas aparecem diferentes do que são na realidade. No caso presente, porém, não se trata de algo visto por nosso olho carnal. Sabemos que estamos vivos, por um conhecimento íntimo. Assim, um filósofo cético da Nova-Academia não pode sequer objetar: “Talvez estejas dormindo sem o saber e vês em sonhos o que julgas ver”. Pois, com efeito, quem não sabe que

⁶³ Ibidem, III, XI, 26.

⁶⁴ Idem, *A Trindade*. XV, 12, 21b.

⁶⁵ Ibidem.

as visões dos que estão dormindo são muito semelhantes às dos que estão despertos?⁶⁶

A verdade é algo primordial no agostinianismo, é o fundamento de sua filosofia. O autor estabelece que existem verdades indubitáveis, como a própria existência: “Pois, se me engano, existo. Quem não existe não pode enganar-se; por isso se me engano, existo”⁶⁷. Mesmo imerso em dúvidas, a sua existência é um conhecimento verídico. Várias faculdades dão evidências de uma certeza, até o fato de duvidar de algo é causada pela própria existência, a mente do homem tem o conhecimento de que vive e possui um pensamento:

Quem, porém, pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida lembra-se do motivo de sua dúvida; se duvida, entende que duvida; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve consentir temerariamente. Ainda que duvide de outras coisas não deve duvidar de sua dúvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa.⁶⁸

Os sentidos possibilitam ao homem atestar vários conhecimentos como a sua existência, a existência dos outros indivíduos, dos animais e dos lugares. O pensador africano assegura que além dos nossos sentidos, as impressões sensíveis dos outros acrescentam saberes em nós. Em seu pensamento há dois tipos de conhecimentos: “[...] um, das coisas que a alma capta pelos sentidos corporais; outro, das coisas que percebe por si mesma.”⁶⁹

Após analisar o ceticismo acadêmico, contesta os motivos que levaram os Acadêmicos a afirmarem a incapacidade humana de alcançar a sabedoria. Observa que Platão foi um filósofo sábio e aprendeu a filosofar com o mestre Sócrates, após a morte de Sócrates adquiriu também inúmeras conhecimentos com os Pitagóricos. Platão mediante as aprendizagens adicionou, em seu pensamento, a dialética socrática nas questões morais e a ciência das coisas humanas e divinas. Em suas obras registrou a filosofia como uma ciência perfeita, não consta em seus escritos a posição cética.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Idem, *A Cidade de Deus – Contra os pagãos*. XI, XXVI.

⁶⁸ Idem, *A Trindade*. X, 10, 14.

⁶⁹ Ibidem, XV, 12, 21b.

Na lógica agostiniana o homem é o único ser capaz de encontrar a certeza de algo, o autor prova que é possível ter a posse da verdade e que o sábio é aquele que tem a sabedoria, não o que busca.

Como os argumentos dos Acadêmicos me afastavam consideravelmente deste propósito, julgo ter-me armado suficientemente contra eles com a presente disputa. Todos sabem que somos levados à aprendizagem pelo duplo impulso de autoridade e da razão. Tenho a certeza de absolutamente nunca separar-me da autoridade de Cristo, pois não encontro outra mais poderosa. Quanto às coisas cujo estudo exige grande penetração da razão – pois estou em tal condição que desejo impacientemente compreender a verdade não só pela fé, mas também pela inteligência –, confio encontrar por ora entre os platônicos elementos que não contradigam a nossa sagrada doutrina.⁷⁰

3.2. Agostinho e a investigação a sabedoria em outros princípios

Agostinho persiste a investigação ao conhecimento inquestionável, em Milão, com o objetivo de dar aulas de retórica, encontrou-se com o bispo Ambrósio, um homem fiel e temente a Deus. Ambrósio o acolheu e alegrou-se com a sua chegada, o filósofo começou a estimá-lo, a princípio, como um homem bondoso e intelectual, não como mestre e conhecedor da verdade, pois não acreditava encontrar a sabedoria na Igreja Católica. A delicadeza do discurso do bispo Ambrósio o encantava e, sem notar, estava sendo conduzido ao cristianismo.

Eu me encantava com a suavidade de seu modo de discursar; era mais profundo, embora menos jocoso e agradável que o de Fausto quanto à forma. A respeito do conteúdo, porém, não era possível qualquer comparação: perdia-se este último entre as falsidades dos maniqueus, ao passo que o outro ensinava a doutrina mais sábia da salvação. Mas a salvação está longe dos ímpios. Eu era um deles, ainda que estivesse me aproximando dela paulatinamente e sem perceber.⁷¹

⁷⁰ Idem, *Contra os Acadêmicos*, III, XX, 43.

⁷¹ Idem, *Confissões*. V, 13.

Os sermões nas missas dominicais pregados por Ambrósio influenciavam as reflexões de Agostinho, o atraía pelo motivo de apresentar com seriedade a palavra de Deus. Nas pregações, o bispo de Milão, esclarecia as dúvidas de várias passagens referentes ao Antigo Testamento, da doutrina cristã, ademais, interpretava as narrações bíblicas dando-lhes significados espirituais. Poucos argumentos eram tão precisos, peculiares e com explicações plausíveis quanto ao do bispo Ambrósio. Entretanto, o filósofo não abraçou a fé cristã e insistia na busca de um argumento definitivo para combater os maniqueus.

Foi então que comecei a empenhar todas as forças do espírito na busca de um argumento decisivo para demonstrar a falsidade dos maniqueus [...] minhas reflexões e comparações me convenciam cada vez mais de que a maior parte dos filósofos tinham opiniões bem aceitáveis. Assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos - como se imagina comumente - flutuando entre todas as doutrinas, resolvi abandonar os maniqueus. Parece-me, nesse momento de dúvida, que não devia permanecer nessa seita, que eu colocava em plano inferior a alguns filósofos, se bem que recusasse terminantemente confiar a seus cuidados a fraqueza de minha alma, por ignorarem eles o nome de Cristo. Resolvi então permanecer como catecúmeno na Igreja Católica, conforme o desejo de meus pais, até que alguma certeza viesse apontar-me o caminho a seguir.⁷²

Encontrou na fé cristã um abrigo seguro, um local em que poderia depositar suas esperanças, visto que, em seu pensamento era mais modesto a fé ser prescrita como algo indemonstrável do que zombar dela como faziam os maniqueus. Sem saber desperta em seu interior a preferência pelo catolicismo, à interpretação do Livro Sagrada passa a ser seu objeto de ambição, esforça-se em examiná-la com empenho. De fato, no princípio rejeita o dogma cristão, porém as meditações da Bíblia adentravam seu coração e cogita o alcance à sabedoria. Tornou-se catecúmeno da Igreja católica e, através dos estudos, compreende a obscuridade da Sagrada Escritura. Agostinho não era o mesmo, as esperanças se renovaram. As armadilhas das premissas maniqueias e dos Acadêmicos não o atraía mais.

Eu sentia grande e ansiosa perplexidade ao lembrar-me do longo tempo decorrido desde os meu dezenove anos, quando

⁷² Ibidem, V, 14.

sentira pela primeira vez o amor da sabedoria, e já estava resolvido, uma vez que a encontrasse, a abandonar todas as ilusórias esperanças da vaidade e as falsas loucuras das paixões. Chegava eu aos trintas anos preso ao mesmo lodo, ávido de gozar os bens presentes que me fugiam e que me dissipavam. Enquanto isso, repetia: “Amanhã encontrarei a sabedoria; ela se manifestará a mim com clareza; então eu a possuirei. Fausto virá e tudo explicará. Ó grandes mestres da Academia! Nada se pode ser como certo para a conduta da vida”? Mas não! Busquemos com mais diligência e não desesperemos. De fato, as passagens dos Livros Sagrados que pareciam absurdas já não o são: Já é possível entendê-las de maneira diferente e digna. Firmarei os pés no degrau em que meus pais me colocaram quando criança, até encontrar a verdade clara.⁷³

Agostinho tinha a convicção de que para seguir, no cristianismo, era necessário fazer uma escolha: renunciar a vida de pecado. Até o momento não ocorria à ideia de uma entidade sobrenatural, um conhecimento inteligível. Acreditava que não existia nada além das coisas que ocupam um espaço e que os olhos possam enxergar. Então, compreende “[...] o que é imutável é melhor do que aquilo que pode mudar.”⁷⁴

3.3. O platonismo

Aos trinta anos de idade, Agostinho ao fazer a primeira leitura dos neoplatônicos, constata argumentos semelhantes à fé cristã. A leitura das obras de Platão e dos neoplatônicos Porfírio e Plotino⁷⁵ foi o marco decisivo para assumir o cristianismo como a certeza absoluta. Nos livros desses filósofos verificou proposições que comprovavam a existência de uma divindade. Plotino provou a

⁷³Ibidem, VI, 11.

⁷⁴Ibidem, VII, 1.

⁷⁵Os neoplatônicos Plotino e Porfírio reproduzem a doutrina de Platão por meio de uma interpretação espiritual. Porfírio foi discípulo de Plotino, é através dele que conhecemos o pensamento plotiniano. Fundamentado nas obras de Platão, Plotino acreditou que a realidade era una, eterna e imutável. O intelecto, originado na alma contempla o Uno, que por sua vez é um ser superior e transcendente, o princípio do universo. Para ele, a alma necessita apresentar certa religiosidade, desconectar de si mesmo, do corpo e do mundo sensível para contemplar o Uno. O Uno na interpretação agostiniana representa Deus, na obra *A Cidade de Deus* Agostinho reconhece que Porfírio disse coisas boas de Cristo e de sua bondade (XIX, XXIII), chegou a denominar Deus como Pai e Rei (XXII, XXV).

perfeição através da criação, a inteligibilidade e a imutabilidade divina. No pensamento plotiniano o menor objeto da criação terrestre mostra a Providência do Criador, a beleza das flores e das folhas manifesta a perfeição de Deus⁷⁶. O bispo de Hipona considerava Plotino o melhor interprete de Platão, pelo fato de esclarecer a alma humana, a mortalidade do corpo e a existência de um Ser soberano e sobrenatural. Os platônicos e os neoplatônicos sustentaram o modo de pensar de Platão, em seus livros insinuam a presença de uma luz imutável, no entanto, Agostinho não encontrou passagem referente a Cristo.

Tu me proporcionaste, através de um homem inflado de orgulho imenso, alguns livros dos platônicos traduzidos do grego para o latim, onde encontrei escrito, se não com as mesmas palavras, certamente com o mesmo significado e com muitas provas convincentes, o seguinte: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito. E o que foi, é a vida nele, e a vida era luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a apreenderam”. Aí encontrei também que a alma do homem, embora dê testemunho da luz não é a própria luz. Mas o verbo, que é Deus, é “a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu”.⁷⁷

Na interpretação do pensador se a palavra filósofo significa “amor à sabedoria”, filosofar é amar o Ser divino e incorpóreo. A doutrina dos neoplatônicos reconhece o amor e a adoração ao Deus único, apresenta fragmentos similares ao princípio cristão. Agostinho valoriza os escritos desses pensadores e aproxima o platonismo aos ensinamentos da Igreja Católica. É indiscutível a cristianização da filosofia de Platão e de seus sucessores.

O nome “filósofo”, traduzido ao português, significaria “amor à sabedoria”. Pois bem, se a sabedoria é Deus, por quem foram feitas todas as coisas, como demonstraram as autoridades divinas e a verdade, o verdadeiro filósofo é aquele que ama a Deus. Mas, como a realidade encerrada em tal nome não constitui patrimônio de todos quantos o trazem (não amam a verdadeira sabedoria todos quantos se chamam filósofos), torna-se preciso escolher, entre aqueles cujas sentenças e escritos pudemos conhecer, com quem tratar dignamente a referida questão. [...] Quem quer que o leia, por mais

⁷⁶ Idem, *A Cidade de Deus – contra os pagãos*. X, XIV.

⁷⁷ Idem, *Confissões*. VII, 9.

distraidamente que o faça, não ignora que tais filósofos se chamam platônicos, nome derivado de Platão, seu mestre.⁷⁸

Devido à autoridade do livro de Platão transmitir os mistérios divinos, Agostinho inflamado de esperança quis descer as âncoras no local seguro. Há, para Agostinho, uma semelhança entre o cristianismo, o platonismo e o neoplatonismo. Influenciado por esses filósofos da antiguidade, investiga na Sagrada Escritura passagens equivalentes às ideias platônicas, ao associar os textos certifica a presença de argumentos de uma verdade incorpórea. Podemos averiguar que após a leitura da Bíblia e dos livros platônicos Agostinho garante que as verdades encontradas na Palavra de Deus estavam contidas nas obras de Platão.

Resta, portanto dizer, na medida em que Agostinho analisava o conteúdo dos livros a certeza invadia o seu interior, gradativamente, a sabedoria que almejava estava cada dia mais perto: “E ouvi como se ouve no coração, e já não tive motivo para duvidar. Mais facilmente duvidaria de estar vivo do que da existência da verdade [...]”⁷⁹. A verdade é apreendida, o Deus invisível passa a ser compreensível através das coisas criadas.

Depois de ter lido os livros platônicos, que me estimularam a procurar a verdade incorpórea, aprendi a descobrir teus atributos invisíveis através das coisas criadas, e compreendi, à custa de derrotas, qual a verdade que eu, imerso nas trevas, não tinha conseguido contemplar.⁸⁰

O enigma estava sendo desvendada, toda obscuridade começara a clarear em sua mente, mas, Agostinho amarrado ao passado, resiste em seu interior à possibilidade de viver o catolicismo: “Encantava-me o verdadeiro caminho, que é o próprio Salvador, mas eu ainda relutava em enfrentar-lhe as estreitas passagens.”⁸¹

Em dúvida a respeito de suas experiências dirigiu-se a Simpliciano, o pai do bispo Ambrósio. Simpliciano era um ancião experiente, sábio, repleto da graça de Deus, Agostinho queria falar-lhe das suas inquietações para que pudesse orientá-lo e ajudá-lo no caminho em que deveria seguir. Ao contar suas

⁷⁸ Idem, *A Cidade de Deus – contra os pagãos*. VIII, I.

⁷⁹ Idem, *Confissões*. VII, 10.

⁸⁰ Ibidem, VII, 20.

⁸¹ Ibidem, VIII, 1.

experiências, os erros nas seitas vivenciadas, da leitura dos escritos platônicos traduzidos, do grego para o latim, por Vitoriano⁸², imediatamente Simpliciano o felicitou por não ter caído nos escritos de filósofos mentirosos. Proferiu a Agostinho que os livros dos platônicos transmitem a existência de Deus e de seu Verbo.⁸³ Após ouvir a conversão de Vitorino narrada por Simpliciano, Agostinho desejou imitá-lo, contudo, ainda se sentia preso às forças a qual o dominava. Possuía duas vontades interiores e contraditórias: uma carnal e outra espiritual. A primeira se refere às experiências da vida passada e a segunda a vontade de servir a Deus:

Desse modo, tinha duas vontades, uma antiga, outra nova; uma carnal, outra espiritual, que se combatiam mutuamente; e essa rivalidade me dilacerava o espírito. Portanto, eu compreendia por experiência própria o que havia lido: que a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito tem desejos contrários à carne. Sentia claramente os dois desejos, reconhecendo-me mais naquele que interiormente aprovava do que naquele que desaprovava.⁸⁴

Refletia sobre sua vida, seu passado e sobre a busca da sabedoria a qual se empenhou desde os dezenove anos. A luta interior, o atormentava, não era uma tarefa fácil abdicar uma vida de prazeres e escolher seguir em frente em uma vida piedosa.

Portanto, não é um absurdo querer em parte, e em parte não querer. É antes uma doença da alma, porque, embora sustentada pela verdade, a alma não consegue erguer-se totalmente, por estar abatida pelo peso do hábito. Trata-se portanto de duas vontades, mas nenhuma é completa: o que existe em uma, falta na outra.⁸⁵

Em meio às tribulações e aos tormentos em seu íntimo, indeciso do caminho que seguiria, relata nas *Confissões* que debaixo de uma figueira, em choros, confessou a Deus as amarguras do seu coração e no prezado momento, inesperadamente, ouviu da casa vizinha à voz de uma criança que cantava: “toma e lê, toma e lê”⁸⁶. Logo, interpretou a canção e percebeu como se fosse à voz de

⁸² Antigo retórico que se converteu ao cristianismo. Estudou intensamente a Sagrada Escritura e proclamou a fé cristã a todos em Roma.

⁸³ *Ibidem*, *Confissões*, VIII, 2.

⁸⁴ *Ibidem*, VIII, 5.

⁸⁵ *Ibidem*, VIII, 9.

⁸⁶ *Ibidem*, VIII, 12.

Deus o pedindo para abrir a Bíblia em uma página e ler. Ao realizar a ação de abrir o livro, leu a seguinte passagem da carta aos Romanos:

Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer o desejo da carne⁸⁷.

Acerca da leitura descreve: “Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza”⁸⁸. A voz divina penetrou em seus ouvidos, no interior da alma e destilava no seu coração a verdade. A veracidade dos fatos fica óbvia, o filósofo desiste de lecionar retórica e decide pelo cristianismo. Começa a estudar com devoção a doutrina cristã e a palavra de Deus.

Para ele, crer no que estava escrito na Bíblia, ainda que oculto, era melhor do que as coisas que sabemos por nós mesmo.⁸⁹ Atraído pelo cristianismo, Agostinho decide se entregar à nova vontade. Renovado interiormente, batizou-se na Igreja Católica e empenhou-se em decifrar a verdade no catolicismo. Guiado por Deus estava desvendando a sabedoria: “Estou seguro, Senhor, de que te amo; disso não tenho dúvidas. Tocaste-me o coração com a tua palavra, e comecei a amar-te.”⁹⁰

No pensamento do autor, o ser intelectual pode comprovar a existência de Deus por meio de duas fontes: pela palavra de Deus e pela observação dos acontecimentos do mundo criado. Na obra *A Trindade* evidencia: “Pois, desde a criação do mundo, pelas coisas criadas podemos chegar ao conhecimento do invisível de Deus, do seu poder e de sua divindade”⁹¹ e na mesma obra exprime:

Pertencem a essa espécie de acontecimentos: os eclipses do sol e da lua, os astros que aparecem raramente, os terremotos, os partos monstruosos de animais e outros casos semelhantes, que não sem a vontade de Deus, mas passam despercebidos para a maioria das pessoas. Isso levou a vaidade dos filósofos a atribuírem esses acontecimentos a outras causas - verdadeiros ou próximas à verdade -, ao não poderem perceber a causa superior a todas elas, ou seja, a vontade de Deus; ou ainda

⁸⁷ Ibidem, VIII, 12.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Idem, *A doutrina cristã*. II, VII, 9.

⁹⁰ Idem, *Confissões*. X, 6.

⁹¹ Idem, *A Trindade*. II, 15, 25.

atribuírem a causas falsas sugeridas não por uma investigação dos seres corporais e de suas mudanças, mas por erros ou hipóteses.⁹²

3.4. A semelhança entre o platonismo e o cristianismo

Agostinho, alicerçado na doutrina cristã, inicia a construção do seu pensamento. É preciso notar que o agostianismo consolidou-se devido à influência de Platão. Segundo esse autor, nenhum filósofo se aproxima tanto do cristianismo quanto Platão:

Alguns que conosco se encontram em comunhão da graça de Cristo se maravilham, quando ouvem ou lêem haver Platão sentido de Deus coisas que veem concordarem em muito com a verdade de nossa religião⁹³.

Segundo Agostinho, Platão e os platônicos foram um dos primeiros a discutirem a imortalidade da alma, reconheceram que todas as coisas procedem de outra realidade e consideraram que tudo existente é corpo ou é vida, o corpo é sensível e a vida inteligível. Sensível é denominado as coisas que podem ser apreendidas pelos sentidos corporais, enquanto as inteligíveis são entendidas pela inteligência. Além disso, os platônicos disseram coisas pertinentes ao princípio dos seres, ao Deus verdadeiro e a luz da inteligência que é o próprio Deus:

Assim, o que é possível conhecer de Deus, naturalmente, os platônicos conheceram; Deus revelou-o, pois, desde a criação do mundo, os olhos da inteligência veem, no espelho das realidades visíveis, as perfeições invisíveis de Deus, seu eterno poder e a sua divindade.⁹⁴

O ilustre filósofo Platão esforçou-se em provar que as almas humanas, antes da união com os corpos, viviam no mundo inteligível e contemplavam as formas ou ideias. Na hipótese defendida por Platão a alma humana é imortal, ao nascer em um corpo traz armazenado no intelecto as ideias inatas, todo

⁹² Idem, *A Trindade*. III, 2, 7.

⁹³ Idem, *A Cidade de Deus – contra os pagãos*. VIII, XI.

⁹⁴ Ibidem, VIII, VI.

conhecimento contemplado no mundo inteligível e nos corpos anteriores ao seu nascimento.⁹⁵ Nesse âmbito, a cognição humana é o resultado de uma rememoração, o saber ou conhecer não é adquirir consciência de algo novo, mas é relembrar algo que já está em nós. A lembrança são as formas as quais a alma contemplou em outro mundo, antes de encarnar no corpo.

A teoria da reminiscência equivale ao inatismo pelo motivo de induzir que o conhecimento está presente na alma desde o nascimento, na concepção platônica o conhecimento inato é o início do processo epistemológico. Rememorar é a causa, a explicação e a solução da possibilidade do conhecimento no homem.

Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos recordamos. Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão é verossímil que a alma seja imortal.⁹⁶

Agostinho reelabora a doutrina da reminiscência de Platão. Aponta a solução para a problemática da cognição, acredita que Deus é o início de todo conhecimento, a alma intelectual foi criada em união a inteligibilidade do Criador. Deus é o elemento prévio, o começo do processo intelectual, é o inatismo na filosofia agostiniana. A alma racional, denominada também de espírito, é a parte perfeita no homem, nela reside à luz da verdade que não é adquirida pelos sentidos ou pela experiência, mas por meio de uma iluminação divina⁹⁷. Para o pensador, o conhecimento inteligível foi impresso por Deus na alma no ato da criação. Cada homem mediante a luz da iluminação e do entendimento interior é apto a descobrir a verdade interior. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, por isso, o conhecimento sobrenatural está desde a criação presente na mente.

Essa mesma causa da criação expressa-se também Platão, dizendo que a bondade de Deus fez obras boas, quer a tenha lido nas Escrituras, quer a tenha conhecido, talvez, dos que a

⁹⁵ A teoria da reminiscência é descrita por Platão nas obras *Mênon*, *Fédon* e *República*.

⁹⁶ Platão, *Diálogos - O Banquete; Fédon; Sofistas*. Político. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1972. (Coleção os pensadores). *Fédon*. 72e-73a.

⁹⁷ Agostinho disserta acerca desse assunto em algumas de suas obras dentre elas podemos destacar *Solilóquios* e *A Cidade de Deus – contra os pagãos*.

tinham lido, quer a penetração de seu gênio tenha visto intelectualmente, pelo espelho das realidades visíveis, as perfeições invisíveis de Deus, quer o tenham nela instruído sábios chegados a essa altura contemplação.⁹⁸

As ideias ou formas existem, são eternas, fixas e estão contidas em Deus. De certo, a alma racional com o auxílio da mente ou razão poderá contemplar as ideias divinas por meio de um olhar interior, mas, somente é capaz de visualizar interiormente, as ideias imutáveis, a alma pura e santa desejosa do conhecimento inteligível.

Agostinho preserva os princípios do inatismo, cristianiza o significado da reminiscência de Platão e fundamenta na iluminação divina. A memória apresenta papel essencial na epistemologia do bispo de Hipona, além de reter os dados sensíveis preserva a imagem de Deus. O autor reúne essa concepção quando observa que mesmo não conhecendo Deus temos uma imagem preservada Dele na subjetividade.

No início Agostinho indagou de onde Platão teria adquirido uma compreensão tão próxima da doutrina cristã. A compreensão acerca do conhecimento verdadeiro teria sido dada a Platão pelo próprio Deus ou adquirida através de alguém? Inicialmente, o bispo Ambrósio cogitou a possibilidade de Platão ter sido instruído pelo profeta Jeremias, os estudos o levaram a acreditar que Platão encontrou com o profeta Jeremias no Egito ou teria lido seus escritos proféticos na viagem. No entanto, Agostinho ao calcular a história cronológica chegou à conclusão que havia diferença de anos entre ambos. Platão teria nascido cerca de cem anos após as profecias de Jeremias, não teve contato físico com o profeta, nem leu seus escritos, pois não tinham sido traduzidos para o grego. Entretanto, esse pensador, por evidências, não descarta a hipótese de que o estudioso Platão teria conhecido o conteúdo das profecias de Jeremias por intermédio de intérpretes. Os escritos proféticos de Jeremias foram traduzidos quase setenta anos após a morte de Platão a pedido de Ptolomeu, rei do Egito.⁹⁹

[...] Ademais, nada existe mais claro nas Sagradas Letras que o que Platão diz, a saber, que o que ama Deus é filósofo. E

⁹⁸ AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus – contra os pagãos*. XI, XXI.

⁹⁹ Esse relato é narrado nas obras *A Cidade de Deus* (VIII, XI) e *A Doutrina Cristã* (II, 29, 43).

máxime aquilo que a mim quase me induz a dar assentimento a que Platão não fosse alheio a esses livros.¹⁰⁰

3.5. Na perspectiva de Agostinho de Hipona a obra *Timeu* equivale ao livro do *Gênesis* , o demiurgo platônico corresponde a Deus

Platão, na obra *Timeu*, empenhou-se em dar uma explicação à origem do universo. O discurso enfático elaborado no diálogo destaca a fabricação do mundo sensível por intermédio do demiurgo. O demiurgo é uma espécie de divindade, artesão, pai, criador de tudo, constituiu o universo por meio do seu intelecto. O mundo é obra do demiurgo, o filósofo da antiguidade, Platão declara essa divindade como a mais perfeita das causas:

Mas ainda quanto ao mundo, temos que apurar o seguinte: aquele que o fabricou produziu-o a partir de qual dos dois arquétipos: daquele que é imutável e inalterável ou do que devém. Ora, se o mundo é belo e o demiurgo é bom, é evidente que pôs os olhos que é eterno; se fosse ao contrário – o que nem é correcto supor –, teria posto os olhos no que devém. Portanto, é evidente para todos que pôs os olhos no que é eterno, pois o mundo é a mais bela das coisas devenientes e o demiurgo é a mais perfeita das causas. Deste modo, o que deveio foi fabricado pelo demiurgo que pôs os olhos no que é imutável e apreensível pela razão e pelo pensamento.¹⁰¹

Na narração do mundo físico na obra platônica, a criação é o resultado da perfeita obra-prima feita por um artesão, demiurgo criou um lugar impecável, repleto de coisas boas. O mundo fabricado é a imagem de algo, a imitação de uma ideia presente no intelecto do criador. Nessa perspectiva, o demiurgo seria o mediador entre as formas e os objetos sensíveis. Toda criação é o resultado do pensamento do artesão, que transformou as ideias do mundo inteligível em realidades materiais. Tudo deveio desse ser superior que era bom, por isso, quis

¹⁰⁰ AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus - contra os pagãos*. VIII, XI.

¹⁰¹ PLATÃO. *Timeu – Crítias*. Tradução Rodolfo Lopes, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011. *Timeu*. 29a.

que todas as coisas fossem boas e semelhantes a si. O demiurgo relatado no *Timeu* remete, na percepção agostiniana, o poder e a divindade de Deus.

Demiurgo criou a excelente obra da natureza, isto é, o homem. Durante a criação estabeleceu o intelecto na alma e a alma no corpo¹⁰², gerou seres inteligíveis em um corpo visível. A alma foi constituída anterior ao corpo, para que pudesse governá-lo e dar início a uma vida racional.¹⁰³ Diante dessa questão, não há dúvida de que o mundo foi gerado por um ser divino dotado de alma e intelecto. O filósofo de Hipona admite que o ser humano é formado de corpo e alma, a alma é a parte interior no homem, enquanto o corpo é a parte exterior. O corpo envelhece e morre, enquanto a alma é a substância espiritual, racional, imortal e imutável, consiste na mais perfeita obra de Deus.

Na obra *A Trindade*, Agostinho descreve que todos os corpos humanos são animados por uma alma racional, capaz de participar da sabedoria sublime, atribui a alma como a grandeza do corpo, em virtude de ser a parte superior. O intelecto inserido na alma faz o homem aproximar-se de Deus e chegar à contemplação do Altíssimo. A alma humana dotada de inteligência comanda as ações do homem, governa o corpo, é a única parte preparada a aderir o conhecimento superior e transcendental.

Na temática desenvolvida na obra *Timeu* o movimento que deu origem ao mundo foi feito a partir de dois elementos: o fogo e a terra, porém, o demiurgo utilizou mais dois elementos para a constituição do mundo em sua totalidade: o ar e a água. Com base nos quatro elementos o mundo foi construído. Na interpretação agostiniana os argumentos de Platão dão a entender a existência de um Deus soberano e criador do universo, o demiurgo platônico corresponde à divindade comprovada no dogma Cristã e da Sagrada Escritura. O filósofo africano relata que nos escritos platônicos consta a alegria de Deus ao ver concluída a totalidade do mundo.¹⁰⁴ A fabricação do universo descrito no diálogo *Timeu* compara-se a narração da criação do mundo descrito na Sagrada Escritura.

Sobre esse enfoque Agostinho retrata que demiurgo no ato da criação juntou primeiro a terra e o fogo, o fogo atribuiu o lugar do céu, essa colocação assemelha-se a passagem no Gênesis: “No princípio Deus fez o céu e a terra. A

¹⁰² Ibidem, 30b.

¹⁰³ Ibidem, 36a.

¹⁰⁴ AGOSTINHO, Santo *A Trindade*. XI, XXI.

terra era invisível e informe, as terras cobriam a superfície do abismo e o Espírito de Deus era levado sobre as águas”¹⁰⁵. Cada elemento (fogo, ar, água e terra) referido na obra de Platão, segundo Agostinho, apresenta um significado, referem-se a algo. O fogo é o céu; a terra e a água representam os seus próprios elementos; o ar equivale ao espírito de Deus:

No *Timeu*, livro escrito por Platão sobre a constituição do mundo, lê-se que Deus, na obra da Criação, juntou primeiro a terra e o fogo. É coisa evidente que ao fogo atribui o lugar do céu.¹⁰⁶

O Platonismo despertou em Agostinho o desejo de seguir o caminho cristão como a verdade, devido Platão considerar Deus como Autor de todas as naturezas, Dispensador da inteligência e Inspirador do amor.¹⁰⁷ O mundo sensível é caracterizado como Cidade dos homens ou terrena e o inteligível como Cidade de Deus ou celestial.

3.6. Mundo sensível e inteligível

Para resolver o problema epistemológico Platão sustentava a existência de dois mundos distintos: o sensível e o inteligível. O mundo sensível é composto de objetos visíveis, concretas ou cognoscíveis, essas realidades são conhecidas através das sensações. Na *República* é sustentado que a realidade sensível é uma imagem, ou imitação a qual abrange a nós, os seres vivos, as plantas e toda a espécie de artefatos. Toda imagem tem um modelo, este modelo está no mundo inteligível.¹⁰⁸ No que diz respeito ao mundo sensível é o mundo no qual habitamos, gera na alma a opinião. Cabe ressaltar que o mundo em que vivemos é

¹⁰⁵ AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus – contra os pagãos*. VIII, XI.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Idem, *A Trindade* XI, XXV.

¹⁰⁸ PLATÃO. *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. VI, 509d-510b.

uma cópia imperfeita do mundo inteligível, cada realidade concreta apresenta um modelo encontrado no mundo inteligível.

O mundo inteligível é abstrato, é o mundo das ideias ou formas que são realidades inteligíveis e invisíveis¹⁰⁹, por serem eternas, existem e sempre existirão independentes do mundo material. A realidade inteligível é o princípio da verdade, o mundo o qual a alma purificada conhece a si mesma e a ciência. Todas as realidades sensíveis são conhecidas pelos sentidos, as inteligíveis apenas pela razão.

Nessa visão dualista os dois mundos são reais, porém o mundo inteligível é superior ao sensível, o mundo inteligível é perfeito, enquanto o sensível é imperfeito. Os sentidos geram o conhecimento dos objetos visíveis, no entanto, são insuficientes para fornecer o conhecimento inteligível. Assim, nessa duplicidade os dois mundos fornecem conhecimentos distintos, um o conhecimento dos objetos corpóreos e o outro conhecimento da verdade superior. Para obter a verdade legítima é necessário o homem buscar o mundo das formas e abandonar o mundo físico.

Na concepção agostiniana o mundo inteligível envolve a parte espiritual do homem, o mundo sensível diz respeito à parte corporal, nisso consiste que a epistemologia no homem acontece por meio do corpo e da alma. O corpo, por intermédio dos sentidos, capta o conhecimento visível, palpável, enquanto na intelectualidade está contida a verdade sobrenatural.

Quer estejam as figuras geométricas na verdade, quer esteja a verdade nelas, ninguém duvida que elas estão contidas em nossa alma, isto é, em nossa inteligência; e daí se conclui que também a verdade está em nossa alma. Se qualquer ciência está na alma como algo inseparável num sujeito — e a verdade não pode perecer — por que, então, duvidamos da vida perpétua da alma por influência não sei de que familiaridade com a morte?¹¹⁰

¹⁰⁹ Ibidem, VI, 507b.

¹¹⁰ AGOSTINHO, Santo. *Soliloquios*. II, XIX, 33.

4. O processo epistemológico no homem: conhecimento sensível versus conhecimento inteligível

O problema epistemológico solucionado pelo pensador Agostinho condiz na existência de dois tipos de conhecimentos: o sensível e o inteligível, sua reflexão filosófica deixa clara a possibilidade do homem obter esses conhecimentos. O autor insinua que a percepção do conhecimento pressupõe habilidades humanas relacionadas aos sentidos corporais e a intelectualidade. O homem percorre um caminho para alcançar o conhecimento, no conhecimento perceptível são utilizados os sentidos para adquiri-lo, no conhecimento imperceptível o itinerário é feito com a razão. Ao percorrer o verdadeiro trajeto que conduz à sabedoria o indivíduo desfrutará do conhecimento ontológico.

Um dos aspectos essenciais da teoria do conhecimento agostiniana refere-se à diferença entre os conhecimentos: sensíveis (ciência) e inteligíveis (sabedoria). As aquisições desses conhecimentos são divergentes, o primeiro conhecimento engloba as realidades corpóreas, são os conhecimentos fornecidos pela sensação. Através dos órgãos sensíveis o homem percebe os movimentos dos corpos e suas formas. Ao passo que os conhecimentos inteligíveis são imperceptíveis aos órgãos sensíveis e percebíveis pela razão. Para alcançar o saber inteligível é necessário ultrapassar os sentidos exteriores, uma vez que esse saber é contemplado na subjetividade do homem. A sabedoria almejada por Agostinho corresponde à sabedoria de Deus, atingível apenas pela razão, pois as representações sensíveis não alcançam a Deus e, por esse motivo, não revelam a verdade ontológica.

4.1. A dessemelhança entre os dois tipos de conhecimentos

A distinção entre ciência e sabedoria surge como um marco na tradição agostiniana, os sentidos corporais contribuem para a aquisição da ciência, ao

passo que a racionalidade auxilia a obtenção da sabedoria. A ciência, na convicção do filósofo, representa o saber sistematizado derivado de bens temporais e espaciais. É o conhecimento racional provenientes da observação, pesquisas comprovadas racionalmente, acontecimentos históricos referidos à ação do homem em um determinado tempo. Esse conhecimento é visível e compreensível, deve contribuir para aquisição da sabedoria. Há, porventura, uma sutileza nos sentidos que permite sentir as coisas tais como são:

Com efeito, os sentidos corporais percebem os corpos, ao passo que a razão que se aplica à sabedoria é que tem a inteligência das realidades espirituais, eternas e imutáveis. Ora, o apetite sensível é vizinho da razão que se aplica à ciência, visto que é sobre os próprios objetos temporais percebidos pelos sentidos do corpo que a ciência — dita a ciência da ação —, raciocina. Esse raciocínio é reto quando refere o seu conhecimento ao sumo Bem, tomado como fim último.¹¹¹

A Sabedoria, por sua vez, é a ciência da contemplação dos bens eternos, do conhecimento inacessível, obtida pelo olhar da mente, através da ação divina. Considerando ainda a dessemelhança, Agostinho estabelece a sabedoria como o saber intelectual das realidades sobrenaturais, enquanto a ciência é o saber da realidade tangível.

Portanto, se tal é a verdadeira distinção entre sabedoria e ciência: que se refira o conhecimento intelectual das coisas eternas à sabedoria, e o conhecimento racional das coisas temporais à ciência, não é difícil julgar qual delas merece a precedência. [...] todavia esta diferença que estabelecemos entre as duas é bem evidente: a sabedoria é o conhecimento intelectual das realidades eternas; e a ciência, o conhecimento racional das coisas temporais. E a primeira, sem nenhuma dúvida, tem a preferência.¹¹²

Em suma, a sabedoria diz respeito à contemplação dos bens eternos, a sublimidade de Deus, é o conhecimento intelectual das coisas atemporais que existem e existirão na natureza incorpórea. A sabedoria é as realidades inteligíveis visíveis à mente. Agostinho apresenta a ideia clara de que a ciência refere-se à ação que permite o homem fazer bom uso dos bens temporais, consiste no

¹¹¹AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. XII, 12, 17.

¹¹²Ibidem, XII, 14, 25.

conhecimento racional das coisas materiais. Em outras palavras, a ciência é o saber exterior e a sabedoria é o saber interior.

4.2. Conhecimento inteligível - as realidades eternas

O conhecimento inteligível corresponde à sabedoria de Deus. Sabedoria e verdade são dois termos utilizados por Agostinho em referência ao conhecimento inteligível, equivalem à essência de Deus. A verdade é a realidade incognoscível, a ciência das coisas divinas, sua sede é a razão humana cuja está à imagem do Ser supremo. Esse saber é a contemplação ao Criador de todas as realidades existentes, Agostinho disserta que o mundo é governado por uma realidade inacessível e sobrenatural, superior a todos os seres racionais e irracionais.

Existe, uma natureza incriada que criou a todas as outras naturezas, pequenas e grandes, superior sem dúvida, a todas as que criou e assim, superior à natureza racional e inteligente, isto é, a alma humana, que foi feita à imagem daquele que a fez. E esta natureza superior a todas as outras é Deus.¹¹³

Pelo poder e potência o Criador da natureza é o possuidor da sabedoria. Segundo o bispo de Hipona tudo provém de Deus, diferente dos homens, Deus é ilimitado, se estende por toda parte do universo, penetra todos os espaços e a imensidão infinita. Deus governa a terra e apenas Ele conhece plenamente todas as outras naturezas, é sábio e inteligente por si mesmo.

4.3. Duas habilidades distintas no homem: sentir e entender.

Assentado na obra *Soliloquios* Agostinho define verdade como: “[...] é aquilo que é como parece à pessoa que conhece, se ela quer e pode conhecer.”¹¹⁴,

¹¹³ Ibidem, XIV, 12, 16.

¹¹⁴ Idem, *Soliloquios*. II, V, 8.

a verdade é conhecível, demonstrável ao sujeito que deseja e utiliza a racionalidade. O homem não se engana em relação a um conhecimento, pois a falsidade não está nas coisas, e sim no sentido. Mesmo quando o sentido engana, o homem não se engana ao apresentar na razão uma convicção. Não há sentido sem a alma e não existe falsidade sem os sentidos¹¹⁵, podemos concluir que a falsidade é real, sempre existirá, no entanto, através dos sentidos e não da razão.

Por isso, a falsidade não está nas coisas, mas no sentido, pois não se engana aquele que não assente às coisas falsas. Conclui-se que uma coisa somos nós, outra coisa o sentido, pois, quando ele se engana, nós podemos não nos enganar.¹¹⁶

No sistema filosófico agostiniano sentir e entender são habilidades diferentes no homem, sentir está relacionado aos sentidos, entender refere-se à faculdade intelectual, enquanto o corpo sente, a alma entende. A alma sente inteligivelmente através dos sentidos, por exemplo, o homem ao enxergar uma fumaça tem uma impressão, e através dessa impressão, o entendimento associa a fumaça ao fogo. Uma coisa é sentir, outra é perceber algo pelo sentido. A intuição de algo não é denominada sentido, vê a fumaça é diferente da compreensão de que existe fogo, Agostinho acredita que “[...] ver é sentir e sentir é ter reação”¹¹⁷, a impressão sensível da existência do fogo não é sentido na alma, e sim, compreendido pela razão, uma vez que o sujeito não visualizou o fogo.

Dessa forma, quando a alma percebe alguma coisa por intermédio de uma impressão (*passionem*) do corpo, não chamamos a isso imediatamente com o nome de um dos cinco sentidos, a não ser quando é assim diretamente sentido pela alma. Pois o fogo não foi visto, nem ouvido, cheirado, saboreado ou tocado por nós. Entretanto, tal fogo não se oculta ao entendimento da alma. E como este entendimento não se denomina sensível, pois nada sofre o corpo da impressão do fogo, chamamos de conhecimento feito através de um sentido. Isto porque a impressão do corpo é causada diretamente por outro objeto, a fumaça, como já comprovado.¹¹⁸

¹¹⁵ Ibidem, II, III, 3.

¹¹⁶ Ibidem, II, III, 3.

¹¹⁷ Idem, *A grandeza da alma*. XXIV, 45. Esta obra também é intitulada *Sobre a potencialidade da alma*.

¹¹⁸ Idem, *Sobre a potencialidade da alma*. XXIV, 45.

O indivíduo, ao enxergar uma fumaça, percebe a existência do fogo não visto pelos olhos corporais, mas entendida pelo raciocínio. A alma sente por meio do corpo e apreende o conhecimento pela inteligência. Agostinho evidencia que a mente se utiliza de mensageiros em prol das necessidades do corpo, os mensageiros são os sentidos, os instrumentos que a razão utiliza para o entendimento.¹¹⁹

Vale ressaltar que para cada sensação no corpo há o entendimento no espírito que percebe com a potência intelectual as impressões adquiridas pelos sentidos corporais. As realidades materiais são apreendidas com a sensação dos sentidos corporais, no qual a mente utiliza como intérpretes para conhecer, no entanto, as coisas que se conhecem pela inteligência são obtidas por intermédio da razão.

Se, no que diz respeito às cores, consultamos a luz e, no que diz respeito às outras coisas que sentimos através do corpo, consultamos os elementos deste mundo e os mesmos corpos que sentimos e os próprios sentidos, dos quais a mente usa como intérpretes para conhecer tais coisas; porém, a respeito das coisas que se conhecem pela inteligência, consultamos a verdade interior por meio da razão; como se pode dizer com clareza que com as palavras aprendemos algo além do próprio som que repercute nos ouvidos? Pois todas as coisas que percebemos, percebemo-las pelos sentidos do corpo ou pela mente. Aquelas denominamos sensíveis e estas inteligíveis ou, para falar conforme o costume de nossos autores, aquelas denominamos carnis e estas espirituais.¹²⁰

Apesar de distinguir sensação de entendimento, Agostinho identifica algo em comum, ambos não são ocultas ao espírito:

Ora, ainda que sensação seja uma coisa, e ciência ou entendimento seja outra, o fato de não ser a coisa oculta à alma é comum nos dois casos. E da mesma forma que é comum ao homem e ao animal serem *animados*, também diferem muito um do outro.¹²¹

Nessa perspectiva, sensação é definida com uma impressão sofrida pelo corpo e compreendida racionalmente. Sentir para o bispo de Hipona é perceber por meio

¹¹⁹ Idem, *A Ordem*, II, XI, 32 e *A Trindade*. XI, 2,2.

¹²⁰ Idem, *O mestre*. XII, 39.

¹²¹ Idem, *Sobre a potencialidade da alma*. XXX, 58.

do corpo, é conhecer com a atuação corporal.¹²² Peregrino da verdade, Agostinho apresenta sua própria concepção de conhecimento, em sua reflexão, o homem pela potência da alma é capaz de conhecer as realidades temporais e atemporais.

4.4. O processo aquisitivo da ciência

O processo que abrange a aquisição do conhecimento sensível, estabelecido por Agostinho, envolve três faculdades: memória, inteligência¹²³ e vontade, esta última também é denominada de amor. Para a cognição na alma, são essenciais essas faculdades. Os conhecimentos apreendidos pelos sentidos ficam registrados na alma, mas especificamente, na memória. A memória é o local em que fica guardada as experiências cotidianas, as imagens das formas perceptíveis que o sujeito adquiriu pelos sentidos. Nela é armazenada a imagem acerca de um determinado objeto. Existe a aquisição do conhecimento sensível por causa do sentido, da vontade, da inteligência e da memória, os três últimos são faculdades da alma.

Pois, eu me lembro de que tenho memória, inteligência e vontade; compreendo que entendo, quero e recordo; quero querer, lembrar-me e entender; e me lembro ao mesmo tempo de toda minha memória, minha inteligência e minha vontade, toda inteira. O que não me lembro de minha memória, não está em minha memória. Nada, porém, existe tão presente na memória como a própria memória. Portanto, recordo-me dela em sua totalidade. Do mesmo modo, tudo o que entendo, sei que entendo, e sei que quero o que quero, e recordo tudo o que sei. Portanto, lembro-me de toda minha inteligência e de toda minha vontade. Igualmente, quando entendo as três faculdades, entendo todas ao mesmo tempo. [...] Concluindo: como todas e cada uma das faculdades se contêm reciprocamente, existe igualdade entre cada uma e cada uma das outras, e cada uma com todas juntas em sua totalidade. E as três formam uma só unidade: uma só vida, uma só alma e uma só substância.¹²⁴

¹²² Ibidem.

¹²³ Inteligência também é denominada como razão, olhar da mente e olhar interior.

¹²⁴ AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. X, 11, 18.

As Faculdades da alma formam uma dinâmica no desenvolvimento do conhecimento sensível no homem. A faculdade da vontade é a benevolência das coisas, dirige e impulsiona o homem a aspirar à sapiência. Apoiado na vontade as faculdades da memória e da inteligência agem para retenção do conhecimento. É a razão que retém o conhecimento enquanto a memória registra. Essas faculdades, pelo fato de estarem presente na alma, formam uma unidade e apresentam uma relação recíproca, embora sejam distintas entre si:

Portanto, dessas três faculdades (a memória, a inteligência e a vontade), duas delas: a memória e a inteligência contêm o conhecimento e a ciência das coisas. E a vontade está lá para nos fazer gozar e usar dessas coisas. Gozamos do que conhecemos, quando a vontade repousa com complacência nessas coisas.¹²⁵

4.4.1. Vontade

Agostinho refletiu o ponto de partida do conhecimento sensível, constatou que a vontade ou o amor une o produto da memória à inteligência:

A vontade, porém, que associa, ordena e enlaça essas duas faculdades em certa unidade e, dando seu assentimento, direciona o desejo de sentir e de pensar nos objetos de que se originam as visões, a vontade, digo, é semelhante ao peso.¹²⁶

A trilogia, vontade, memória e inteligência¹²⁷, torna conhecido o objeto cognoscível, forma a imagem do objeto na alma e faz o homem conhecer o mundo exterior. É papel da vontade unir a sensação a memória, e a memória ao olhar interior. Essa faculdade faz a alma harmonizar o objeto e informa ao sentido sobre o mesmo. Em seguida, dando sequência ao processo, o sentido capta a imagem do objeto:

¹²⁵ Ibidem, X, 10, 13.

¹²⁶ Ibidem, XI, 11, 18.

¹²⁷ A trilogia que envolve vontade, memória e inteligência e elucidada no livro XI da obra *A Trindade*.

A vontade, porém, dispõe de tanto poder de união em referência às outras duas, que direciona o sentido para ser informado sobre o objeto, e uma vez informado, aí o mantém.¹²⁸

A faculdade da vontade desempenha um papel importante na formação da imagem, ela “[...] leva e traz o olhar da alma para o informar e o ligar ao objeto [...]”¹²⁹, a vontade unida ao sentido impele a imagem observada em direção à memória, que posteriormente, informa por meio da vontade a inteligência. A imagem capturada pelo sentido conserva-se na memória, recorda o que reteve, isto é, suas propriedades por meio da vontade. A informação registrada na memória unida à inteligência dá-se no pensamento. É a alma que retém o conhecimento, lembra-se do objeto através da vontade. Agostinho explica que o processo de aquisição do conhecimento sensível envolve quatro imagens gradativamente, tomemos como exemplo uma blusa da cor azul.

- A primeira imagem é a do próprio objeto perceptível (blusa azul) que existe antes do homem vê-la, é a figura do objeto em si, sua forma e propriedades. A primeira imagem não pertence à natureza do ser vivente.
- A segunda imagem é a da figura corpórea da blusa azul percebida pelo sentido do observador através da visão. É a percepção do homem em referência a blusa azul, a imagem formada da propriedade da blusa pelo sentido.
- A terceira imagem nasce da segunda, é a imagem produzida da blusa azul na memória recebida pelo sentido. A imagem da blusa azul é retida na memória pela informação obtida do sentido e pela vontade.
- A última imagem é derivada da terceira, é a imagem do objeto, ou seja, a blusa azul, formada na mente ou inteligência recebida da memória¹³⁰, é a visão da alma que retém a imagem do objeto e enlaça no olhar interior.

A primeira imagem não condiz com a natureza do homem, a segunda imagem é sensível e contém algo espiritual, pois não existiria sem a concessão da alma, a terceira e quarta imagem é totalmente espiritual. Nessa linha de análise, o conhecimento é um processo contínuo, uma imagem gera a outra até chegar à

¹²⁸ Op.cit, XI, 2, 5.

¹²⁹ Ibidem, XI, 4, 7.

¹³⁰ Ibidem, XI, 9, 16.

inteligência: “O sentido recebe a imagem do objeto que percebemos. E a memória recebe-a do sentido, o olhar daquele que pensa, recebe-a da memória.”¹³¹ A vontade associa o sentido ao objeto e associa a memória ao sentido¹³².

4.4.2. Memória

A memória¹³³ é a potência da alma, transporta o conhecimento para a inteligência e conserva a imagem do espaço e do lugar. É capaz de representar imagens grandes que não existem mais e guardar fielmente as características de um objeto. Agostinho compara a memória aos vastos palácios onde são encontrados inúmeros tesouros, nela contém todas as atividades da mente humana. A memória forma uma representação imaginária do objeto.

A memória armazena tudo isso nos seus amplos recessos e em seus esconderijos secretos e inacessíveis, para ser reencontrado e chamado no momento oportuno. Todas entram, cada uma por sua porta, e em ordem se alojam. Não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens pelos sentidos, e que aí ficam à disposição do pensamento, até que este se lembre de chamá-lo.¹³⁴

Na ideologia agostiniana, na memória se encontra as imagens adquiridas com o auxílio dos órgãos sensíveis como luz, cores, som, formas dos corpos, odores, sabores, ou seja, toda a sensação interna e externa percebida pelos sentidos, não são os objetos que ficam registrados na alma, e sim, suas imagens.

Quando conhecemos os corpos mediante os sentidos corporais, forma-se em nossa alma certa semelhança a esses corpos. É a sua imagem presente na memória. De modo algum são os corpos que estão em nossa alma quando neles pensamos. Apenas suas semelhanças. Portanto, se aprovarmos estas semelhanças como se fossem os corpos, nós erramos. Pois o erro consiste em tomar uma coisa por outra. E contudo a

¹³¹ Ibidem, XI, 8, 14.

¹³² Ibidem, XI, 8, 15.

¹³³ Agostinho redigiu sobre a memória no livro *Confissões* X, 8-19.

¹³⁴ Idem, *Confissões*. X, 8.

imagem do corpo presente na alma é superior a forma corpórea , porquanto pertence a uma natureza mais nobre, isso por estar numa substância viva como é a alma.¹³⁵

Na memória também estão contidas as imagens das coisas que não apreendemos com os sentidos, como as contemplações, as reflexões que a alma faz e os sentimentos como alegria, tristeza e amor. A memória é a faculdade em que a alma está presente a si mesma, ela possibilita voltar-se a si e recordar, é atribuída a tudo relacionado ao passado e à inteligência.

Por isso, assim como, com respeito ao passado, chama-se memória a faculdade que possibilita o voltar-se a si e recordar, também em relação a essa presença da alma a si mesma, pode-se — sem dizer algo de absurdo —, denominar memória, a faculdade de estar presente a si mesma, podendo se compreender pelo pensamento, e enlaçarem-se as duas realidades pelo amor de si mesmo.¹³⁶

Quando o homem lembra e narra um acontecimento passado, as palavras em que exprime o fato são imagens registradas no espírito, adquiridas pelos sentidos. Devido o acontecimento não existir mais, o relato será baseado apenas na memória. Para o bispo de Hipona é fácil deduzir que o passado se encontra presente apenas na memória, o passado é a memória. É relevante para o filósofo que o tempo é um produto da mente humana, o passado se torna presente no espírito, na recordação da memória, o futuro é a espera, a expectativa de algo.

É claro, portanto, que há um progresso no espírito no que se refere a entender e lembrar, essas atividades próprias da alma apresentam um desenvolvimento independente do corpo. Para o pensador, a memória é também espírito, o estômago da alma¹³⁷, assim como no estômago é armazenado toda comida ingerida, a memória armazena toda experiência sensível e subjetiva do homem, portanto, para Agostinho “[...] tudo o que está na memória se encontra no espírito”¹³⁸. Com efeito, as coisas que o homem recorda estão guardadas na memória e as coisas que não consegue lembrar, foram esquecidas. O esquecimento é a privação da memória.¹³⁹

¹³⁵ Idem, *A Trindade*. IX, 11, 16.

¹³⁶ Ibidem, XIV, 11, 14

¹³⁷ Idem, *Confissões*. X, 14.

¹³⁸ Ibidem, X, 17.

¹³⁹ Ibidem, X,16.

Na concepção do doutor da Igreja, do mesmo modo que lembramos as dores, sentimentos, raivas, alegrias, lembramo-nos de Deus. Deus se encontra na memória do homem, pelo simples fato de lembrarmos Dele. O homem possui na memória a imagem gravada da divindade. Se o indivíduo lembra-se de Deus é porque na memória existe a presença Dele. Se a memória é espírito, Deus está presente na memória. O homem não tem como registrar uma imagem cujo não viu ou sentiu.

Eis o espaço que percorri em minha memória para buscar-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. Nada encontrei referente a ti, de que não me lembrasse desde que te conheci, porque desde então, nunca mais me esqueci de ti. Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade, da qual nunca mais me esqueci, desde o dia em que a conheci. Desde então permaneces em minha memória, e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro.¹⁴⁰

O homem é inapto de pensar em uma forma corpórea na qual nunca viu, é incapacitado de pensar em uma cor, um som ou alguma sensação a qual nunca teve contato, exceto quando alguém narra fatos verdadeiros dos quais vivenciou pelos sentidos. Porém, o ouvinte compreende e armazena na memória somente se for uma narração das coisas cuja memória conhece.

Ninguém pode pensar em uma cor ou forma corpórea que nunca viu; num som que nunca ouviu; num sabor que nunca provou; nem em um aroma que nunca aspirou; nem contacto corporal que nunca sentiu. Portanto, se ninguém é capaz de pensar em algo material se não o sentiu porque ninguém se lembra do material se não o sentiu antes, se nos corpos existe certo processo de sensação, do mesmo modo existe a memória um processo para se pensar.¹⁴¹

Para atestar a capacidade da memória o bispo de Hipona exemplifica que ao falar de um lugar o qual nunca visitou, como Alexandria, a imagem do local aparece em sua imaginação pelo fato de ouvir muitas informações a seu respeito. A imagem de Alexandria foi fixada em seu espírito por meio de associações, relatos e lembranças das pessoas que frequentaram o local.¹⁴² Esse processo ocorre quando um indivíduo lembra-se de algo nunca visto, todas as

¹⁴⁰ Ibidem, X, 24.

¹⁴¹ Idem, *A Trindade*. XI, 8, 14.

¹⁴² Ibidem, VIII, 6, 9.

representações, formadas através dos sentidos, ficam impressas na memória, inclusive as coisas não vista pelo homem. As propriedades nunca vista são formadas e inseridas na memória do sujeito pelas representações imaginárias.¹⁴³

4.4.3. Inteligência

Conhecer é uma ação intelectual, abrange a consciência de algo. A razão pela intelectualidade entende e distingue o conhecimento falso do verdadeiro. A temática da alma e sua potência racional é um assunto abordado nos livros do bispo de Hipona¹⁴⁴, a racionalidade pertencente ao espírito, é inseparável do pensamento.

O que denomino inteligência é aquela faculdade inseparável do pensamento, quando pela descoberta dos conhecimentos presentes na memória, nosso pensamento é informado pela recordação do que estava à disposição na memória, mas não era ainda pensado.¹⁴⁵

A natureza do espírito humano envolve a razão e o raciocínio. Os homens são capazes de indagar e julgar as mensagens dos sentidos por intermédio da razão¹⁴⁶. A passagem do conhecido ao desconhecido não se denomina razão, pois é natural da inteligência humana, mas sim, raciocínio. A razão é o olhar da mente, enquanto o raciocínio é um exercício que a mente faz.

[...] esta passagem do conhecido ao desconhecido não se chama razão, pois assim procede a inteligência normal, de vez que usa a razão a qualquer tempo. A essa maneira de agir chamamos raciocínio, ou indagação racional. Razão é o olhar da mente, e raciocínio é o exercício da inteligência, ou seja, o movimento do olhar da mente sobre aquilo que deve examinar. Essa indagação, ou raciocínio, é necessário para a procura. O olhar da mente, ou racionalidade, é necessário para ver intelectualmente.¹⁴⁷

¹⁴³ Ibidem, IX, 6, 10.

¹⁴⁴ Em especial nos livros *A Trindade*; *Solilóquios* e *A grandeza da alma*.

¹⁴⁵ Op.cit. XIV, 7,10.

¹⁴⁶ Idem, *Confissões*. X, 6.

¹⁴⁷ Idem, *Sobre a potencialidade da alma*. XXVII, 52.

A alma é real, é definida por Agostinho como: “[...] substância dotada de razão, destinada a governar o corpo”¹⁴⁸. Sua origem, na tese agostiniana, vem de Deus, que a criou com substância própria¹⁴⁹. O espírito do homem é imortal, não é percebido pelos sentidos, apenas compreendido pelo olhar interior da razão.

O saber inteligível encontra-se na imortalidade do espírito humano: “É necessário, porém, procurar na alma do homem, ou seja, em sua mente racional e inteligente, essa imagem do Criador, inserida imortalmente nesta nossa natureza imortal.”¹⁵⁰ Da mesma forma que o espírito é imortal, a verdade também é, permanece viva inalterável na mente humana. A alma é a criação de Deus, nela mais especificamente na razão do homem, contém uma pequenina centelha¹⁵¹ da mente divina, uma faísca celestial que faz aparecer à imagem de Deus.

4.5. O homem é a mais perfeita obra de Deus

Para Agostinho tudo é obra do Altíssimo, ao criar todas as coisas temporais, Deus criou o homem, formado de corpo e alma¹⁵², o corpo unido à alma forma a união substancial. O corpo animado pela alma foi criado por Deus ereto para voltar-se para o alto, isto é, o céu, local em que o homem deve almejar como fonte de sabedoria e de vida eterna. A alma apresenta poder sobre o corpo, comanda todos os órgãos, o faz mover e incumbir-se de tomar decisões. Após estudos, o autor, crê incondicionalmente e reitera que a alma é uma substância imaterial, não ocupa um espaço local¹⁵³, é independente do corpo. Ela é a magnitude inteligível, vivifica e rege o corpo por inteiro, embora imutável, é a parte humana apta a participar da sabedoria. Corpo e alma apresentam funções diferentes e nenhuma criação de Deus é superior ao espírito do homem:

¹⁴⁸ Idem, *A grandeza da alma*. XIII, 22.

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Idem, *A Trindade*. XIV, 4. 6.

¹⁵¹ Idem, *A Cidade de Deus*. XXII, XXIV, 2.

¹⁵² A alma também é denominada de mente e espírito na filosofia agostiniana.

¹⁵³ Idem, *A Trindade*. X, 7, 9 e 10.

Nem a terra, nem os mares, nem os astros, nem a lua, nem o sol, nada do que pode ser tocado ou visto por estes olhos, nem mesmo o próprio céu, finalmente, o que não pode ser visto por nós, podem ser considerados melhores que a natureza da alma. Ainda mais: a reta razão convence que tudo isso é muito mais inferior que qualquer alma [...] ¹⁵⁴

O espírito é a grandeza do homem, a maravilhosa obra do Artesão, segundo o filósofo, somente uma divindade Onipotente poderia unir de forma magnífica a natureza corpórea e a incorpórea. O corpo é mortal e a alma imortal, a alma não adere ao corpo, é superior pela racionalidade e inteligência. As potências da alma são mais nobres que os sentidos corporais, direcionam aos bens interiores do espírito, nessas circunstâncias, a racionalidade é a parte do homem que pode reter o saber inteligível:

[...] não resta dúvida que o homem foi criado à imagem de quem o criou, não segundo o corpo nem segundo alguma parte da alma, mas segundo a mente racional, onde pode residir o conhecimento de Deus. ¹⁵⁵

No ato da criação o Criador fez a mais perfeita obra, criou o ser humano a sua imagem e semelhança, a imagem remete ao espírito, posto que Deus não se limita a uma forma corpórea. A criatura racional ainda que inferior a Deus assemelha-se a Ele pela razão, a qual expressa o amor e a bondade do Criador. O espírito humano foi criado para unir-se a Deus por meio da inteligência. Deus concedeu ao homem uma alma dotada de razão para adquirir a ciência perfeita.

A razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas que se conhecem. Utilizar-se dela como guia para entender a Deus ou a própria alma que está em nós ou em toda a parte, é próprio de pouquíssimos no gênero humano, não por outro motivo senão porque para aquele que está disperso nos assuntos dos sentidos é difícil voltar-se a si mesmo. ¹⁵⁶

Em Deus não existe passado, presente e futuro, desta forma, Ele é onipresente em todos os tempos, é o mesmo ontem, hoje e será eternamente. Não procede de ninguém, é o início e o fim de tudo. A vontade de Deus é suprema, a

¹⁵⁴ Idem, *A Grandeza da Alma*. XXXIV, 77.

¹⁵⁵ Idem, *A Trindade*. XII, 7,12.

¹⁵⁶ Idem, *A Ordem*. II, XI, 30.

causa primeira de todas as coisas, nenhum acontecimento ocorre no mundo que não seja ordenado por Ele.

Porque à sabedoria diz respeito as coisas que não existiram no passado nem existirão no futuro, mas que existem no presente, e em razão dessa eternidade em que existem, diz-se que existiram, existem e existirão, sem nenhuma mutabilidade no tempo. Com efeito, essas coisas não existiram, como se pudessem deixar de existir; ou existirão como se não tivessem existido; pois tiveram e terão sempre um idêntico ser. Permanecem, porém, não como corpos fixos em um espaço local, mas na mesma natureza incorpórea.¹⁵⁷

4.6. A imagem e semelhança de Deus na criatura racional

Na tese agostiniana o entendimento humano é o condutor ao conhecimento verdadeiro, conduz a Deus e a verdade. A realidade inteligível é contemplada pelo homem pelo ato livre da alma:

Mas é segundo a alma, feita à imagem de Deus, que devemos entender aquelas palavras em sentido mais elevado, não de modo visível, mas inteligível.¹⁵⁸

O homem visualiza a imagem de Deus em si mesmo como no espelho e identifica o reflexo do Soberano, não como um mirante, pois não é habilitado a enxergar a face de Deus enquanto estiver presente no mundo sensível.¹⁵⁹ O homem pelo fato de ser criado à imagem e semelhança de Deus participa do conhecimento inalterável pela interioridade.

Deus ao criar o ser racional disse: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança”, segundo Agostinho, se atentarmos a essa proposição repararemos que o pronome “nossa” se refere a mais de uma pessoa, ou seja, diz respeito ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. As três pessoas divinas formam a Trindade. A criatura racional é a imagem e semelhança das três pessoas que compõem a

¹⁵⁷ Idem, *A Trindade*. XII, 14, 23.

¹⁵⁸ Ibidem, XIV, 12, 16.

¹⁵⁹ Ibidem, XV, 8, 14.

Trindade. A imagem e semelhança do Pai são a racionalidade e a alma do homem; a forma corpórea é a imagem do Filho e o amor que penetra no coração concerne ao Espírito Santo que é sempiterno, assim, a alma é um espelho, reflete o Criador. As três pessoas da Trindade são inseparáveis, Deus é quão grande que fez a sua imagem em uma criatura terrestre. O que é semelhante a Deus é a imortalidade do corpo e a inteligência. A Unidade Trina na alma é a memória, a inteligência e a vontade, a trilogia que compõe o homem.¹⁶⁰

Pois Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e um pouco depois está dito: E fez o homem à imagem de Deus* (Gn 1,26.27). Estando essa palavra: “nossa imagem” no plural, não teria sido empregada se o homem fosse criado à imagem de uma só das Pessoas divinas, seja do Pai, seja do Filho, seja do Espírito Santo. Mas como o homem foi feito à imagem da Trindade, por isso está dito: *à nossa imagem*. Além do que, para não insinuar uma crença em três deuses na Trindade, enquanto a mesma Trindade é apenas um só Deus, o autor sagrado disse: *E fez Deus o homem à imagem de Deus, como se dissesse: à sua imagem*.¹⁶¹

4.7. A imagem da Trindade interiorizada no homem

Ao definir sabedoria como uma luz espiritual e imutável de Deus, Agostinho reconhece que a luz resplandecente não se encontra somente Nele, é igualmente pertencente e inseparável ao Filho e ao Espírito Santo. O mistério da Trindade consiste na existência da substância divina em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, três pessoas da mesma natureza com o mesmo poder. Através dessa interpretação, podemos compreender que a Trindade é o Deus Uno, Trino, Sumo e Verdadeiro. É a suma essência divina em que Pai, Filho e Espírito Santo possuem a mesma substância ou essência¹⁶². Fica bem claro, no agostianismo, que a unidade trina consiste na união de três pessoas em uma única essência inseparável.

¹⁶⁰ Ibidem, XIV, 6,8.

¹⁶¹ Ibidem, XII, 6,6.

¹⁶² Ibidem, I,2, 4.

Há, portanto, uma ligação entre as três pessoas divinas, é indiscutível, na filosofia do bispo de Hipona, que os atributos do Pai foram transmitidos ao Filho e ao Espírito Santo. Baseado nas palavras de Agostinho, todas as pessoas que constitui a Santíssima Trindade contém a sabedoria.

O que é sabedoria senão uma luz espiritual e imutável? Sem dúvida, o sol que nos ilumina é luz, mas corpórea; a criatura espiritual é luz, mas não imutável. Luz é o Pai, Luz é o Filho, Luz é o Espírito Santo, mas juntos não são três luzes, e sim uma só é única Luz. E, portanto, O Pai é sabedoria, o Filho é sabedoria, o Espírito Santo é sabedoria, mas não são três sabedorias, e sim uma só sabedoria, porque neles o ser se identifica com o saber e o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só essência. Neles, o ser não é diferente de ser Deus. Há, portanto, um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.¹⁶³

Vale observar no trecho acima a presença do conhecimento sobrenatural nas pessoas que compõe a Trindade, para isso, dois argumentos são importantes: primeiro o Pai é dotado de sabedoria; segundo, a mesma sabedoria do Pai foi transmitida ao Filho e ao Espírito Santo. É inefável a comunhão que os interligam, conforme Agostinho salienta, a Trindade na doutrina na Igreja Católica representa exatamente as três pessoas.

Deve-se atentar para a questão que o Filho foi gerado pelo Pai, o Espírito Santo representa o Espírito do Pai e do Filho, o amor entre os dois. A doutrina trinitária é a veracidade de todo pensamento agostiniano, o mistério trinitário revela Pai, Filho e Espírito Santo os quais constituem a Sabedoria investigada pelo bispo de Hipona.

4.8. Cristo: homem ou Deus?

Nas obras do santo Doutor da Igreja, Cristo é evidenciado como servo e Deus simultaneamente, servo na condição de homem e Deus na condição divina. Cristo é servo por fazer a vontade do Genitor, recebeu a condição humana para

¹⁶³ Ibidem, VII, 3. 6.

intermediar entre o Criador e as criaturas, embora possua forma corpórea como os humanos, a natureza divina foi incorporada em sua essência. Diferentemente do Pai que é incorpóreo e inalterável, o Filho é uma criatura humana como os homens.

Recebendo a forma de servo, não perdeu a forma de Deus, na qual era igual ao Pai. Portanto, revestido da forma de servo, não ficou privado da forma de Deus, pois, tanto na forma de servo, como na forma de Deus, ele é o Filho Unigênito de Deus Pai, igual ao Pai na forma de Deus, e mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus, na forma de servo.¹⁶⁴

Deus se encontra presente em seu filho, Jesus Cristo, conforme narra o Evangelho de São João “*E o verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,1-14)¹⁶⁵, o Filho é o Verbo de Deus, o espelho do Pai encarnado na Terra, Verbo para Agostinho significa sabedoria nascida. O Verbo humanado nasceu de uma virgem chamada Maria, uma mulher sem pecado e escolhida por Deus. O Messias foi concebido no ventre de Maria pela ação do Espírito Santo, não houve ato conjugal, tudo foi obra do Altíssimo. Agostinho reconhece pela inefabilidade da Sagrada Escritura que Cristo é a imagem de Deus, Luz da Luz, veio ao mundo para iluminar, por meio da inteligência, todos os homens para conhecerem a sabedoria eterna.

Logo, o Filho é Sabedoria que procede do Pai, assim como é Luz da Luz, Deus de Deus. O Pai considerado em particular é Luz e o Filho também o é. O Pai, em particular é sabedoria, o Filho também é Sabedoria. Assim, ambos juntos são uma só Luz, um só Deus, uma só Sabedoria. Mas o Filho *tornou-se para nós Sabedoria proveniente de Deus, justiça e santificação* (1Cor 1, 30) [...] ¹⁶⁶

A Sabedoria do Pai manifesta-se plenamente no Verbo encarnada, partindo desse pressuposto, Agostinho conclui que o Filho Unigênito é o próprio Deus. Os homens se igualam a Cristo pela forma corpórea e da mesma maneira que Cristo possui Sabedoria, os seres humanos podem obtê-la. A transmissão da Luz de Deus ao homem se concretiza à medida que o homem aspira ao conhecimento

¹⁶⁴ Ibidem, I, 7, 14.

¹⁶⁵ Ibidem, I, 6, 9.

¹⁶⁶ Ibidem, VII, 3, 4.

verdadeiro. Não existe impedimento para aqueles que possuem credulidade, uma vez que é o critério para o sujeito adquirir a verdade. Os homens quando convertidos são iluminados pela luz que não foi criada nem feita, mas gerada.

É preciso ter em mente que Cristo é o mediador entre Deus e o homem, com a forma humana, nasceu, teve uma vida social, sofreu, morreu e ressuscitou pelo poder do Pai. Jesus é o amor supremo do Pai, a Sabedoria na terra, a luz resplendor da glória celestial o qual veio iluminar os que se encontram na escuridão. Do mesmo modo que Deus habita em Cristo, habita no interior do homem. A mente do ser dotado de alma possui uma centelha da mente de Deus que faz a conexão do homem com o Divino. Cristo é o mistério da união hipostática, ou seja, Deus e homem ao mesmo tempo. O homem que busca a sabedoria em Cristo encontra o conhecimento do Pai.

Portanto, nossa ciência é Cristo e nossa sabedoria é igualmente Cristo. É ele que implanta em nós a fé nas realidades temporais e também na verdade das realidades eternas. É por ele que caminhamos até ele; e pela ciência que tendemos para a sabedoria. Sem nos afastarmos, todavia, do mesmo Cristo, no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (CI 2,3)¹⁶⁷

No agostinianismo, Cristo é o verdadeiro Mestre que ensina. O processo da epistemologia ontológica no homem ocorre por meio da intimidade com Deus. O problema do conhecimento em Agostinho é superado pela fé. A fé e a iluminação divina são capazes de ultrapassarem as incertezas do mundo espiritual. O autor professa que sobre as coisas que compreendemos devemos consultar a verdade que governa a mente. Quem guia a mente humana é Cristo, que habita no interior do homem, é o único Mestre que pode instruir e conduzir a Sabedoria:

Sobre as muitas coisas que entendemos consultamos não aquelas cujas palavras soam no exterior, mas a verdade que interiormente preside à própria mente, movidos talvez pelas palavras para que consultemos. E quem é consultado ensina, o qual é Cristo que, como se diz, habita no homem interior, isto é, a virtude incomutável de Deus e a eterna sabedoria... E se às vezes há enganos, isto não ocorre por erro da verdade consultada, como tão pouco da luz exterior, pela qual os olhos com frequência se enganam; confessamos que consultamos esta

¹⁶⁷ Ibidem, XIII, 19, 24.

luz a respeito das coisas visíveis para que no-las mostre à medida que as possamos ver.¹⁶⁸

Para Agostinho, existe apenas um mestre interior¹⁶⁹: Cristo. Ele é o mestre que ensina a autoridade divina a todos os homens. O Divino mestre concede, na racionalidade, o entendimento indispensável para o homem compreender o conhecimento inalterável. A Unidade Trina é um pressuposto para que as criaturas racionais creiam em Cristo. A fé em Cristo é o princípio, o início para a obtenção do conhecimento verdadeiro.

A alma vive, movimenta-se e lembra-se de Deus, à medida que iluminada com a luz inarrável é tocado pelo Espírito Santo e pela graça. A ciência inteligível é gratuita, uma decisão de Deus, sobre esse aspecto, as coisas que se pode conhecer de Deus é manifestado por Ele próprio, Ele revela, seu poder e divindade.

Quando, porém, se recorda corretamente de seu Senhor, tendo recebido o seu Espírito, percebe-o perfeitamente, pois aprende mediante o Mestre interior, que não se pode reerguer senão por gratuita iniciativa de Deus, e que sua queda só foi possível por ato voluntário e pecaminoso de sua parte.¹⁷⁰

4.9. Vestígios da Trindade interior e exterior do ser racional

O bispo de Hipona realça que no mundo externo e no interior do próprio homem encontra a imagem de Deus. A imagem de Deus no mundo visível é constatada pelos sentidos. Os sentidos possibilitam uma imagem fiel do mundo sensitivo e das criações de Deus. Segundo o autor, a imagem da Trindade no homem exterior são as formas observáveis as quais comprovam a perfeição de Deus. Ao passo que, a imagem no interior do ser humano, encontra-se nas três

¹⁶⁸ Idem, *O Mestre*. XI, 38.

¹⁶⁹ Ibidem, XIV, 46.

¹⁷⁰ Idem, *A Trindade*. XIV, 15, 21.

faculdades: memória, inteligência e vontade¹⁷¹. Na intelectualidade do homem é constatada a imagem de Deus.

Com efeito, a mente humana é definida na obra *A Trindade* como a parte pela qual se pode conhecer a Deus. A imagem de Deus interior é encontrada quando a alma pensa sobre si e reconhece em si mesma a imagem da Trindade. Esse procedimento íntimo é um desenvolvimento gradativo, em que a mente conhece a imagem de Deus presente em sua subjetividade. A presença poderosa do Criador habita na subjetividade do homem devido à alma está em nível hierárquico acima de todas as criações divinas. A perfeita sabedoria é contemplativa.

Em nós, fora de qualquer dúvida, encontramos imagem de Deus, da Trindade, que, embora não seja igual, mas, pelo contrário, muito distante dela, não coeterna com ela e, para dizê-la em poucas palavras, não da mesma substância que Ele, é, por natureza, de todas as criaturas a mais próxima de Deus. É, ademais, aperfeiçoável, para ser próxima também por semelhança. Somos, conhecemos que somos e amamos esse ser e esse conhecer.¹⁷²

¹⁷¹ Ibidem, XIV, 7, 10.

¹⁷² Idem, *A Cidade de Deus*. XI, XXVI.

5. A doutrina da iluminação divina: a verdade revelada à razão humana por intermédio da ação divina

É imprescindível destacar que a finalidade última de Agostinho é atingir a ciência eterna, a inquietude de seu coração queria uma certeza indiscutível, uma e universal que levasse a única verdade existente. Cansado de percorrer o mundo exterior com os sentidos e buscar a sabedoria nas propriedades materiais, decide investigar o verdadeiro conhecimento dentro de si, e finalmente, após inúmeras perscrutações descobre a sabedoria almejada incorporada em seu interior. Nas *Confissões* remete que a luz estava dentro de si, no entanto, insistia em procurá-la fora em um local determinado, nas belas formas das criaturas.¹⁷³

Que luz é essa que brilha diante de mim e golpeia o meu coração sem o ferir? Eu me atemorizo e ao mesmo tempo me inflamo. Aterrorizo-me enquanto sou diferente dessa luz, e me inflamo enquanto semelhante a ela. É a Sabedoria, a própria Sabedoria que brilha em mim, dispersando as nuvens que me cercam [...] Quem puder ouça a tua voz no seu interior. E eu, cheio de confiança, clamarei com teu oráculo: Como são magníficas as tuas obras, senhor! Tudo fizeste na tua Sabedoria! É ela o princípio, e neste princípio criaste o céu e a terra.¹⁷⁴

Plenamente convencido das verdades sobrenaturais, o autor assegura que a mente investiga as realidades incompreensíveis, invisíveis aos olhos carnis. O Ser transcendental habita no íntimo da alma e transmite ao olhar interior, o conhecimento sobrenatural. Em si mesmo o indivíduo encontra a realidade ontológica, devido às coisas que o homem pode conhecer serem compreendidas e conhecidas pelo intelecto. A Iluminação divina são sinais no pensamento que permite ao homem conhecer os bens eternos. Para o Santo Doutor, Deus é a Sabedoria desde o princípio de toda criação, a inefabilidade divina está presente na mente dos homens.

De tudo isso, basta-nos ter certeza de que, quando o ser humano puder pensar sobre a natureza de sua alma e encontrar a

¹⁷³ Idem, *Confissões*. VII, 7 e X, 27.

¹⁷⁴ Ibidem, XI, 9.

verdade, não a encontrará em outro lugar, a não ser em si mesmo. Encontrará, porém, não o que ignorava, mas aquilo em que não pensava. Pois, o que sabemos nós, se não sabemos o que há em nossa mente? Visto que tudo o que sabemos, só podemos conhecê-lo por meio de nossa mente.¹⁷⁵

Refletidamente Agostinho pensa nas realidades temporais e atemporais, especialmente, na natureza incorpórea, invisível e imperceptível aos sentidos. A partir dessas reflexões desenvolve a teoria da iluminação divina na subjetividade do homem, essa tese refere-se à revelação de Deus ao homem acerca do conhecimento coeterno. De acordo com a definição, encontrada nas obras de Agostinho, a iluminação divina dar-se-á por intermédio de Deus, o qual infunde uma luz invisível e inarrável na razão humana, devido ser a parte pertencente ao indivíduo que mais se assemelha a Ele. O ser humano que age segundo a reta razão contempla o conhecimento inteligível. Além disso, essa teoria enquanto analisada diz respeito ao homem e a Deus.

Naquela Verdade eterna, segundo a qual todas as coisas temporais foram feitas, é que contemplamos com o olhar da mente *a forma* que serve de modelo a nosso ser, e conforme à qual fazemos tudo o que realizamos em nós ou nos corpos, quando agimos segundo a verdadeira e reta razão. Graças a ela, nós temos em nós conhecimento verdadeiro das coisas, conhecimento que é como verbo por nós gerado em uma dicção interior. E esse verbo não se afasta de nós ao nascer.¹⁷⁶

O argumento ontológico agostiniano começa a ser fundamentado na iluminação divina, em que Deus é a luz da inteligência do homem, Aquele que ilumina e revela a sabedoria genuína. Especialmente no ponto de vista do filósofo, a consciência é a bússola que orienta ao caminho do bem supremo. A consciência não se engana e nem é enganada, na medida em que Cristo fala na interioridade, coloca na mais profunda natureza humana o conhecimento incorruptível a fim de que o intelecto seja guiado em direção a Deus. Agostinho crê na bondade infinita de Deus, a criatura não é perfeita, mas pode buscar a perfeição naquele que é perficiente. Seguindo o exemplo de Cristo, o ser racional chega à contemplação da divindade.

¹⁷⁵ Idem, *A Trindade*. XIV, 5, 8a.

¹⁷⁶ Ibidem, IX, 7, 12.

5.1. Deus é a Sabedoria

O filósofo de Hipona declara que a verdade é propriedade de Deus: “Bem ao contrário, todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a Verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor.”¹⁷⁷ Deus é a sabedoria imutável e infinita, não há sabedoria fora de Deus, visto que Ele é a própria sabedoria, pela iniciativa Dele a natureza racional adquire o saber incontestável. Nota-se, desse modo, que para embasar sua doutrina, o autor esclarece que a alma do homem consegue ver a inteligibilidade divina, através da luz espiritual. Vale ressaltar que a luz não é Deus, mas sim, produzida pela graça divina quando concedida pela vontade humana.

Todo aquele que entende, é iluminado por certa luz não corporal, não carnal, não exterior, mas interior. Existe, portanto, irmãos, certa luz interior, que não possuem os que não entendem. [...] Junto de Deus está a fonte da vida e a fonte inexaurível; na sua luz temos uma luz indefectível. Deseja tal luz, certa fonte, certa luz que teus olhos desconhecem. Os olhos interiores são capazes de vê-la. A sede interior arde no desejo de tal fonte.¹⁷⁸

Pensava o Santo, a verdade é una, não está apenas em uma pessoa devido ser unificada, a verdade situa-se em todos os seres humanos. Um dos pontos notáveis de seu pensamento consiste na teoria de que Deus não recebe a Sabedoria de ninguém, visto que Ele é a própria Sabedoria, a sapiência divina se identifica com a essência divina. O homem recebe o conhecimento inalterável, mediante a ação e da participação divina.

Essa sabedoria contemplativa é a que as Escrituras, conforme penso, chamam propriamente de sabedoria, distinguindo-a da ciência. Sem dúvida, é sabedoria do homem, embora não lhe pertença, a não ser que a receba daquele que, por participação, pode tornar realmente sábia, a alma racional e inteligente. É dela que Cícero faz o elogio, no final de seu diálogo o “Hortêncio” [...]¹⁷⁹

¹⁷⁷ Idem, *A Doutrina Cristã*. II, 19, 28.

¹⁷⁸ Idem, *Comentário aos Salmos* 1 -50. Comentário ao Salmo 41, Sermão ao povo 2.

¹⁷⁹ Idem, *A Trindade*. XIV, 19, 26.

Deus é raio de luz, o bálsamo da verdade, a sabedoria que resplandece e brilha na mente, não como luz material aos olhos humanos, mas como uma luz incorpórea. Deus é espírito, inteligência, luz que torna a alma bem aventurada, pura, capaz de chegar à substância imutável. Deus não fala ao homem sussurrando aos ouvidos corporais como os seres humanos se comunicam entre si, expressa através da mente, e não pelo corpo.

Vários são dotados de vista mais aguda que a nossa, para ver a luz sensível, mas não podem atingir a luz incorpórea, cujos raios nos iluminam a alma, para assegurar-nos a retidão de nossos juízos. E a medida de nossa participação nessa luz é a medida de nossa inteligência.¹⁸⁰

5.2. Intelectualidade: a parte do homem que contempla a ciência eterna

Há basicamente um modo de compreender a iluminação divina, são realidades atemporais e imutáveis. A concepção básica do pensador consiste em manter a posição de que a verdade é eterna, permanece para sempre na inteligência, uma vez que a alma retém o conhecimento sensível e inteligível. A doutrina da iluminação entende-se como uma luz impulsionadora, um processo de interiorização em que Deus ilumina a mente humana para receber o conhecimento imperceptível aos sentidos.

Deus, ao contrário, criou a mente racional e intelectual do homem, capaz de apreender a sua luz; [...] Ilumina-a por si mesmo, de tal modo que ela, progredindo, contempla não apenas o que a verdade lhe mostra, mas ainda a própria verdade.¹⁸¹

A luz radiante da divindade de Deus é vista com o intelecto, o olhar interior. Na mente entendemos o que é justo e injusto, discernimos o verdadeiro do

¹⁸⁰ Idem, *A Cidade de Deus*. XI, XXVII, 2.

¹⁸¹ Idem, *Comentário aos Salmos 101-150*. Comentário ao Salmo 118, XVIII Sermão, 4.

falso, é indubitável que o intelecto dispõe a capacidade para compreender o conhecimento, a incognoscibilidade divina é percebível na mente.

Quando a inteligência acede, o que é próprio da mente, acontece à revelação ou o conhecimento ou a profecia ou o ensinamento. Por isso diz: *Se eu for ter convosco, falando em línguas: como vos serei útil, se a minha palavras não vos levar nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento?*, ou seja, com sinais; isto é, a inteligência deve aceder à mente para fazer o que faz não somente pelo espírito, mas também com a mente.¹⁸²

5.3. Razão: fonte do conhecimento sobrenatural

É plausível nas obras do bispo de Hipona que o corpo humano é matéria, por isso, perecível. Entretanto a alma é eterna, em consequência de ser uma partícula de Deus encontra-se a presença do Criador. Como um verdadeiro filósofo e acima de tudo cristão, Agostinho, crê que a sabedoria é a eternidade imutável, os mistérios do Deus salvífico cujos são insondáveis aos sentidos. Deus, o criador de todas as coisas existentes, conhece plenamente a sua criação, sobretudo, a alma.

Chegamos, agora, ao assunto que nos determinamos a considerar: a parte mais nobre da alma humana pela qual se conhece a Deus, ou se pode vir a conhecê-lo. Vamos procurar aí a imagem de Deus. Embora, a alma humana não seja da mesma natureza que a de Deus, contudo, a imagem dessa natureza — a mais sublime que se possa pensar—, é preciso procurá-la e encontrá-la em nós, lá onde a nossa natureza possui o que há de mais excelente.

Mas antes é mister considerarmos a mente nela mesma, antes de ser participante de Deus. Nela haveremos de descobrir a divina imagem. Pois, como dissemos (XIV,4,6), na alma, mesmo perdendo a participação de Deus, e se tornando manchada e disforme, permanece entretanto, a imagem divina. E ela é imagem de Deus, porque precisamente é capaz de Deus, e pode

¹⁸² Idem, *Comentários aos Gênesis*. XII, VIII, 19.

ser partícipe dele. E não poderia alcançar tão grande bem, se não fosse ela a sua imagem.¹⁸³

O filósofo de Hipona admite que a alma é a parte interior do homem, enquanto o corpo é a parte exterior. O corpo envelhece e morre, enquanto a alma é a substância espiritual e imutável, consiste na mais perfeita obra de Deus. Na obra *A Trindade*, Agostinho atribui a alma como a grandeza do corpo, em virtude de ser a parte superior. O intelecto, inserido na alma, faz o homem aproximar-se de Deus e chegar à contemplação do Altíssimo.

O saber divino é imortal, permanece na alma eternamente em sua imortalidade, isto é, na racionalidade:

É necessário, porém, procurar na alma do homem, ou seja, em sua mente racional e inteligente, essa imagem do Criador, inserida imortalmente nesta nossa natureza imortal.¹⁸⁴

A razão é uma potência inexplicável, é elevada ao corpo pelo motivo de participar da natureza soberana. É na razão que se aplica à sabedoria, nela é obtida a inteligência das realidades espirituais, eternas e imutáveis.¹⁸⁵

Deus é o mediador, Aquele que estabelece uma ligação entre a razão e a sabedoria. Reitero que nas obras do autor a verdadeira sabedoria do homem está onde se encontra a contemplação das realidades eternas, isto é, na mente, local em que é recordada a imagem da Trindade.

Porém, quando se trata das coisas que percebemos com a mente, isto é, pelo intelecto e pela razão, falamos daquelas coisas que enxergamos estarem presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e da qual goza o que se diz do homem interior; então, também aquele que nos ouve, pela sua própria contemplação conhece o que digo, não por minhas palavras, se ele próprio vê as coisas interiormente e com olhos simples. Portanto, nem sequer a este, que vê coisas verdadeiras, estou ensinando ao dizer-lhe coisas verdadeiras, porque ele é instruído não por meio de minhas palavras, mas mediante as próprias coisas que lhe ficam claras sendo Deus que lhas revela interiormente; pelo que ele poderia responder se fosse interrogado a respeito dessas coisas.¹⁸⁶

¹⁸³ Idem, *A Trindade*. XIV, 8, 11.

¹⁸⁴ Ibidem, XIV, 4,6.

¹⁸⁵ Ibidem, XII, 12,17.

¹⁸⁶ Idem, *O Mestre*. XII, 40.

Na criatura humana perdura uma imagem interiorizada da Trindade, as três realidades: mente, amor e conhecimento formam um elo no processo da construção da iluminação divina. Tanto o amor quanto o conhecimento são encontrados na razão. Na célebre forma agostiniana, existe uma relação entre a mente, o amor e o conhecimento, por pertencerem à mesma essência ou substância formam uma unidade, uma estrutura que compõem peças fundamentais na doutrina da iluminação divina. Sem uma dessas peças a revelação não é concretizada, a relação entre os três ocorrem inseparavelmente, a mente que ama Deus conhece o amor incondicional e atinge o maior grau dos conhecimentos:

Realiza-se, de fato, certa imagem da Trindade: a própria mente; seu conhecimento, que é a sua prole verbo gerado dela mesma; e um terceiro elemento, o amor. Esses três elementos formam uma única unidade e são de uma mesma substância. A prole, ou seja, o conhecimento não é inferior à mente, se esta se conhece na medida de todo o seu ser. O amor também não inferior, se a mente se ama a si mesma na proporção em que se conhece e existe.¹⁸⁷

Na percepção do autor, a alma humana não é capaz de possuir luz própria, assim como o sol ilumina a Terra e uma lâmpada precisa de energia para acender, a alma necessita plenamente de uma luz procedente de Deus para conduzi-la a sabedoria:

Mas existia a luz verdadeira, que não é iluminada como os homens, mas que ilumina todo homem (...) Com efeito, criatura alguma, apesar de racional e intelectual, ilumina-se a si mesma, mas acende-se na participação da verdade eterna.¹⁸⁸

Deus é a lâmpada resplandecente que brilha no interior do homem, na potência intelectual da alma. Para embasar a teoria o filósofo elucidada:

Vede, irmãos, o que acontece na alma humana. Não tira luz de si mesma, não encontra em si mesmas forças. Mas tudo o que há de belo na alma é a virtude e é a sabedoria; contudo a alma não sabe para si mesma, não tem forças para si, não é luz para si mesma, nem é virtude para si mesma. Existe certa origem e fonte da virtude, existe certa raiz da sabedoria, existe, por assim dizer, se é que se deve dizer, uma região da verdade imutável. Se a alma dela se afasta, entenebrece, e se ao contrário

¹⁸⁷ Idem, *A Trindade*. IX, 12, 18.

¹⁸⁸ Idem, *Comentário aos Salmos* 101–150. Comentário ao Salmo 118, XXIII Sermão, 1.

aproxima-se, ilumina-se. Acercai-vos dele e sereis iluminados (Sl 33,6), porque se vos afastais, entenebreceis.¹⁸⁹

Agostinho menciona Deus como verdadeira fonte de luz, amor e paz, penetra na inteligência humana e no mais profundo do ser, derrama um raio de sua luz esplêndida, apenas as almas racionais são denominadas sábias, pelo fato de participarem da sabedoria divina. Nenhum animal ou coisa criada podem ser sábios, embora, existam pela sabedoria de Deus.¹⁹⁰ O pensador exprime que a verdadeira sabedoria é a piedade, a piedade é o culto prestado a Deus mediante as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade¹⁹¹: “Portanto, Deus mesmo é a suma sabedoria, e o culto prestado a Deus é a sabedoria do homem [...]”¹⁹².

A três virtudes produzem qualidades concebidas na alma. A fé condiz no que se deve crer, a esperança o que se espera e a caridade o que se deve amar¹⁹³. A esperança e a caridade subsistem pela fé, elas fornecem suportes necessários à crença e as transforma em oração a Deus. As virtudes teologais ao mesmo tempo em que são distintas possuem uma interdependência: “Conclui-se daí que nem o amor pode existir sem a esperança, nem a esperança sem o amor, nem ambos sem a fê”.¹⁹⁴

As virtudes teologais são infundidas no indivíduo pela graça de Deus, apresentam como origem o próprio Deus e conduz o sujeito a viver uma vida reta em união a Trindade. A partir dessa compreensão, o pensador, acredita que o cristianismo é uma certeza indestrutível, à ciência divina é encontrada exclusivamente nessa doutrina.

A iluminação divina é uma iniciativa de Deus, porém com permissão da criatura, Agostinho tem uma única certeza, a certeza em que Deus está presente no indivíduo. Vale destacar que a doutrina da iluminação divina é um processo, compreendida como um desenvolvimento gradativo o qual a mente deseja, prepara e aceita a posse da verdade. A iluminação divina equivale a acender uma lâmpada em uma casa escura, a luz produzida ilumina o que estava oculto, os móveis e objetos, o mesmo acontece com o intelecto, Deus ao iluminar a mente faz com que

¹⁸⁹ Idem, *Comentário aos Salmos 51 -100*. Comentário ao Salmo 58, I Sermão, 18.

¹⁹⁰ Idem, *Comentário Literal ao Gênesis, Inacabado*. XV, 59.

¹⁹¹ Idem, *Enquirídio sobre a fé, a esperança e a caridade*. 2 e 3.

¹⁹² Idem, *A Trindade*. XIV, I, 1.

¹⁹³ Idem, *Enquirídio sobre a fé, a esperança e a caridade*. 3.

¹⁹⁴ Ibidem, 8.

o homem entenda aquilo que estava oculto dentro de si. É a imagem do Criador na intelectualidade da criatura, o indivíduo iluminado compreende a imagem do Ser Absoluto na sua própria natureza. A divindade do Deus Supremo é vista apenas pelo olhar interior da alma.¹⁹⁵

A alma é dotada de pensamento é racional. “A alma racional se destaca acima de todas as coisas que Deus criou e está mais próxima de Deus quando é pura, aproximando-se mais dele quando mais percebe essas Razões (iluminadas e saturadas por assim dizer pela luz inteligível dele), não pelos olhos do corpo, mas pela parte de si pela qual é superior, isto é, pela inteligência [...]”¹⁹⁶

5.4. A iluminação na alma pura

O homem que vive em pecado não avista o brilho na alma, por outro lado, os que vivem na justiça obedecem aos mandamentos da lei de Deus¹⁹⁷, são renovados no Espírito Santo e dirige-se para o conhecimento de Deus. O homem em pecado está inabilitado a receber a iluminação divina.

Mas se alguém, mesmo advertido, não consegue distinguir essas realidades, é porque está mergulhado profundamente em grande cegueira de coração e nas trevas da ignorância. Está assim precisando de auxílio divino bem mais poderoso para chegar à verdadeira sabedoria.¹⁹⁸

¹⁹⁵ Idem, *A Trindade*. I, 6, 11.

¹⁹⁶ Idem, *Sobre os Universais, De diversis quaestionibus octaginta tribus*, (388 – 395), q 46.

¹⁹⁷ Na Sagrada Escritura os dez mandamentos ou decálogo estão narrados no livro de Êxodo 20: 1-17 e no livro Deuteronômio 5: 1-21. Os mandamentos extraídos no livro Êxodo da Bíblia Ave-Maria são: 1) “Não terás outros deuses diante de minha face.” 2) Não farás para ti esculturas [...] Não te prostrarás diante delas não lhes prestarás culto.” 3) Não pronunciarás o nome de Javé, teu Deus, em prova de falsidade, porque o Senhor não deixa impune aquele que pronuncia o seu nome em favor do erro.” 4) Lembra-te de santificar o dia de sábado.” 5) “Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o senhor, teu Deus.” 6) “Não matarás.” 7) Não cometerás adultério.” 8) “ Não furtarás.” 9) “ Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.” 10) “Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.”

¹⁹⁸ Op.cit. *A Trindade*. XIV, 7, 9.

Explicitando a citação acima, ao descrever cegueira de coração podemos compreender um coração endurecido, distante das realidades celestiais. Um dos critérios indispensável para o homem receber a iluminação é converter-se e renovar diariamente no conhecimento de Deus. A conversão não é feita da noite para o dia, é um processo contínuo, o crescimento espiritual e, também, moral. Nas palavras de Agostinho, o sujeito precisa renovar-se espiritualmente, praticar a justiça até chegar à perfeição. O espírito do homem é convidado pelo Criador a viver dignamente, a progredir no saber inalterável e na santidade, donde segue:

Logo, aquele que dia a dia renova-se progredindo no conhecimento de Deus, na justiça e santidade da verdade (Ef 4,24), transfere seu amor do temporal para o eterno; do visível para o invisível; do carnal para o espiritual; e persiste com muito cuidado em refrear suas paixões e diminuir os desejos em relação aos bens temporais, para se unir com perseverança aos bens espirituais, pela caridade. E tanto mais caminhará, quanto mais for ajudado pela graça de Deus. Pois é esta a palavra divina: *sem mim nada podeis fazer* (Jo 15,5).¹⁹⁹

O indivíduo, desejoso do conhecimento verdadeiro, deve buscar primeiramente em Deus a verdade. Aquele que enxerga Deus em seu interior, faz a Sua vontade e o busca de modo favorável alcança a sabedoria. O homem penetrando em si mesmo, no mais profundo íntimo de sua alma, se eleva ao encontro com Deus e o fulgor da claridade divina começa a atuar na subjetividade. O indivíduo que não reconhece a verdade em si é como um cego, apresenta o olhar da mente enfermo pelos costumes das sombras carnis.

Quem não reconhecer tal verdade, é como cego banhado pelo sol, a quem o fulgor de tanta claridade e luz, atuando em seus olhos, de nada lhe servem. Quem não obstante vê a luz, mas ainda assim ofusca-se com ela, é porque tem o olhar da mente enfermo pelo costume das sombras carnis.²⁰⁰

Nessa linha de pensamento, Agostinho enfatiza que a sabedoria é para todos que desejam e amam a Deus. Os homens que não alcançam a sabedoria desviaram-se do caminho predestinado pela divindade, é incontestável que esses vivem contrariamente aos planos divinos. Quando o homem rege a sua vida em

¹⁹⁹ Ibidem, XIV, 17, 23.

²⁰⁰ Idem, *A Doutrina Cristã*. I, 9.9.

concordância a Lei divina a alma tende a aperfeiçoar progressivamente. O homem virtuoso e perseverante administra uma vida reta, a virtuosidade da alma move a criatura humana ao caminho condutor do conhecimento duradouro.

Agora, atrevo-me a dizer isso claramente. Se nós nos mantivermos com perseverança no caminho que Deus nos indica, o qual recebemos para nele nos mantermos, chegaremos pela Virtude e Sabedoria de Deus àquela suprema Causa, ou supremo Autor, ou supremo Princípio de todas as coisas, ou denomine-se de outro modo com mais propriedade, a essa realidade tão grande.²⁰¹

O homem cuja mente é impura pelo pecado torna-se incapaz de conhecer plenamente a essência de Deus, somente a mente purificada e íntegra é apta à contemplação ao Superior. Na crença agostiniana é destacada que Deus é uma substância inexprimível, o Sumo bem, visível apenas às almas puras, fortalecida pela fé.

Mas que se convençam pela própria experiência de que existe aquele sumo Bem, só visível às mentes muito puras. E se eles não podem compreender, é porque o limitado olhar da inteligência humana não é capaz de fixar nessa luz sublime, se não for alimentado pela justiça fortalecido pela fé.²⁰²

É nesse sentido que os indivíduos que possuem cegueira espiritual são inaptos a enxergar o brilho da Luz interior. Agostinho em seu *Sermão da Montanha* enfatiza que aos puros de coração pertence à faculdade de ver a Deus. Os homens puros de coração possuem o olhar interior purificado do pecado e apreciam, na subjetividade, a imagem de Deus, nesse sentido, os bem-aventurados são aqueles que atingem a sabedoria.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.” Insensatos são os que buscam a Deus com estes olhos corporais, já que ele somente pode ser visto com os olhos do coração. Assim está escrito: “Buscai o Senhor com simplicidade de coração”. Coração puro é o mesmo que coração simples. E assim como é necessário ter os olhos do corpo sadios, para vermos a luz do dia, assim Deus não pode ser visto a não ser que estejam purificados os olhos do coração, com os quais unicamente podemos contemplá-lo.²⁰³

²⁰¹ Idem, *A Grandeza da alma*. XXXIII, 76.

²⁰² Idem, *A Trindade*. I, 2, 4.

²⁰³ Idem, *Sermão da Montanha*. I, 8.

5.5. O processo aquisitivo da sabedoria

O ponto de partida da certeza começa a validar, no pensamento agostiniano, quando inicia o discurso da existência da alma pensante. A alma é a parte do corpo a qual apresenta mais valor, é elevada pela inteligência e pela capacitada de julgar. Todo julgamento executado pelo homem e feito na racionalidade, da mesma forma que o homem deseja conhecer as realidades exteriores, a alma deseja conhecer-se a si mesma. Agostinho reflete acerca de que a alma deve conhece-se completamente como sujeito pensante, caso não “conhece-te a ti mesma”²⁰⁴ não poderá conhecer as outras almas, sobretudo, outros pensamentos, os objetos sensíveis e o mundo. O autoconhecimento do espírito concretiza-se na medida em que a alma constrói o conhecimento da sua autoconsciência, isto é, sabe que vive, nisto consiste uma verdade inquestionável em Agostinho.

Portanto, conhece-se a si mesma, toda inteira. E o que lhe é mais conhecido do que saber que vive? Não pode ser alma e não viver, quando ainda possui algo a mais, que a inteligência. As almas dos animais também vivem, mas não raciocinam com a inteligência. Assim como a alma é alma toda inteira, assim a alma toda inteira vive. Sabe-se que tem vida. Portanto, conhece-se totalmente.²⁰⁵

Decodificando a citação, entende-se a menção “conhece-se totalmente” como a percepção do homem sobre si mesmo, o autoconhecimento da sua existência. O autoconhecimento ocorre no momento em que a consciência apresenta o pensamento de que existe, vive, conhece sua natureza e entende a alma plenamente. A alma à medida que conhece a si mesma possui conhecimento de seus atos interiores, da sua totalidade, inteligibilidade, manifesta o entendimento da superioridade da razão, e que, comanda o resto do corpo. A alma conhece-se a si mesma quando fixa e pensa em si, quando não é desconhecida na sua consciência, conhece o seu íntimo, a sua substância espiritual, percebe-se intuitivamente. A mente conhece-se com veracidade na ocasião em que sabe que é

²⁰⁴ Idem, *A Trindade*. X, 9, 12.

²⁰⁵ Ibidem, X, 4, 6.

uma alma e não outra coisa, identifica e distingue-se de um objeto ou animal, enfim, quando tem a plena convicção que existe, isso resume o cogito agostiniano.

Devemos deduzir sem reservas que todas as coisas que conhecemos geram ao mesmo tempo em nós o seu conhecimento. Pois todo conhecimento é gerado por ambos: pelo cognoscente e pelo objeto conhecido. Então quando a mente conhece-se a si mesma ela sozinha gera o seu conhecimento, pois ao mesmo tempo ela que conhece e é conhecida. Antes de se ter conhecido, ela já era cognoscível para si mesma. O conhecimento de si mesma, porém, não existia antes de ela se conhecer. Portanto, ao se conhecer ela gera o conhecimento de si, igual a si mesma, pois não se conhece menos do que é e o seu conhecimento não se refere à essência de outro ser, pois não somente é ela o sujeito do conhecimento, como também é o objeto desse mesmo conhecimento [...]²⁰⁶

5.6. Para o homem conhecer a Deus primeiramente é imprescindível conhecer a si mesmo

Para a alma conhecer e contemplar a divindade de Deus, primeiramente, necessita conhecer e amar a si mesma. Conhecer algo é ter convicção, uma certeza, esse convencimento se encontra exclusivamente na consciência, Agostinho, inspirado pelos escritos de Platão, enfatiza que o homem deve conhecer a ti mesmo, a sua essência, o seu espírito. Nos diálogos de Platão, Sócrates apresenta o discurso que o sujeito deve se autoconhecer, conhecer a sua própria natureza: "Conhece-te a ti mesmo"²⁰⁷.

Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, a quem tu desejas compreender, devem-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas. Ouso ensinar-te duas coisas, isto é, conhece-te a ti mesmo e a Deus.²⁰⁸

²⁰⁶ Ibidem, IX, 12,18.

²⁰⁷ Podemos constatar essa proposição em algumas obras de Platão tais como: Protágoras (343B), Fedro (229E), Filebo (48C), Alcibiades I (124^a, 132C).

²⁰⁸ *Soliloquios*. I, VIII, 15.

A experiência subjetiva é primordial a natureza racional, o conhecimento do qual o homem evidencia da sua própria existência é uma verdade indestrutível, que contribui a aquisição da Sabedoria. Para alicerçar seu pensamento, o doutor da Igreja fundamenta que a alma deve buscar a si mesma e se encontrar, perceber-se que é uma substância não corpórea, com afimco procurar-se autoconhecer e inflamar-se com esse desejo: “[...] a alma humana conhece-se a si mesma. Na verdade, não há nada que a alma conheça tão bem como aquilo que lhe está presente; e nada lhe é mais presente do que ela, a si mesma.”²⁰⁹

A alma quando apresenta o conhecimento de si e de sua existência, sabe com confiança que existe, na ocasião em que deseja algo ou recorda um acontecimento em sua memória. Nas palavras de Agostinho, certos homens duvidaram das faculdades que a alma dispõe, dentre elas, viver, recordar, entender, querer, pensar, saber e julgar.²¹⁰ A partir dessa análise, o filósofo indaga que caso a alma não conhece a ti mesma, nunca conhecerá Aquele que a Criou. Constantemente a mente precisa conhecer, amar e fitar no interior, a fim de perceber de quem é a imagem. A mente entende e percebe que vive não pelo corpo, mas pela racionalidade.

A própria alma deve buscar conhecer as realidades sem a intervenção dos sentidos.²¹¹ O espírito por ser uma incógnita tenta entender o que é, como é constituído, se não compreender a sua essência não compreenderá o mistério de Deus. A criatura humana é o único ser habilitado a fazer um ato reflexivo sobre si mesmo, essa particularidade é uma característica implícita no homem. Meditar sobre a vida, a alma e o pensar são bens pertinentes somente ao indivíduo, é nesse sentido que podemos entender o contexto exame de consciência, é um exercício intelectual no qual o sujeito faz em seu próprio pensamento. O conhecimento de si mesmo é adquirido no intelecto após longo período de reflexão.

A autoconscientização do sujeito o faz entender a imagem da Trindade interiorizada. A Trindade introduzida na alma é a imagem de Deus pelo fato de recordar, entender e amar o Criador. A alma mediante essas faculdades torna-se sábia pela participação da luz resplandecente. É interessante notar que o homem quando investiga, recorda, entende e ama a Deus descobre o divino na razão.

²⁰⁹ Idem, *A Trindade*. XIV, 5, 7.

²¹⁰ Ibidem, X, 10, 14 e 15.

²¹¹ Ibidem, X, 7, 10.

Essa trindade da alma não é a imagem de Deus simplesmente pelo fato de: lembrar-se de si, entender-se e amar-se a si mesma, mas sim porque pode também recordar, entender e amar a seu Criador. Quando assim age, torna-se sábia. E se assim não age, ainda mesmo que se recorde, se conheça e se ame, é uma ignorante. Portanto, que ela se lembre de seu Deus, à cuja imagem foi criada, compreenda-o e ame-o.

Para me expressar com mais brevidade: que ela honre a Deus incriado, que a criou capaz dele, o qual ela pode possuir por participação. Por isso, está escrito: *Olhe! Oculto de Deus é a verdadeira sabedoria* (Jó 28,28). E a alma não será sábia por suas próprias luzes, mas por participação daquela luz suprema onde reinará eternamente e será feliz. É nesse sentido que se diz: “sabedoria do homem”, como sendo ao mesmo tempo sabedoria de Deus. Então, a sabedoria terá a marca da verdade, pois se for apenas sabedoria humana ela será vã. Contudo, não se trata da sabedoria mesma de Deus, pela qual Deus é sábio. Deus não é sábio por participação de si mesmo, como a mente humana é sábia por participação de Deus.²¹²

A sabedoria é adquirida à proporção que aumenta o vínculo afetivo do homem para com o Autor do universo. À medida que a mente toma conhecimento de sua existência, começa a entender e compreender os segredos divinos. Esse processo é feito por meio da fé, pela fé o sujeito revivificado, busca Deus incessantemente. Através da fé a alma participa da luz absoluta, venera o Altíssimo e adquire o mais elevado grau da sabedoria.

5.7. Fé: o primeiro critério para a posse da verdade

A fé é um dom sobrenatural concedida pela autoridade divina e infundida na alma: “Começam elas a existir interiormente, e não fora do íntimo da alma. Com efeito, a fé não é o que se crê, mas com o que se crê. Crê-se nos dados da fé, mas intui-se a fé.”²¹³ A intensidade da fé e dos sentimentos para com Deus faz o homem apreciar o dogma sagrado. Como dom divino os homens não podem atribuir a si mesmo a fé.

²¹² Ibidem, XIV, 12, 15

²¹³ Ibidem, XIV, 8, 11.

Este dom espiritual é invisível e inexplicável a razão humana, seria como o oxigênio no qual o homem respira, não consegue enxergar com os olhos carnis, mas sabe de sua existência. A credulidade é o formidável dom divino, convence aos que possuem a infalibilidade do amor imorredouro. A fé é o elemento primordial, serve de ponto de partida para todo o processo da teoria da iluminação divina, é o início para a obtenção do conhecimento celestial: “Pois a fé declarada que, de certo modo, inicia o conhecimento”.²¹⁴ A crença inabalável em uma divindade faz o sujeito investigar, na subjetividade, o saber indestrutível.

A Sagrada Escritura, no livro *Hebreus*, relata a relevância da credulidade como dom de Deus “Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos.”²¹⁵, e ainda enfatiza: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam.”²¹⁶. Cada indivíduo possui uma intensidade na fé, visto que habita, temporariamente, no coração dos crédulos. Sem a convicção não é possível à aquisição das realidades divinas, quanto maior à fé, maior a manifestação de Deus. O dom da crença é um pressuposto que auxilia na obtenção da sapiência, é um critério decisivo para obter a verdade. Primeiro Deus ilumina o homem com o dom da fé, portanto, é um elo, faz conexão do ser humano a Deus. Enquanto a fé busca, a inteligência encontra conforme elucida o autor:

A fé busca, o entendimento encontra; por isso diz o profeta: *Se não crerdes, não entendereis* (Is 7,9). Doutro lado, o entendimento prossegue buscando aquele que a fé encontrou, pois, *Deus olha do céu para os filhos dos homens*, como é cantado no salmo sagrado: *para ver se há alguém que tenha inteligência e busque a Deus* (Sl 13,2). Logo, é para isto que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus.²¹⁷

Nesta citação, vislumbra-se que a razão e a fé caminham juntas, enquanto uma busca o conhecimento verdadeiro a outra encontra. A fé e a mente são os núcleos essenciais no agostinianismo, desempenham um papel propedêutico, pois, a epistemologia na racionalidade gira em torno da fé e da razão. Na interpretação do bispo de Hipona a convicção prepara a mente para receber a certeza redentora, é a percepção que antecede todo o conhecimento celestial, através da fé, o homem

²¹⁴ Ibidem, IX, 1,1.

²¹⁵ BÍBLIA. Hebreus. 11,1.

²¹⁶ BÍBLIA. Hebreus. 11,6.

²¹⁷ Op.cit. XV, 2, 2.

crê e entende os mistérios divinos. Pela fé e pela razão Agostinho compreendeu a verdade. A fé e a razão não são dicotômicas, nem se encontram separadas, esses elementos essenciais estão entrelaçados, mantêm uma relação de dependência na sucessão do desenvolvimento da sabedoria.

Observa-se assim que o magnífico dom da fé é intangível, intransferível e imprescindível, é adquirida permanentemente e habita no coração na alma. A credulidade necessita ser alimentada constantemente e suplicada a Deus, não é visível aos olhos corporais, e assim como nasce nos corações também pode desaparecer. A fé é a mesma para todos os fieis, brota no coração e é somente perceptível para aqueles que a possuem. Sobre essa temática, a fé é a infusão do Poderoso, o próprio Deus dentro do homem.

Embora a fé nasça em nós mediante o ouvido, não diz respeito ao sentido corporal denominado audição, pois não é som; nem aos olhos corporais, pois não é cor nem forma corpórea; nem ao chamado tato, já que não tem estrutura; e nem a qualquer outro sentido do corpo. É uma realidade do coração, não do corpo; não é exterior a nós, mas interior; ninguém a vê em outro, mas em si mesmo.²¹⁸

A fé é o alicerce, a primeira condição, o requisito prévio para atingir a sapiência. Na crença do bispo de Hipona para contemplar Deus é preciso um coração puro, vivenciar o amor e experimentar a fé. Sem a fé, o ser racional, é incapaz de edificar sua alma, purificá-la para concentra-se nas coisas divinas. A fé, juntamente com a esperança e a caridade, transforma o homem, o dignifica e conduz ao Altíssimo. Mediante a fé, a razão contempla o ser Sempiterno:

Por isso, a alma precisa de três coisas: que esteja sã, que olhe e que veja. As outras três coisas: a fé, esperança e o amor, são necessários primeiramente para conseguir aquelas três: saúde, olhar e visão; em segundo lugar, são sempre necessárias; em terceiro lugar, porém, nesta vida permanecem todas, mas depois desta vida subsiste só o amor.²¹⁹

O homem que possui autoconhecimento da sua existência, fé, esperança e amor caminha rumo à posse da sabedoria. Além disso, é necessário um progresso gradativo no espírito que aperfeiçoa a alma para a contemplação das verdades

²¹⁸ Ibidem, XIII, 2, 5.

²¹⁹ Idem, *Soliloquios*. I, VII, 14.

eternas. A alma, segundo Agostinho de Hipona, possui sete graus de grandeza e potencialidade os quais são imprescindíveis no processo da iluminação divina. Os graus, vivenciados na alma, são organizados em uma ordem pedagógica, em que cada grau equivale à preparação ao fim último do homem, isto é, a conquista da sabedoria: “Porque faz parte de um bom método pedagógico chegar à sabedoria com certa ordem [...]”²²⁰

²²⁰ Ibidem, I, XIII, 23.

6. Os graus da ascensão espiritual

Mestre da interioridade, Agostinho, introduz uma ordem progressiva e setenária²²¹ na qual o espírito humano atinge sete graus que purifica e aperfeiçoa a alma em preparação para a aquisição do saber incorruptível. Os graus são ordenados em etapas gradativas, sete princípios indispensáveis que edificam e elevam o espírito para obter a posse da sabedoria. Esses níveis que regem a natureza humana são vias condutoras ao conhecimento verdadeiro, pertencem às atividades desenvolvidas e desempenhadas pela alma. A vida intelectual e as ações fazem o homem subir ao último e mais elevado grau do conhecimento, isto é, a contemplação a Deus.

Assim, indo de baixo para cima, o primeiro grau, por uma técnica pedagógica, é a animação; o segundo, a sensação; o terceiro, a arte; o quarto, a virtude; o quinto, a tranquilidade; o sexto, o ingresso; o sétimo, a contemplação. Podem ser denominados também assim: sobre o corpo, pelo corpo, acerca do corpo, para si mesma, para Deus, junto de Deus. Podem-no também deste modo: inteiramente de outro, inteiramente por outro, inteiramente acerca de outro, inteiramente para o belo, inteiramente no belo, inteiramente para a beleza, inteiramente junto à beleza.²²²

Os graus na ascensão espiritual conduzem às bem-aventuranças, narrada na palavra de Deus²²³, condiz com a preparação do espírito. Nessa ótica, os graus são como uma escada, uma subida em que cada grau, a potência da alma é mais

²²¹ No agostinianismo setenário equivale ao número sete.

²²² AGOSTINHO, Santo. *A Grandeza da alma*. XXXV, 79.

²²³ Matheus 5, 1-11. "1Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. 2Então, abriu a boca e lhes ensinava, dizendo: 3" Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus! 4Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! 5Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! 6Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados! 7Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! 8Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! 9Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! 10Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus! 11Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim." 12Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós". As bem-aventuranças também são narradas no evangelho de 6, 20-49.

elevada e perfeita em comparação ao grau anterior. É o caminho condutivo a beatificação da alma para contemplar a inteligibilidade divina.

Com efeito, a verdadeira religião (*religio vera*) é aquela pela qual a alma se une pela reconciliação ao único Deus, do qual se afastara pelo pecado. Ele liga a alma naquele terceiro grau e começa a conduzi-la; purifica-a no quarto grau, restaura-a no quinto, fá-la ingressar no sexto e alimenta-a no sétimo. E isto acontece a algumas almas mais cedo, a outras, mais tarde, de acordo com o valor que cada uma apresenta por seu amor e seus merecimentos. Contudo, Deus o faz com toda justiça, com sabedoria e magnificamente, qualquer que seja o modo que quiserem responder as almas nas quais atua.²²⁴

Nos graus o espírito exerce atividades da vida vegetativa, sensitiva e racional, baseado na obra do bispo de Hipona, o sétimo grau é a sabedoria, o nível superior de todos os conhecimentos, consiste na tranquilidade de espírito e contemplação da verdade. A alma deve percorrer as etapas setenárias integralmente, a chegada ao último grau far-se-á mediante o percurso:

Enfim, o sétimo grau é a própria sabedoria, isto é, a contemplação da verdade, aquela que pacifica todo homem e imprime nele viva semelhança com Deus. “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”²²⁵

6.1. Primeiro grau da potencialidade da alma: animação

Na concepção do Santo doutor da Igreja, o primeiro grau corresponde à potência pela qual a alma vivifica o corpo terreno e mortal. A alma unida ao corpo comanda seus membros, o mantém organizado. Nesse estágio a alma humana assemelha-se aos vegetais, possui uma vida vegetativa a qual preserva a espécie, se alimenta, cresce e reproduz.

Por isso, primeiramente, o que qualquer pessoa pode compreender: a alma humana dá vida a este corpo terreno e

²²⁴ AGOSTINHO, Santo. *A Grandeza da alma*. XXXVI, 80.

²²⁵ Idem, *O Sermão da Montanha*. I, 10.

mortal com sua presença, dá-lhe unidade e o conserva na unidade, não lhe permite desagregar-se e diluir-se, faz com que o alimento se distribua de modo uniforme a todos os membros, fornece a cada um o que é seu, preserva sua harmonia e proporção, não somente quanto à beleza, mas também quanto ao crescimento e à procriação.

Mas todas estas funções podem ser consideradas comuns ao homem e às plantas; pois dizíamos que elas também vivem, visto que vemos e reconhecemos que cada uma na sua espécie se preserva, se alimenta, cresce e se reproduz.²²⁶

6.2. Segundo grau: sensação

O segundo grau é o poder da alma em relação à vida sensível, sobre os sentidos e os movimentos corporais. Nessa fase a vida sensitiva dos homens equivale aos animais irracionais. Os seres humanos, por meios dos sentidos, são capazes de perceber e distinguir as coisas ao redor, sentir frio ou calor, discernir o sabor de um alimento.

Agora, conforme determinara, fica atento ao que seja o poder da alma nos sentidos e no próprio movimento de um ser animado mais perfeito nesse sentido; não pode haver nada em comum entre nós e os seres que são fixados por raízes. A alma se aplica ao tato e por ele sente e distingue o que é frio, áspero, liso, duro, leve, pesado. Além disso, discerne pelo paladar, pelo olfato, pela audição e pela visão as inúmeras diferenças de sabores, de odores, de sons, de formas. Em todas essas operações aceita e apetece o que for adequado à natureza de seu corpo; rejeita e evita o que é contrário.²²⁷

6.3. Terceiro grau: arte

Para Agostinho o terceiro grau é peculiar aos homens, corresponde ao pensamento e a racionalidade, são as intenções aplicadas nas coisas pretendidas e

²²⁶Idem, *A Grandeza da alma*. XXXIII, 70.

²²⁷Ibidem, XXXIII, 71.

na conservação das coisas obtidas. É o progresso na cultura, escrita, arte, técnicas, construções, enfim, são as invenções e produções dos seres humanos derivadas do raciocínio e da imaginação. Esse nível é comum a todos os homens independente da crença e conduta.

Ergue-te, agora, ao terceiro grau, o qual é próprio do ser humano, e pensa na memória das inumeráveis coisas, das inveteradas pelo hábito, mas gravadas e retidas pela reflexão e pelos sinais, em tantas obras de artistas, no cultivo dos campos, na construção de cidades, nas variadas maravilhas de inúmeros edifícios e monumentos, na descoberta de tantos sinais nas letras, nas palavras, nos gestos, no som de qualquer espécie, nas pinturas e esculturas, nas línguas de tantos povos, em tantas instituições, em tantas coisas novas, em tantas restauradas; pensa também no número elevado de livros, de monumentos para a guarda da memória, na tão grande preocupação pela posteridade; [...] no poder do raciocínio e da investigação, nos rios de eloquência, nas variedades de poesia, nos milhares de recursos para o divertimento e os jogos, na perícia da arte musical, na precisão das medidas, na ciência dos cálculos, na interpretação do passado e do futuro pelo presente. São grandes essas realidades e exclusivamente humanas. Mas ainda são comuns a doutos e rudes, a bons e maus.²²⁸

6.4. Quarto grau: virtude

No quarto grau começa a bondade e o louvor verdadeiro, corresponde à distinção em que a alma estabelece entre os valores terrenos e celestes. Nessa fase, no agostianismo, a nobre atividade da alma reconhece a diferença entre uma alma pura e pecadora, não deseja ao outro aquilo que não quer para si mesmo, é capaz de recorrer a Deus piedosamente para que o ajude a manter fiel. A alma, ao atingir o quarto grau, esforça em praticar a bondade, piedade, empenha-se em adquirir vigor espiritual e começa o louvor verdadeiro.

Portanto, passa e salta para o quarto grau, no qual começam a bondade e todo louvor verdadeiro. Eis por que a alma se atreve

²²⁸ Ibidem, XXXIII, 72.

a se antepor não somente a seu corpo, se ele se considera uma parte do universo, mas também ao próprio universo, a não considerar os bens do universo como seus, a discernir e desprezá-los ao compará-los ao seu poder e à sua beleza. Daí que, quanto mais se compraz em seus bens, mais se distancia das imundícies e se purifica toda e se torna cada vez mais pura e ataviada; fortifica-se contra todas as adversidades que intentam demovê-la de seu alvo e de seus projetos; mostra grande apreço pela sociedade humana e nada quer que aconteça ao outro do que não quer para si; obedece à autoridade e aos preceitos dos sábios e acredita que Deus lhe fala por meio deles. Nesta tão brilhante atuação da alma, é preciso considerar o trabalho e o grande conflito contra as adversidades e as seduções deste mundo.²²⁹

Agostinho destaca que o olhar da alma é a razão, no entanto, nem todos que olham conseguem ver. Enxerga a luz interior apenas aquele que tem o olhar virtuoso. A virtude praticada é uma característica individual, é predominante nesse estágio. O ato de ver a luz, para o filósofo, é a virtude denominada como a razão correta e perfeita. Para enxergar a verdade, o olhar da alma necessita de fé, esperança e amor. A fé antecipa o processo, a esperança traz a certeza de que verá a luz e o amor é o desejo que move tudo.

O olhar da alma é a razão. Mas como não se segue que todo aquele que olha vê, o olhar correto e perfeito, isto é, ao qual segue o ato de ver, se chama virtude: a virtude é, então, a razão correta e perfeita. [...] Já ao olhar segue a própria visão de Deus que é o fim do olhar, não porque já deixe de existir, mas porque já não há nada a aspirar.²³⁰

6.5. Quinto grau: tranquilidade

A alma que progride até o quinto grau está livre das imperfeições, purificada dos pecados apresenta uma tranquilidade. Nesse estágio o espírito atinge a pureza de coração, entende a sua grandeza e direciona-se inteiramente a Deus, começa a contemplá-lo como a verdade absoluta.

²²⁹ Ibidem, XXXIII, 73.

²³⁰ Idem, *Soliloquios*. I, VI, 13.

Neste grau ela percebe sob todos os aspectos o quanto é grande. Quando a percebe, então se dirige para Deus com confiança de certo modo imensa e incrível, ou seja, para a contemplação da verdade e para aquele altíssimo e deveras misterioso prêmio pelo qual tanto se esforçou.²³¹

6.6. Sexto grau: início da iluminação

No sexto grau, a alma deseja entender o que é verdadeiro, compreende o que é a alma e a sua perfeição, reafirma a sua integridade moral e caminha rumo ao sétimo grau. Em referência ao sexto grau, o pensador considera que o homem, com coração purificado, começa a enxergar com o olhar interior a luz da verdade.

Mas esta ação, ou seja, o desejo de entender o que é verdadeiro e sumo, é o mais sublime olhar da alma; não há outro mais perfeito, melhor e mais virtuoso. Portanto, este será o sexto grau, pois uma coisa é purificar o próprio olhar da alma para que não olhe inútil e temerariamente e enxergue o mal, outra coisa é preservar e fortalecer sua saúde, e outra coisa ainda é dirigir o olhar sereno e firme ao que pode ser visto.²³²

6.7. Sétimo grau: sabedoria

Agostinho conclui que o último grau é o mais elevado na potencialidade da alma, é a sabedoria. Chega a essa fase a alma que perpassou pelos graus anteriores e atingiu a purificação necessária para enxergar, na subjetividade, a verdade iluminada por Deus. Os graus de ascensão da alma é o percurso que torna a alma humana digna e apta a receber a luz imutável. Quando a vontade de Deus é

²³¹ Ibidem, XXXIII, 74.

²³² Ibidem, XXXIII, 75.

feita e os mandamentos praticados, os dons são derramados e a sabedoria adquirida.

Quem chegou a este grau purifica de tal modo os olhos de seu coração que não pode preferir, e sequer comparar, a Verdade suprema a nada, nem ao próximo, nem ao ser que ele mais ama, isto é, a si próprio.

Esse santo, em consequência, terá coração tão purificado, tão simples que não se apartará da verdade por interesse de agradar aos homens, nem com o fim de evitar os mil aborrecimentos que tornam infeliz esta vida presente.

Esse filho de Deus eleva-se até à sabedoria, que é o sétimo e último grau onde gozará delícias, tranquilo e em paz. “O começo da sabedoria é, com efeito, o temor de Deus” (SI 110,10 e Eclo 1,16). Dele se parte e por esse grau se há de chegar à sabedoria.²³³

O autor reúne os conceitos referentes aos sete graus quando observa que o ser vivente percorre, gradativamente, um itinerário até atingir à verdade, ao atingir o grau mais sublime, no íntimo da alma, compreende a região que habita a sabedoria abundante. No ponto de vista agostiniano o amor, a maior virtude do homem, permite vê a Deus. Quanto maior o amor, mais confiável, preciso e serena será a visão que o ser intelectual tem Dele.²³⁴

As intenções acompanhadas do amor sincero direcionam a Deus. O coração purificado, concentrado nos bens eternos é capacitado a acolher os dons divinos, uma vez que os dons são infundidos espiritualmente. Deus está pronto a conceder os dons e a luz incorpórea na inteligência do homem, entretanto, a luz é concedida apenas aos homens dispostos a acolhê-la e que estão inclinados para os bens incorruptíveis.

É certo que para Agostinho o olhar interior purificado é visivelmente presente naqueles que são mansos, humildes, misericordiosos, puros de coração, pacíficos, apresentam fome e sede de justiça. Em vista disso, o pecado obscurece a razão, cria uma parede que impossibilita a aquisição da sabedoria. Os indivíduos indispostos a abdicar a vida de prazeres terrenos não atingirão ao sétimo grau e a verdade Suprema.

²³³ Idem, *A Doutrina Cristã*. II, 7, 11

²³⁴ Idem, *A Trindade*. VIII, 9, 13.

6.8. Os sete graus da alma e a relação com as sete bem-aventuranças e os sete dons do Espírito Santo.

Incansável anunciador da sabedoria, Agostinho, organiza uma estrutura numérica e correlaciona aos sete graus da ascensão da alma, às bem-aventuranças e aos sete dons do Espírito Santo²³⁵. Alicerçado na Sagrada Escritura, assume a posição de que cada grau de potencialidade da alma corresponde a uma bem-aventurança e a um dom específico do Espírito Santo. Deus com a infinita munificência criou os dons do Espírito Santo para auxiliar aos indivíduos a adquirirem a Sabedoria, pois não existem medidas para os dons do Espírito, uma vez que são eles que conduzem o homem crédulo ao saber sublime.

É notório, nos escritos do filósofo, a existência de uma ordem gradativa na enumeração das bem-aventuranças e dos dons, uma espécie de aprimoração ou evolução da alma para edificar-se até chegar ao nível maior do saber. Assim, o primeiro grau de potencialidade da alma coincide com a primeira bem-aventurança: a humildade e ao primeiro dom do espírito, o Temor de Deus. O segundo grau refere-se à mansidão e a piedade. O terceiro grau é atribuído aos que choram e a ciência. O quarto corresponde aos que têm fome e sede de justiça e ao dom da fortaleza. O quinto grau remete aos misericordiosos e ao dom do conselho. O sexto grau aduz aos puros de coração e a inteligência. O sétimo grau compete aos pacíficos, equivale à sabedoria.

Mas o princípio da sabedoria é o temor de Deus. Assim, se gradualmente e como ascendendo nós os enumeramos, vemos que o primeiro dom é o temor de Deus; o segundo, a piedade; o terceiro, a ciência; o quarto, a fortaleza; o quinto, o conselho; o sexto, a inteligência; e o sétimo, a sabedoria.²³⁶

A temática das bem-aventuranças é enfatizada, pelo filósofo, como uma escala em que as cinco primeiras bem-aventuranças correspondem à vida terrena, enquanto as duas últimas são relacionadas à vida contemplativa. É indubitável que o pensador identifica na Sagrada Escritura que Cristo ensina o caminho para a

²³⁵ Temor de Deus, Piedade, Ciência, Fortaleza, Conselho, Inteligência e Sabedoria.

²³⁶ AGOSTINHO, Santo. *O Sermão da Montanha*. I, 11.

aquisição da sabedoria, por meio das bem-aventuranças e da oração do Pai-nosso, Jesus mostra a direção em que o homem, deseioso do conhecimento inteligível, deve seguir. A viagem apresenta sete percursos, o sujeito escolhe se prossegue o itinerário ou para em um grau específico. Aqueles que opinam seguir o caminho são imitadores de Cristo e contemplan a verdade. Deus beneficia, demasiadamente, o homem que alcança ao sétimo grau.

6.8.1. Primeira bem-aventurança: Temor de Deus

O início do processo da doutrina da iluminação divina, da bem-aventurança e da ascensão da alma é o Temor de Deus. Agostinho averigua, antes de tudo, é primordial à alma converter-se pelo temor de Deus, conhecer a vontade Dele, e assim, o buscar. Esse dom é específico aos homens humildes, não possuidores de orgulho: [...] “Bem-aventurados os pobres em espírito”, isto é, os que não são cheios de si e orgulhosos”²³⁷. Os pobres em espírito são aqueles que praticam e ensinam os preceitos ordenados por Deus, não inflige os mínimos dos mandamentos. Não mata, não se suicida, não apresenta ira e ressentimento ao próximo. Se por ventura ocorrer alguma ofensa com o irmão, aqueles que se encontram nesse grau possuem humildade para tomar iniciativa e suplicar a reconciliação de quem o injuriou.

Logo, com razão se entende aqui que são pobres de espírito os humildes e tementes a Deus, isto é, os desprovidos de todo espírito que incha. Essa bem-aventurança não poderia ter sido iniciada de outro modo, porque ela deve fazer-nos chegar à suma sabedoria, e que: “O princípio da sabedoria é o temor de Deus”²³⁸

²³⁷ Ibidem, I, 11.

²³⁸ Ibidem, I, 3.

6.8.2. Segunda bem-aventurança: Piedade

O segundo grau da perfeição e da bem-aventurança concede a mansidão e a docilidade no coração. O homem manso submete a vontade de Deus, controla as forças e as emoções e as utiliza de maneira correta. Esse fruto do Espírito gera docilidade, respeito, faz o homem preocupar-se com os outros e rejeitar completamente a violência, rancor e vingança. A mansidão é a virtude da benevolência e das boas ações.

Os mansos são aqueles que cedem diante das injustiças de que são vítimas, que não opõem resistência ao mal, mas que “vencem o mal com o bem”. Portanto, que os homens irascíveis briguem e pelejem pelos bens terrenos e perecíveis, mas “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão em herança a terra”, da qual não poderão ser despojados.²³⁹

6.8.3. Terceira bem-aventurança: Ciência

O terceiro grau é a ciência que produz a esperança e faz com que o indivíduo deseje a sabedoria. No pensamento agostiniano, o terceiro dom compete aos homens que afastam do seu coração os desejos, atos impuros e a concupiscência carnal. Nesse grau, a alma toma consciência de sua própria miséria, distingue os bens inferiores dos bens superiores.

É então que começa o fiel a descobrir os laços com que os hábitos da carne e os pecados o sujeitam a este mundo. Eis por que, neste terceiro grau, correspondente à ciência, ele chora a perda do sumo bem, sacrificado, ao aderir a bens inferiores.²⁴⁰

A ciência é harmônica aos que choram. O homem que chora assume na consciência seus erros, implora socorro e as lágrimas derramadas são consoladas

²³⁹ Ibidem, I, 4.

²⁴⁰ Ibidem, I, 10.

pelo Divino Consolador. A prisão do cativo em que se encontra é aberta e o consolo surge do alto: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”.

A ciência está em harmonia com os que choram, os quais conhecem agora, pelas Escrituras, em que duro cativo estavam aprisionados. Sem o saber, desejavam as algemas, como se fossem coisas boas e úteis. Por isso, é dito: “Bem-aventurados os que choram”.²⁴¹

6.8.4. Quarta bem-aventurança: Fortaleza

O dom da Fortaleza é a força referente àqueles que têm fome e sede de justiça. Fome e sede de justiça são as qualidades dos homens que prestam auxílio necessário ao corpo, especialmente, à alma dos necessitados. É a mão amiga que ajuda aos desfavorecidos, fornece assistência indispensável ao corpo e nas obras espirituais. A mão simboliza a ação enquanto o olho interior representa a contemplação²⁴².

No quarto grau, está o esforço aplicado pelo fiel para se apartar dos prazeres nocivos. Aí então sente fome e sede de justiça, e lhe é muito necessária a força, pois não se abandona sem dor o que se possui com agrado.²⁴³

A Fortaleza faz o homem suportar os incômodos da vida, trata-se da força do espírito: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.”

A força convém aos que têm fome e sede. Eles trabalham anelando o gozo dos verdadeiros bens e desejando desapegar seu coração do afeto às coisas terrestres e materiais. Daí se dizer: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”.²⁴⁴

²⁴¹ Ibidem, I, 11.

²⁴² Ibidem, I, 38.

²⁴³ Ibidem, I, 10.

²⁴⁴ Ibidem, I, 11.

6.8.5. Quinta bem-aventurança: Conselho

O conselho é o quinto grau, nesse estágio a alma exercita-se no amor ao próximo, aperfeiçoa-se e pratica a misericórdia, esse dom pertence aos misericordiosos de coração. Os misericordiosos são beneficiados com compaixão, ajudam aos necessitados a fim de socorrerem em suas dificuldades. Os homens perseverantes, que chegam a esse grau, têm o auxílio de Deus para ajudar e aconselhar aos oprimidos. De acordo com o bispo de Hipona, sem a ajuda divina o indivíduo não é capaz de praticar a misericórdia.

O quinto grau, dá o Senhor aos que perseveram nesse árduo trabalho o conselho para se livrarem de seus apegos. Na verdade, sem o auxílio de poder superior, ninguém é capaz de se desembaraçar das múltiplas implicações de suas próprias misérias. Ora, este conselho tão justo é que quem deseja ser protegido por alguém que lhe é superior ajude, por sua vez, a quem lhe é mais fraco. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”²⁴⁵

O homem misericordioso possui a intenção de sofrer juntamente com o irmão para tornar o fardo dele menos pesado. Esses possuem a misericórdia e a capacidade de perdoar, não alimenta em sua alma a vingança e nem devolve o mal com o mal. Os misericordiosos dão passos em direção à justiça perfeita.

Com efeito, do ponto de vista agostiniana, os homens misericordiosos estão preparados a suportar as injustiças, fraquezas e as ofensas do próximo com paciência, são aqueles que mostram a face esquerda a quem o esbofeteou a face direita, não apresentam sede de represália e ódio ao que o perseguem. Nesse grau o amor ao inimigo prevalece, à prática ao bem está acima de tudo. Uma alma misericordiosa é conduzida e inspirada no amor, pratica atos de benevolência com o irmão é as injúrias recebidas não geram ódios, mas sentimentos de compaixão²⁴⁶

²⁴⁵ Ibidem, I, 10.

²⁴⁶ Ibidem, I, 66.

O homem perfeitamente misericordioso suporta injurias, dá bom conselho, ama seus inimigos como se fossem amigos e reza pelo que os perseguem.²⁴⁷ A arrogância afasta de Deus ao passo que a humildade do coração leva a sabedoria.

O conselho corresponde aos misericordiosos. Com efeito, o único remédio para livrar-nos de tantos males é perdoarmos do mesmo modo como queremos ser perdoados; e ajudarmos os outros em tudo o que podemos, como desejamos ser ajudados em nossas incapacidades. Por esse motivo está dito: “Bem-aventurados os misericordiosos”.²⁴⁸

6.8.6. Sexta bem-aventurança: Inteligência

O sexto dom refere-se à inteligência, pertencente aos puros de coração, é a visão da alma. A pureza do coração é o olhar com o qual o homem contempla a Deus. A purificação interior faz o sujeito compreender as certezas indubitáveis.

A inteligência pertence aos que têm o coração puro, cujo olhar purificado pode chegar à contemplação. Ver “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu”. Deles está dito: “Bem-aventurados os puros de coração”.²⁴⁹

Essa bem-aventurança corresponde à simplicidade e a pureza do coração. Esse dom compete aqueles que têm um coração simples e puro, apresentam uma vida virtuosa, louvam as boas obras e as virtudes. Os possuidores desse dom não exaltam e nem gostam de ser exaltados, sabem que tudo é mérito de Deus. Aqueles que possuem esse dom não procuram os elogios e aplausos dos outros, apresentam a plena convicção que todos os elogios devem estar voltados para glorificar o Divino.

²⁴⁷ Ibidem, I, 77.

²⁴⁸ Ibidem, I, 11.

²⁴⁹ Ibidem, I, 11.

Aquele, pois, que tem o coração puro quanto ao bem que executa não visa os elogios humanos, nem se propõe obtê-los, isto é, nada faz com a intenção de procurar os louvores dos homens. O bem poderia ser simulado pela procura desse louvor, pois, não podendo ver o fundo do coração, podem vir a elogiar coisas falsas. Quem faz isso — isto é, os que simulam bondade — possui coração duplo. Logo, não possuem coração simples, coração puro, a não ser que, passando por cima dos louvores humanos ao fazer o bem, procurem somente agradar a Deus, que é o único a penetrar no fundo da consciência. Tudo o que procede de uma consciência pura é tanto mais digno de louvor quanto menos visa os louvores humanos.²⁵⁰

A boa ação praticada pelos que estão no sexto grau não é feita com a finalidade de ser vista pelos homens, mas sim, com o intuito de agradar a Deus e obter a recompensa celestial. Aqueles que desejam a salvação não almejam estimas dos outros, a vanglória como recompensa das suas obras. O louvor como recompensa as boas ações é contraditória a sexta bem-aventurança.

A sagrada escritura adverte que quando alguém der uma esmola à mão esquerda não necessita saber o que faz a mão direita. A mão simboliza o outro, uma boa ação não precisa ser vista pelos irmãos. É relevante que o Santo Doutor condena a atitude e a própria complacência nos louvores humanos, a intenção de dar uma esmola dispensa elogios introduzidos na consciência. A vangloriação e as lisonjarias humanas afastam da verdadeira sabedoria. A boa obra é uma intenção interiorizada, deve permanecer unicamente na consciência de quem a praticou.

A intenção interiorizada na alma leva ao conhecimento verídico. A pureza é um dom dado por Deus para os que merecem: “E uma só coisa é capaz de dar essa pureza: a intenção única e simples dirigida para a vida eterna pelo puro amor da sabedoria.”²⁵¹

O sexto grau é a pureza do coração. A consciência das boas obras praticadas dá ao fiel o poder de contemplar o Bem supremo, que somente pode ser visto por inteligência pura e serena.²⁵²

Uma alma misericordiosa não julga os atos dos outros, pelo contrário, interpreta da melhor maneira possível à intenção em que foi executada a atitude. Em conformidade com a Sagrada Escritura, Agostinho acredita que somente Deus

²⁵⁰ Ibidem, II, 1.

²⁵¹ Ibidem, II, 11.

²⁵² Ibidem, I, 10.

pode julgar a ação executada e a verdadeira intenção, pois todas as condutas não são ocultas ao Divino.

6.8.7. Sétima bem-aventurança: Sabedoria

O sétimo grau da bem-aventurança é a finalização do processo aquisitivo do conhecimento verdadeiro, é a própria sabedoria, isto é, a contemplação da verdade absoluta. A sabedoria restringe aos pacíficos, os possuidores desse dom recebem como recompensa o saber eterno. A última bem-aventurança imprime no homem vida semelhante com a de Cristo: “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.”²⁵³ A sabedoria é o último grau de perfeição, torna cognoscível o conhecimento inteligível na racionalidade. Aqueles que chegam a esse nível contemplam ao Bem-supremo por apresentarem inteligência pura e serena.

A sabedoria convém aos pacíficos, em quem tudo já está em perfeita ordem. Neles, movimento algum de revolta levanta-se contra a razão, mas tudo obedece à parte espiritual do homem, como ele mesmo obedece a Deus. Destes está dito “Bem-aventurados os pacíficos”.²⁵⁴

Agostinho crê que a porta do sétimo grau é estreita, poucos chegam a esse nível. Para o indivíduo aproximar-se à porta, abrir e entrar exige esforço e perseverança, e raros são aqueles que perseveram até o fim. O caminho que leva ao maior nível dos conhecimentos é estreito, sem a fé não há a possibilidade de ter acesso à sabedoria. A fim de atingir essa finalidade o olhar da alma necessita de purificação, fé e perseverança.

Como são poucos os que conseguem atingir tal ideal, começa o Senhor por falar sobre a busca e a posse da sabedoria — a árvore da vida. Para buscar e possuir, isto é, para contemplar a sabedoria, foi preparado o olho do coração [...] Assim prossegue ele: “Entraí pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e

²⁵³ Ibidem, I, 10.

²⁵⁴ Ibidem I, 11.

apertado o caminho que conduz à vida. E poucos são os que o encontram”. Essas palavras não significam que o jugo do Senhor seja duro e seu fardo, pesado, mas que raros são os que estão dispostos a se esforçar até o fim. Falta-lhes a fé naquele que clama: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.²⁵⁵

6.8.8. Oitava bem-aventurança: é o retorno à primeira

São sete as bem-aventuranças mencionadas no Livro Sagrado, contudo, o bispo de Hipona adiciona a oitava bem-aventurança que é o retorno à primeira. Na perspectiva agostiniana, depois da ressurreição de Cristo, o oitavo dia, torna-se primeiro. É a regeneração do homem novo, com efeito, é voltar-se ao ponto de partida e recomeçar. O homem recomeça todos os dias, pois o mundo exterior traz tribulações e perseguições. A posse da sabedoria é alcançada diariamente, através do processo de conversão, fé e perseverança. Todos os dias é o recomeço de uma nova caminhada, cada dia é uma escola em que o homem aprende novos conhecimentos. As experiências diárias, os erros e os acertos são cabedais de saberes. Aprender é uma habilidade humana, as lições da vida conduzem ao conhecimento sensível e inteligível, porém, o saber inteligível exige esforço para ser adquirido.

A oitava bem-aventurança volta à primeira como à sua fonte, pois a mostra elevada ao último grau de perfeição. Assim, na primeira como na oitava, encontra-se expressamente nomeado o Reino dos Céus: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”. É então que se pode dizer: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?”. São, pois, sete as bem-aventuranças que conduzem à perfeição. A oitava tudo termina e manifesta. Os primeiros graus vão recebendo uns dos outros a sua perfeição para, no oitavo, retornar ao ponto de partida.”²⁵⁶

²⁵⁵ Ibidem, II, 77.

²⁵⁶ Ibidem, I, 10.

Em suma, a sabedoria tornou-se objeto de desejo do filósofo, uma necessidade premente em sua vida, em sua concepção a alma dotada de razão eleva-se em graus potenciais. Tendo em vista a conjuntura exposta por Agostinho, a verdade é propriedade de Deus e habita no homem interior. A graça de Deus inspira o homem almejar a sabedoria, pela inteligência o homem entende Deus e alcança a sapiência.

Apesar disso, os fiéis servos de Deus não devem desesperar de obter a sabedoria concedida já nesta vida presente. Consiste ela em nos afastarmos, com extrema diligência, de tudo o que, por revelação de Deus, compreendemos dever ser evitado. E apetermos, com ardentíssima caridade, tudo aquilo que por revelação de Deus entendemos que deve ser apeterido.²⁵⁷

A alma bem-aventurada produz bons frutos que emanam dons do espírito Santo. Os frutos são progressos gradativos e consecutivos de uma vida de oração, fé, amor e perseverança. O homem para obter a iluminação divina necessita afastar-se das coisas terrenas e almejar as coisas celestiais.

6.9. A semelhança entre os sete dons do Espírito Santo e as petições do Pai-nosso.

São sete os dons do Espírito Santo e o bispo de Hipona estabelece semelhanças aos pedidos do Pai-nosso e as bem-aventuranças. A oração do Pai-nosso, tal como os dons do Espírito Santo e as bem-aventuranças, apresenta o número sete como sequências de um processo: “Os dons do Espírito Santo, os pedidos do Pai-nosso, as bem-aventuranças. O número setenário de petições parece-me concordar com aquele outro número setenário das bem-aventuranças [...]”²⁵⁸. Segundo Agostinho, a doutrina da iluminação divina é um encadeamento de etapas sucessivas, as quais a alma apresenta evolução e crescimento espiritual em sete níveis. O próprio Deus ensina e orienta o caminho em que o homem deve

²⁵⁷ Ibidem, II, 35.

²⁵⁸ Ibidem, II, 38.

percorrer para obter o conhecimento inteligível. Na passagem pelos graus à alma aproxima-se do Criador.

Na interpretação agostiniana a oração do Pai-nosso²⁵⁹ tem sete petições. As petições significam os pedidos suplicados que dividem a oração cujo o próprio Deus ensinou. Os pedidos são para fortalecer a alma a fim de que o homem cumpra os mandamentos. O indivíduo ao orar converte seu coração e a simplicidade torna-se presente. Na oração o orador faz uma prece, pede, deseja algo e com fé confia que irá obter o desejado. Reconhece a condição de inferior e da existência de um ser superior. Na oração a razão entende que existe uma luz capaz de clarear e iluminar o intelecto. A origem da luminosidade procede de Deus, pois a luz reside em Sua divindade.

A petição tem como objetivo obter a saúde e a força da alma, a fim de poder cumprir os mandamentos. A busca propõe-se descobrir a verdade, pois a vida bem-aventurada consiste na ação e no conhecimento. Ora, a ação exige o livre exercício das forças da alma. E a contemplação deseja manifestação clara da verdade das coisas. É preciso, pois, pedir uma coisa e procurar outra, a fim de se obter a primeira e encontrar a segunda. Contudo, nesta vida, o conhecimento é antes um itinerário que se deve seguir, mais do que a posse do próprio bem que se há de possuir. Só quando alguém tiver encontrado o verdadeiro caminho chegará à posse do bem; o qual, entretanto, só se abrirá a quem bater.²⁶⁰

A oração tem poder, converte, transforma e purifica a alma, através dela o homem pede, procura e bate a porta para que abra. Primeiramente, é preciso pedir com a convicção, em seguida, encontrar o caminho que conduzirá o propósito. Por último, o caminho levará a uma porta fechada, para entrar é necessário abri-la e contemplar o que existe por trás dela: “Pois todo o que pede, recebe; o que busca acha, e ao que bate se lhe abrirá”²⁶¹. Durante o percurso é indispensável à perseverança que concede a coragem e a força para prosseguir em direção daquilo que deseja.

²⁵⁹A oração do Pai-nosso consta do livro Mateus 6, 9-13 da *Bíblia*: “⁹Eis como deveis rezar: PAI NOSSO, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; ¹⁰venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. ¹¹O pão nosso de cada dia nos dai hoje; ¹²perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; ¹³e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

²⁶⁰ Op.cit. II, 71.

²⁶¹ Ibidem, II, 73.

Na oração, efetua-se a conversão de nosso coração a Deus, a ele que está sempre disposto a conceder-nos seus dons, se formos capazes de recebê-los. E nesse mesmo movimento de conversão opera-se a purificação do olho interior, à medida que são excluídos os desejos de bens temporais.

A partir desse momento, o olhar de nosso coração torna-se simples e capaz de suportar a claridade da pura luz que procede de Deus, e resplandece inalterável e sem o caso. E não somente suportar essa luz, como também permanecer nela, sem dificuldade e com gozo inefável. Esse gozo, em toda verdade e pureza, será levado à perfeição na vida bem-aventurada.²⁶²

6.9.1. Primeira petição: “Santificado seja o teu nome”.

Na visão agostiniana Deus é Santo, em razão disso, o nome dele deve ser respeitado, venerado e temido por causa da santidade. O homem necessita pronunciar o nome de Deus com demasiado respeito, nisso consiste o temor de Deus.

Com efeito, se o temor de Deus torna bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus, peçamos que o nome de Deus seja santificado entre os homens por esse temor casto que permanece por todos os séculos.²⁶³

6.9.2. Segunda petição: “Venha o teu Reino”.

A súplica “venha o teu Reino” é um pedido a manifestação de Deus aos homens²⁶⁴, com o intuito da luz inarrável não se ocultar, mas clarear, emitir e difundir em todos. Essa petição faz o céu descer a terra, mostra o poder e glória de Deus, amansa o coração do pedinte e faz com que o indivíduo escute o chamado divino. Nessa petição a alma ascende na piedade.

²⁶² Ibidem, II, 14.

²⁶³ Ibidem, II, 38.

²⁶⁴ Ibidem, II, 20.

Se a piedade faz bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão em herança a terra, peçamos que venha o Reino de Deus em nós mesmos; que nos amansemos e não resistamos à sua voz; e venha o céu sobre a terra, com o glorioso advento do Senhor.²⁶⁵

6.9.3. Terceira petição: “Seja realizada a tua vontade na terra, como é realizada no Céu”.

O homem disposto a fazer a vontade de Deus cumpre as leis divinas. Os preceitos do Onipotente, quando obedecidos, geram no sujeito a vontade de observar e obedecer aos mandamentos. Fazer a vontade de Deus na terra como no céu, é praticar a obediência na carne e no espírito. Em tudo a vontade divina deve prevalecer, o homem necessita apreciar as leis de Deus, no interior, para transformar o exterior²⁶⁶. Uma vez que isso aconteça os obstáculos dos prazeres terrenos são superados e a vontade de Deus é cumprida.

Se a ciência dá aos que choram o segredo da bem-aventurança, porque serão consolados, peçamos que se faça a vontade de Deus, assim na terra como no céu. Porque quando o corpo, simbolizado como terra, se conformar com o espírito, representado como céu, numa plena e perfeita paz, nós não choraremos mais. Pois o único motivo para chorarmos nesta vida é o combate interior que nos força a dizer: “Percebo outra lei em meus membros que peleja contra a lei de minha razão”.²⁶⁷

Agostinho afirma que aqueles que se encontram nesse grau obedecem aos mandamentos e não faz juramentos nem pelo céu e nem pela terra, uma vez que não apresenta poder sobre sua vida, o sim é sim e o não é não. As coisas são governadas pela providência divina e jurar é tomar a Deus como testemunho. Como o indivíduo não tem domínio de si e do mundo, o juramento pode torna-se

²⁶⁵ *Ibidem*, II, 38.

²⁶⁶ *Ibidem*, II, 23.

²⁶⁷ *Ibidem*, II, 38.

falso e mentiroso em um determinado momento. Para o escritor Deus é a força condutora de todos os acontecimentos.²⁶⁸

6.9.4. Quarta petição: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”.

Essa súplica apresenta três vertentes para o Santo doutor²⁶⁹, o primeiro concerne o fato de que na oração o homem admite que seja necessário pedir a Deus para prover às necessidades presentes no dia a dia, o alimento para saciar a fome, a roupa para vestir e o lar para morar. O segundo sentido remete ao sacramento do corpo de Cristo, a ceia, o pão consagrado e distribuído aos fiéis na missa. O último vertente é a palavra de Deus, o alimento espiritual que fortifica a alma, consola, orienta e sacia aos homens.

Se é a fortaleza que faz que sejam bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados, roguemos que o nosso pão cotidiano nos seja dado hoje, para que, fortalecidos e sustentados por esse alimento, possamos chegar àquela plena fartura.²⁷⁰

6.9.5. Quinta petição: “E perdoai-nos as nossas dívidas, como também perdoamos aos nossos devedores”

Nessa petição as dívidas correspondem aos pecados cometidos.²⁷¹ Ao suplicar o desejo que perdoe as nossas dívidas, não podemos recusar o perdão aos que se arrependem e vierem ao nosso encontro solicitar desculpas.

²⁶⁸ Ibidem, I, 51.

²⁶⁹ Ibidem, II, 25.

²⁷⁰ Ibidem, II, 38.

²⁷¹ Ibidem, II, 28.

Se é o conselho que faz que sejam bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia, perdoemos as ofensas aos nossos devedores e peçamos que nos sejam perdoadas as nossas.²⁷²

Segundo Agostinho, a bondade de Deus é infinita para perdoar, então, o homem deve usar a bondade e perdoar as ofensas cometidas. Se quiser o perdão de Deus pelas suas culpas deve perdoar ao próximo como gostaria que fosse perdoado. A misericórdia e o perdão são as explicações da petição, perdoar não apenas as dívidas monetárias e os devedores, mas, sobretudo, as ofensas sofridas.

Pelo que se deduz que esta quinta petição, na qual dizemos: “Perdoa-nos as nossas dívidas”, não se refere precisamente ao dinheiro, mas a que perdoemos todas aquelas ofensas que alguém tenha feito contra nós, inclusive, porém, em matéria monetária. Realmente te ofende aquele que recusa devolver o dinheiro que te deve, tendo a possibilidade de o fazer. Ora, se tu não perdoas esse pecado, como poderás dizer: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores”? Mas, ao contrário, se o perdoas, reconheces que a todo aquele a quem se manda rezar desse modo debes também perdoar as dívidas monetárias.²⁷³

6.9.6. Sexta petição: “Não nos deixes cair em tentação”

A sexta petição é o pedido para que o corpo não caia em tentação com as seduções corpóreas, mas que Deus fortaleça e conceda perseverança para suportar. Deus conhece todos os seus filhos e sabe de tudo antes que venha acontecer. A provação na vida do sujeito acontece para que conheça a ti mesmo e, sobretudo, para Deus averiguar o nível de amor para com Ele. No pensamento agostiniano “Não nos deixes cair em tentação” é uma súplica para que o homem não seja induzido na tentação, o homem não deve pedir para não ser tentado, e sim, para que não seja seduzido pelo encanto da tentação.

²⁷² Ibidem, II, 38.

²⁷³ Ibidem, II, 28.

A sexta petição diz: “E não nos exponhas à tentação”. Alguns códigos dizem: “Não nos deixes cair em tentação”. Julgo que essas palavras se equivalem, pois ambas foram traduzidas de um mesmo termo grego.

Ao rezar a oração, há quem diga: “não permitas que sejamos induzidos na tentação”, a fim de explicar melhor o sentido desta palavra: “induzir”. Por si mesmo, Deus não induz ninguém na tentação, mas permite que caia nela aquele a quem, por ocultos e justos desígnios, priva de seu auxílio, como castigo. Por vezes, julga-se que alguém mereceu ficar privado do auxílio divino por faltas manifestas. Contudo, uma coisa é ser tentado, e outra sucumbir na tentação. Pois, sem tentação, nenhum homem pode ficar provado, nem a seus próprios olhos, conforme está escrito: “Que sabe aquele que não foi provado?”.²⁷⁴

As tribulações sempre existirão na vida de qualquer pessoa, na Sagrada Escritura aparecem narrativas de vários personagens que sucumbiram à tentação como José, Filipe e Jó. As tentações e tribulações são permitidas por Deus para provar a fidelidade, visto que, são temporais e o próprio Deus concede força para suportá-las.

Diante disso, o bispo de Hipona reflete, por meio da palavra de Deus, que a tribulação é eficaz e necessária, pois produz perseverança. A perseverança produz uma virtude e a virtude fornece a esperança. A esperança nunca decepciona devido ser uma expectativa. A confiança em Deus é derramada no coração pelo poder do Espírito Santo.²⁷⁵

Agora, atrevo-me a dizer isso claramente. Se nós nos mantivermos com perseverança no caminho que Deus nos indica, o qual recebemos para nele nos mantermos, chegaremos pela Virtude e Sabedoria de Deus àquela suprema Causa, ou supremo Autor, ou supremo Princípio de todas as coisas, ou denomine-se de outro modo com mais propriedade, a essa realidade tão grande.²⁷⁶

²⁷⁴ Ibidem, II, 30.

²⁷⁵ Ibidem, II, 58.

²⁷⁶ Idem, *A grandeza da alma*. XXXIII, 76.

6.9.7. Sétima petição: “Mas livra-nos do mal”

A última petição do Pai-nosso diz respeito ao afastamento do homem pelas coisas que devem ser evitadas e a cobiça das coisas que devem ser apetecidas. É o esforço que a alma pratica na busca da sabedoria concedida na vida terrena.

A sétima e última petição é: “Mas livra-nos do mal”. Com efeito, temos de orar não somente para que sejamos preservados do mal não cometido ainda — o que se pediu na sexta petição —, mas também para que sejamos libertos daquele mal em que já estamos imersos. Tendo conseguido essas duas coisas, não teremos mais a recear tentação alguma, nem temer mal algum.²⁷⁷

Os graus são uma espécie de preparação e amadurecimento do espírito e, no último nível, a alma purificada dos pecados, mantém fiel no caminho e desfruta do conhecimento inteligível.

Na visão e contemplação da verdade, que é o sétimo e último grau da alma, o qual não é certamente grau, mas certa mansão aonde se chega pelos outros graus, como dizer qual seja a alegria, o gozo do sumo e verdadeiro bem, de cuja serenidade e eternidade é o sopro? Algumas almas grandes e incomparáveis falaram dessas coisas o quanto julgaram que deviam falar; e nós cremos que as viram e as veem.²⁷⁸

Há vista dessa formulação, para Agostinho as sete petições da oração do Pai-nosso estão divididas em duas partes: as três primeiras petições formam o primeiro grupo e as quatro últimas estão unificadas no segundo grupo. As três primeiras iniciam na vida terrena, no entanto, após a morte do corpo subsistirá por toda eternidade. A quarta, quinta, sexta e sétima petições são pertencentes à vida temporal, uma vez que, alimento, perdão e tentações são procedimentos e atuações específicas do corpo na terra e desnecessários na eternidade. A oração do Pai-nosso e as bem-aventuranças são as bússolas que direcionam as lutas diárias para obter a verdade, retratam Jesus é o percurso que fez em direção ao Pai.

²⁷⁷ Op.cit. II, 35.

²⁷⁸ Idem, *A grandeza da alma*. XXXIII, 76.

“Todos serão ensinados por Deus”, e perceberão a inefável luz da verdade, não por movimentos de corpos que a manifestem, mas pela intuição de puro entendimento.²⁷⁹

Após a exposição do filósofo africano, vale observar que a razão é a principal faculdade da alma, governa e dirige todas as demais faculdades.²⁸⁰ Agostinho enfatiza na pureza do coração e simplicidade para alcançar o conhecimento irrefutável, insiste em aconselhar para não ajuntar tesouros na terra, mas no céu. A sabedoria é a recompensa, o maior tesouro que o homem pode adquirir. Nenhum ouro ou diamante é mais valioso do que o saber divino.

Não pode haver duplicidade no coração, o homem opina entre os recursos necessários terrenos ou os bens celestiais. Ao escolher as coisas terrestres afasta-se de Deus, à medida que deseja as realidades divinas o coração centraliza no divino. A decisão pelas realidades eternas faz o indivíduo desprender-se das coisas terrenas, purifica o coração para alcançar a simplicidade do espírito²⁸¹.

Se é o entendimento que faz que sejam bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus, roguemos para não sermos induzidos na tentação de cair na duplicidade de coração, que nos faz buscar os bens temporais e perecíveis, em vez de procurarmos simplesmente o Bem único, que deveria ser o fim de todas as nossas ações. Com efeito, as tentações que se originam nos acidentes, que os homens consideram como insuportáveis calamidades, nada poderão contra nós se soubermos triunfar daquelas outras coisas que seduzem os homens, por neles colocarem toda a sua felicidade e alegria.²⁸²

O olhar interior purificado do pecado tende a tornar-se simples, a alma simples é capaz de contemplar e ver a luz. Em síntese, o filósofo ao investigar o surgimento da sabedoria, apresenta a convicção inabalável de que todos os seres humanos podem ser contemplados pela luz divina que penetra e ilumina o interior, em virtude do conhecimento imortal residir no espírito. Essa luz é o reflexo do amor incondicional de Deus que envolve a humanidade, orienta e guia:

²⁷⁹ Idem, *Sermão da Montanha*. II, 37.

²⁸⁰ Ibidem, II, 42.

²⁸¹ Ibidem, II, 53.

²⁸² Ibidem, II, 38.

E como ninguém pode existir por si mesmo, assim ninguém pode tornar-se sábio por si mesmo, mas por aquela luz da qual está escrito: “Toda sabedoria vem do Senhor.”²⁸³

Implantador da fé verdadeira, Agostinho, revela que Deus concede, aos que suplicam com piedade, o entendimento com a intenção de que discerne e compreenda a essência da verdade. Aquele que conserva e pratica as leis de Deus, diariamente, adquire aos dons espirituais e alcança a sabedoria. O esforço e a boa ação que o sujeito pratica são apoiados e derivados da fé. A fé e a razão são os alicerces firmes e condutores a verdade incorruptível.

Portanto, como foi exhaustivamente exposto, deve-se reconhecer que a doutrina da iluminação divina condiz com a difusão de uma luz transmissora do saber eterno a mente humana, refere-se a uma luz inextinguível, inefável e inenarrável que reside unicamente em Deus. Embora à imagem do Criador esteja presente em todos os homens, nem todos reconhecem a imagem na interioridade. A alma humana que não reconhece a sua procedência, não conhece a si mesma, não direciona o olhar da consciência a Deus, não alcança a sabedoria. Aquele que ama e lembra-se de si mesmo, ama a Deus.

Nota-se, desse modo, que o espírito para desfrutar da sabedoria necessita da autoconsciência, recordar, entender e amar a Deus, apresentar essas faculdades no intelecto e a magnificência adoração ao Pai. O homem possuidor da consciência de si, de sua origem avança em passos firmes ao maior grau dos conhecimentos, nesta forma, é gerada a sabedoria pela iluminação. Esse processo não é feito pelo próprio indivíduo, mas pela fé, participação, graça e iluminação de Deus. A contemplação ao Altíssimo é uma reciprocidade da alma a Deus e de Deus a alma. As faculdades naturais do homem, isto é, a memória, a inteligência e o amor são capazes de perceberem a imagem transcendental de Deus que reside na subjetividade:

Qualquer é capaz de perceber, por uma espécie de intuição viva, em sua mente, essas três faculdades naturais criadas por Deus e o grande bem que elas representam, pois, por meio delas podemos recordar, contemplar e amar a imutável e eterna Natureza, ou seja, podemos recordá-la pela memória, contemplá-la pela inteligência e estreitá-la pelo amor. Sim, o fiel descobre em si a imagem da excelsa Trindade. Deve ele empenhar-se com toda as suas energias vitais na recordação,

²⁸³ Idem, *Enquirídio sobre a fé, a esperança e a caridade*. 1.

visão e amor dessa sublime Trindade, para conseguir recordá-la, contemplá-la e deleitar-se nela.²⁸⁴

Assim, no âmbito dessa discussão, para chegar a Deus é necessário à inteligência. O ideal filosófico de Agostinho se refere à sabedoria divina, uma luz que purifica o coração e clareia a mente. Isso permitiu ao pensador concluir que Deus é o bálsamo da verdade, encontra-se em um lugar acessível, em outras palavras, no espírito, no íntimo da alma. A verdade é Deus, Ele é a lâmpada acesa, a luz que ilumina a natureza da alma intelectual. A natureza intelectual do homem é luz, luz que reflete a luz iluminadora, pois o homem sendo luz poderá contemplar a luz interior.

Os bens incognoscíveis situam-se dentro do homem: [...] mas dentro de mim, no íntimo recesso do meu pensamento, estaria a verdade, que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara [...]²⁸⁵

Agostinho visa que o conhecimento verídico é a sabedoria de Deus. O Autor do mundo conhece plenamente a sua obra de arte, é o único capaz de conduzir ao homem o caminho que leva a verdade. A alma é a maior expressão de Deus, pois através do espírito Deus une-se ao homem. Nenhuma outra natureza interpõe entre o Criador e as criaturas racionais.

Em suma, a concepção de verdade agostiniana pode ser resumida como: verdade que é o próprio Deus transcendente encontrado na subjetividade. Em Agostinho, a verdade ainda que tenha sua fonte fora do homem está na interioridade. Finalmente, e como consequência do que foi dito, é importante registrar que a verdade, de acordo com o filósofo africano, é única a todos, embora cada um a veja com o seu próprio olhar interior. Às bordas dessa discussão aparecem, sem muitas dúvidas, nos escritos de Agostinho a relação homem, Deus e verdade. Essa interdependência é fundamental no desenvolvimento da doutrina da iluminação divina.

²⁸⁴ Idem, *A Trindade*. XV, 20, 39.

²⁸⁵ Idem, *Confissões*. XI, 3.

7. Considerações finais

Haja vista, a exposição apresentada das meditações filosóficas de Agostinho, é possível analisar uma dinâmica intelectual, que, inquestionavelmente, discorrem em torno do problema central relativo à epistemologia. É notória a influência de Platão e Aristóteles em seu pensamento e as repercussões do contexto histórico da antiguidade. A filosofia de Agostinho abre um horizonte extremamente correlacional a filosofia platônica, mas de maneira cristianizada e renovada. Tendo em vista que o filósofo apropria-se dos escritos platônicos, retoma as reflexões epistemológicas e desencadeia a elaboração da doutrina da iluminação divina.

O amor à sabedoria fez Agostinho investigar a verdade sólida, com ardor e insistência não se aquieta perante as dificuldades, o afã na investigação não o desanima, deseja a posse da sabedoria imutável, invisível aos olhos corporais. Não repousa o seu espírito até encontrar uma verdade dogmática, quando o objeto de sua busca é encontrado, torna-se um novo homem e professa o cristianismo como a verdade.

Ao cristão basta crer que a causa de todas as realidades criadas, tanto as celestes quanto as terrestres, as visíveis ou as invisíveis, deve ser atribuída unicamente à bondade do Criador, que é Deus único e verdadeiro; que não existe nenhuma natureza fora dele, ou que dele não dependa; que ele é a Trindade, quer dizer, Pai e Filho, gerado pelo Pai, e o Espírito Santo, que procede do mesmo Pai; na realidade, o único e mesmo Espírito do Pai e do Filho.²⁸⁶

O discurso agostiniano evidencia argumentos plausíveis referentes à existência de um conhecimento inalterável. Após superar a fase cética, atesta que a racionalidade do homem obtém veracidades, elabora premissas para provar a capacidade do indivíduo em adquirir certezas do mundo físico e das realidades que o cerca, por intermédio dos sentidos. Fica claro, para ele, que a sapiência existe no sujeito, o homem não é um livro com páginas em branco, na racionalidade subsistem conhecimentos adquiridos diariamente pelos órgãos

²⁸⁶ Idem, *Enquirídio sobre a fé, a esperança e a caridade*. 9.

sensíveis. Na ótica agostiniana o homem é o protagonista da epistemologia, os sentidos e a razão são primordiais para a posse de um conhecimento. É protagonista na medida em que participa ativamente da construção da sapiência.

Comprovado os saberes sensíveis, o objetivo primordial na vida do bispo de Hipona era averiguar os meios que permitem o indivíduo adquirir os conhecimentos inteligíveis.

Ora, uma alma racional — mesmo cega pela paixão — chega a pensar e raciocinar. Nessa circunstância não se deve atribuir a ela mesma o que há de verdadeiro em seu raciocínio, mas sim à luz da verdade que a ilumina, ainda que fracamente e na proporção de sua capacidade.²⁸⁷

As observações o levaram a crer nas explicações de um Ser superior aos homens e de uma luz divina na intelectualidade. No auge da busca a sabedoria, identifica a razão superior aos sentidos pela capacidade de raciocinar, no entanto, incapaz de adquirir por si mesma os saberes sobrenaturais. Não se pode olvidar que Agostinho procurou um argumento preciso para comprovar que o ser humano pode adquirir a verdade eterna. Referindo-se a verdade, para o filósofo africano, está na subjetividade.

Não obstante, uma coisa é o que se vê na alma, outra coisa é a luz que ilumina a alma para que possa contemplar em si ou em outro todas as coisas entendidas de acordo com a verdade; pois a luz é o próprio Deus, mas a inteligência é uma criatura, embora racional e intelectual criada à imagem divina, a qual, quando intenta contemplar essa luz, agita-se em sua fraqueza e se torna menos capaz. Daí o fato de que ela entende conforme pode.²⁸⁸

Para desenvolver a teoria da iluminação divina, Agostinho demonstra, em seus diálogos, que as sensações dão algumas certezas inquestionáveis do mundo físico, mas não do mundo inteligível. O homem, por sua vez, é limitado, incapaz de possuir a ciência divina, somente alguém sagrado, eterno e sublime retém a verdade. O fundamento da filosofia agostiniana prescindiu um ser absoluto o qual possui todos os conhecimentos existente, responsável pelo ordenamento do

²⁸⁷ Idem, *Sermão da Montanha*. II, 32.

²⁸⁸ Idem, *Comentários aos Genesis*. XII, XXXI. 59.

universo, nesse contexto, é possível concluir, que Deus é o verdadeiro possuidor da verdade e somente Ele a revela ao homem por meio de uma luz.

Deus é a fonte de onde mana a verdade, o sujeito racional não se torna sábio por si mesmo, visto que as realidades transcendentais são adquiridas pela luminosidade divina. Agostinho crê que o conhecimento está contido no intelecto e o sábio é aquele que tem a posse do conhecimento inteligível.

Portanto, creio que o que conhecemos está contido somente no intelecto e somente com ele se pode compreender. Daí se deduz que, se está com Deus aquilo que o sábio conhece pelo seu intelecto, tudo o que o sábio conhece pode estar com Deus.²⁸⁹

A razão é o olhar interior, a parte do homem responsável por questionar, julgar e entender, nessa lógica, é a única parte que pode obter o conhecimento divino por intermédio da luz: “Sei que a sabedoria é uma substância incorpórea e uma luz que permite que se veja tudo o que os nossos olhos carnaís não conseguem ver.”²⁹⁰ A doutrina da iluminação divina consiste, em Deus revelar à razão humana, o conhecimento das realidades divinas, é a transmissão do saber eterna a mente do homem. A sabedoria é infundida por Deus no intelecto, no íntimo da alma, com base nessa emissão o olhar interior contempla a verdade ontológica.

O Filho de Deus é o mestre interior, ensina aos homens a chegarem à sabedoria e a contemplarem a verdade diáfana do Pai. Jesus instrui na Bíblia que as bem-aventuranças junto aos dons do Espírito Santo e a oração diária conduzem o indivíduo a ter uma vida virtuosa. Por meio da virtuosidade da alma o espírito purifica-se para enxergar a luz procedente de Deus. O conceito chave para o bispo de Hipona concerne que a alma, na aquisição da verdade, necessita de fé, conhecer a si mesmo e percorrer os sete graus de potencialidade, os quais preparam a alma para contemplar a verdade que existe na subjetividade. O conhecimento é assegurado quando a mente humana reconhece Deus, mediante a aceitação da presença divina, no intelecto. As respostas das questões que perturbavam Agostinho foram adquiridas com clareza e perspicácia na Sagrada Escritura. Através da Palavra de Deus, o bispo de Hipona encontrou o caminho

²⁸⁹ Idem, *A Ordem*. II, I, 5.

²⁹⁰ Idem, *A Trindade*. XV, 8,14.

condutor a sabedoria. Sem dúvida, apoiado na infalibilidade divina, Agostinho reconhece a sabedoria em Deus.

Portanto, Cristo é poder e sabedoria de Deus, porque procede do Pai, poder e sabedoria, sendo ele mesmo, também poder e sabedoria. Isso do mesmo modo como se diz: Luz da Luz, que é o Pai, e fonte de vida junto a Deus Pai, que é ele mesmo, fonte de vida. Assim diz o salmista: Porque em ti está a fonte da vida, e na tua luz vemos a luz (Sl 35,10), porque, assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo (Jo 5,26). E: era a luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo homem (ib. 1,9). Porém, Deus é luz e nele não há treva alguma (1Jo,1,5). Mas ele é uma luz espiritual, não corporal. Espiritual, não no sentido de iluminação semelhante à que Cristo se refere falando aos apóstolos: vós sois a luz do mundo (Mt 5,14), mas luz que vindo ao mundo ilumina todo homem, isto é, a mais sublime sabedoria que é Deus.²⁹¹

Agostinho contrasta que à alma retém o conhecimento ontológico, está gravada dentro do homem a luz da face de Deus²⁹². Existe, na verdade, uma excelência da alma que a faz receber a luz esplêndida, essa luz inebria a mente e revela a ciência celestial. Há, basicamente, um modo de compreender a iluminação divina: é a revelação de Deus a inteligência por intermédio de uma luz inexprimível.

O conhecimento inteligível encontra-se internamente, na mente, desde o momento da criação, Deus clareia a mente para que o homem visualize aquilo que está na subjetividade. Fica claro a existência da natureza divino no homem, segundo o pensador, na mente humana habita a presença divina, e por meio dessa participação, Deus revela ao indivíduo o conhecimento sobrenatural, com a intenção de contemplar as realidades incorruptíveis.

O acesso à realidade divina necessita da mediação de Deus. Essa questão aponta para a necessidade do homem perceber que o pensamento é algo divino. A incognoscibilidade de Deus é transmitida ao espírito humano pela vontade do Artesão. O autor tece que a mente humana apresenta a imagem de Deus, possui uma faísca da mente divina. Na criação Deus depositou na inteligência do homem uma centelha do intelecto divino, para o bispo de Hipona no interior de todos dos humanos habita a verdade.

²⁹¹ Idem, *A Trindade*. VII, 3, 4.

²⁹² Idem, *Confissões*. IX, 4.

Conclui-se, finalmente, que a sabedoria do homem é a sabedoria de Deus, é a luz imutável e radiante a qual acende e ilumina a alma racional que reconhece a procedência da luz. Deus é a pura verdade e toda a sua criação apresenta fragmento de sua sabedoria. Do ponto de vista agostiniano a doutrina da iluminação divina deve ser entendida como o resultante de uma iluminação divina expressada por Deus no espírito do homem. Somente pela ação divina o conhecimento inteligível é concebido.

Agostinho passou a contemplar a verdade suprema na subjetividade e depositar no sobrenatural o fundamento de sua filosofia. Em última análise, Deus que é superior à criatura racional, criou, por sua vontade, o ser humano para participar da natureza divina, nisso consiste a verdadeira sabedoria, o homem contemplar em sua interioridade o Ser divino e as realidades eternas.

O alcance da sabedoria, na filosofia do bispo de Hipona, está além do homem e dos sentidos, é uma correlação da mente e Deus. A intelectualidade juntamente a intimidade com Deus permite o homem chegar ao conhecimento indestrutível. Para que a iluminação aconteça o indivíduo necessita caminhar um itinerário, no qual a alma necessita elevar-se em sete graus de potencialidade em preparação para contemplar a verdade existente na subjetividade.

Existe uma hierarquia epistemológica nos graus, a alma que avança de grau em grau, se eleva até o último grau e contempla a inefabilidade divina. Os graus são um altar erguido na interioridade do homem fortalecido pela fé. O progresso nos graus faz o ser dotado de razão entender que em sua essência está Deus. Importante se faz ressaltar que existe um início, o ponto de partida é a fé, esse dom concedido por Deus é o elemento essencial, o primeiro passo, o começo do percurso em direção ao saber divino.

É lícito concluir a importância da doutrina da iluminação divina no pensamento do filósofo, a questão da iluminação é central em sua filosofia. A presença da iluminação na interioridade do homem é marcante em seu pensamento, é um processo que envolve a relação do homem com Deus. Duas causas são importantes na iluminação, à primeira diz respeito ao conhecimento de si mesmo e a outra a fé em algo. A iluminação é o saber gratuito em que uma luz penetra no interior do homem, ilumina e revela as realidades atemporais. Nesse sentido, a produção do conhecimento ontológico é o resultante da iluminação

divina expressada por Deus no espírito do homem. Na união do homem com Deus a sabedoria é revelada.

Agostinho, foi um grande filósofo da história da filosofia, escreveu obras importantes e profundas, que influenciou o ocidente. Em seus escritos combate às heresias e o paganismo professado por diversas seitas e doutrinas da antiguidade. Suas obras inspiraram o pensamento filosófico e teológico na idade média e na modernidade.

É evidente que os assuntos abordados pelo Santo doutor apresentam relevância nas discussões da atualidade, por mostrar a importância da racionalidade do indivíduo na construção do conhecimento. Agostinho valorizou a intelectualidade do homem como meio de atingir o conhecimento. A reflexão filosófica agostiniana acerca da interioridade do homem impactou a história da filosofia e influenciou pensadores posteriores. As discussões desse importante pensador, apesar de manifestada distante temporalmente, se encontra presente nos debates filosóficos atuais.

A colocação do autor teve uma importância crucial no registro da história e desempenha um papel fundamental na filosofia. Suas obras tornaram-se essenciais para a construção de um discurso a respeito da racionalidade, na aquisição epistemológica. Abrem caminhos para novas discussões, a refutação atribuída ao ceticismo acadêmico mostra que o conhecimento verdadeiro existe no homem, não é algo improvável ou impossível. Negar a importância da obtenção de um conhecimento na história da filosofia é varrer para debaixo do tapete as discussões filosóficas em épocas distintas.

Vale lembrar que o pensamento de Agostinho de Hipona, centralizado na interioridade do homem, influenciou muitos pensadores como os célebres, Tomás de Aquino, Martin Lutero, Descartes, Giovanni Pico. A Modernidade foi o período em que mais comentou a influência da subjetividade e racionalidade, importante concepção no ponto de vista agostiniano que repercutiu na filosofia, de modo especial, tornou-se objeto de estudo. As formulações, a respeito do conhecimento celestial são um dos pilares de sua filosofia e, por isso, pilares da constituição de um modo particular de perceber a aquisição do saber. Dessa forma, o trabalho ressaltou o conceito da doutrina da iluminação divina, tema polêmico e complexo, no pensamento de Agostinho de Hipona.

Assim, a dissertação buscou delinear os aspectos centrais e relevantes da extensa obra de Agostinho em referência ao tema da iluminação divina enquanto uma forma de repercussão filosófica na questão epistemológica, em especial, as discussões referentes à posse da sabedoria na subjetividade do homem.

8. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos** - parte I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. (Coleção Pensamento Humano)

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos** - parte II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. (Coleção Pensamento Humano)

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. Tradução Nair de Assis Oliveira. Revisão H. Dalbosco e P. Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística, 17)

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (I)**. [O espírito e a letra. A natureza e a graça. A graça de Cristo e o pecado original]. Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo, Paulus, 1998. (Coleção Patrística, 12)

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (II)**. [A graça e a liberdade. A correção e a graça. A predestinação dos santos. O dom da perseverança]. Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo, Paulus, 1999. (Coleção Patrística, 13)

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Tradução Agostinho Belmonte. Revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, 7)

AGOSTINHO, Santo. **Comentário ao Gênesis**. [Comentário literal ao gênesis. Sobre o Gênesis, contra os maniqueus. Comentário literal ao Gênesis, inacabado]. Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Patrística, 21)

AGOSTINHO, Santo. **Comentários aos Salmos: Salmos 1-50**. Trad. Monjas Benedictinas. revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística, 9/1)

AGOSTINHO, Santo. **Comentários aos Salmos: Salmos 50-100**. Trad. Monjas Benedictinas; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística, 9/2)

AGOSTINHO, Santo. **Comentários aos Salmos: Salmos 101-150**. Trad. Monjas Benedictinas. Revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística, 9/3)

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante; revisão Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; O mestre.** Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Patrística; 24)

AGOSTINHO, Santo. **De ideis.** Disponível em: http://www.augustinus.it/latino/ottantatre_questioni/index2.htm. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho (não publicado).

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio.** Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

AGOSTINHO, Santo. **Sobre a potencialidade da alma.** Tradução de Aloysio Jansen de Faria. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

AGOSTINHO, Santo. **O sermão da montanha e escritos sobre a fé.** [A fé e as obras. A fé nas coisas invisíveis. Enquirídio sobre a fé, a esperança e a caridade. O símbolo aos catecúmenos]. Intr. E tradução Nair de Assis Oliveira; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2017. (Coleção Patrística, 36)

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios; A vida Feliz.** Revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística, 11)

Bíblia Sagrada [tradução dos originais hebraico e grego pelos monges de Maredous (Bélgica)] 69ª edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1987.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo: história, filosofia e religião.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho.** 4ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção 10 lições)

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** 2.ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

PLATÃO. **A República.** Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-repc3bablica-platc3a3o-fcg-5c2aa-ed-1987.pdf>. Acesso em: janeiro de 2019.

PLATÃO. **Diálogos - O Banquete; Fédon; Sofistas.** Político. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1972. (Coleção os pensadores). Disponível em: <https://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>. Acesso em: janeiro de 2019.

PLATÃO. **Timeu – Crítias.** Tradução Rodolfo Lopes, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.